



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

João Paulo da Silva Nascimento

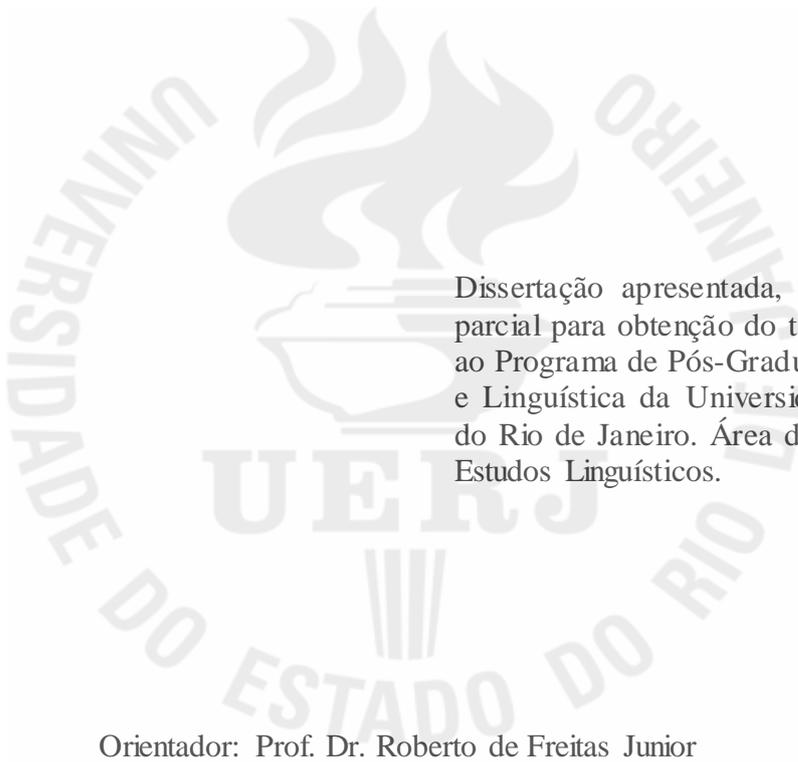
Indícios de representações cognitivas na gramática diassistêmica: o caso de [(ESP) N (X)] no *constructicon* multilíngue de anglófonos aprendizes de PB

São Gonçalo

2022

João Paulo da Silva Nascimento

**Indícios de representações cognitivas na gramática diassistêmica: o caso de [(ESP) N
(X)] no *constructicon* multilíngue de anglófonos aprendizes de PB**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Roberto de Freitas Junior

Coorientadora: Prof.^a Dra. Lia Abrantes Antunes Soares

São Gonçalo

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

N244 Nascimento, João Paulo da Silva.
Indícios de representações cognitivas na gramática diassistêmica: o caso de [(ESP) N (X)] no *constructicon* multilíngue de anglófonos aprendizes de PB / João Paulo da Silva Nascimento. – 2022.
141f.il.

Orientador: Prof. Dr. Roberto de Freitas Junior.
Coorientadora: Prof.^a Dra. Lia Abrantes Antunes Soares.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Gramática cognitiva – Teses. 2. Aquisição da segunda língua – Teses. 3. Língua portuguesa – análise do discurso – Teses. I. Freitas Junior, Roberto de. II. Soares, Lia Abrantes Antunes. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. IV. Título.

CRB/7 – 4994 CDU 806.90-5

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

João Paulo da Silva Nascimento

**Indícios de representações cognitivas na gramática diassistêmica: o caso de [(ESP) N (X)]
no *constructicon* multilíngue de anglófonos aprendizes de PB**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 02 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Roberto de Freitas Junior (Orientador)

Faculdade de Formação de Professores – UERJ



Prof.ª Dra. Lia Abrantes Antunes Soares (Coorientadora)

Universidade Federal do Rio de Janeiro



Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer

Faculdade de Formação de Professores – UERJ



Prof. Dr. Paulo Antonio Pinheiro Correa

Universidade Federal Fluminense

São Gonçalo

2022

Durante todo seu desenvolvimento (2021-2022), este trabalho foi financiado com Bolsa de Pesquisa (DS) concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Deixo, portanto, meu especial agradecimento.

DEDICATÓRIA

Às mulheres da minha vida: à minha mãe, Clemilda Reginalda da Silva, que sempre deu e dá muito de si em prol do bem-estar e da felicidade de seus filhos; à Maria Luzinete do Nascimento Silva, in memoriam; à Danielle Reis Araújo, por tantas e intraduzíveis forças.

Aos próximos linguistas brasileiros que queiram desbravar o universo até então pouco difundido dos estudos em aquisição de linguagem na perspectiva da Gramática de *Construções Diassistêmica*.

AGRADECIMENTOS

Ter realizado o Mestrado em meio à pandemia de COVID-19 (e à ‘gestão’ genocida do atual ex-governo) faz-me atribuir um peso grandioso aos agradecimentos desta Dissertação, haja vista todas as dificuldades emocionais, psicológicas e físicas que se colocaram em meu percurso de modo muito peculiar. Estar vivo para celebrar a concretização desta pesquisa, em um contexto em que tantos de nós fomos furtados de nossos sonhos precocemente, por si só, já é um motivo de agradecimento. E assim gostaria de começar este texto: agradecendo a Deus pela vida, pelo fôlego e pelo sustento diário!

Aqueles que me conhecem sabem que acredito fortemente no poder libertador da educação. Por isso, não posso encerrar estes agradecimentos sem expressar meus sentimentos de gratidão a quem esteve de perto não só acompanhando este caminho, como também me dando forças de diferentes maneiras para progredir e alcançar os meus objetivos. Então, sou grato publicamente:

À minha família nuclear (mãe e irmãos), por todo incentivo e apoio na minha busca incessante por uma educação de qualidade. Mormente, à minha mãe, a quem também dedico esta Dissertação, por desde sempre ser sinônimo vivo de força, cuidado e amor. Também agradeço particularmente à minha irmã mais velha, Ana Carolina, pela compreensão e admiração, que é recíproca; e ao meu gato, Brownie, por tanto carinho.

À minha avó, Maria Luzinete, quem, mesmo não estando mais neste plano, continua me inspirando a buscar diariamente a superação de minhas versões anteriores.

À Danielle, absolutamente por tudo, principalmente por ter sido a personificação de minha força e de meu ânimo ao longo do Mestrado. Ainda passando por este mesmo processo formativo, no mesmo PPG e no mesmo período, sempre me ofereceu esperança, carinho, amor e cuidado. Obrigado por não ter me deixado desistir e por incontáveis vezes ter me mostrado que sou muito maior do que o cansaço e o desânimo que ronda com naturalidade este país infelizmente inóspito.

Por feliz e natural extensão, a toda família Araújo, pela acolhida cotidiana e por terem, com paciência, me escutado falar tantas vezes dos desafios desta pesquisa. Obrigado, Luciane, Pedro, Priscila e Renan pela convivência cordial e pelo incentivo.

Aos meus poucos, porém verdadeiros, amigos que renova(ra)m meus ânimos. Em especial, agradeço à Eduarda, à Lívia, à Beatriz, ao Arthur e à Gabriele por terem nutrido comigo/em mim uma relação de amizade muito rara nos dias tão líquidos por nós vividos.

Particularmente, enfatizo meus votos de gratidão a Eduarda, cuja convivência diária é sempre muito presente: obrigado, minha amiga, por todos estes anos e pelo apoio e investimento em meus sorrisos neste último ano de Mestrado!

Aos meus orientadores/amigos, Roberto de Freitas Junior e Lia Abrantes Antunes Soares, meus “pais acadêmicos” e parceiros de trabalhos (no plural mesmo!), os quais desde que entraram em minha vida, em 2017, têm sido essenciais em minha jornada pessoal e acadêmica: MEU MUITO OBRIGADO por acreditarem neste projeto, que já obteve aprovação para prosseguimento em nível de Doutorado! Que continuemos nesta nossa jornada com amizade, respeito e parceria!

Ao Núcleo de Estudos sobre Interlíngua[da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelas discussões cruciais ao desenvolvimento desta pesquisa. Merece destaque o nome do amigo Ruan, com quem diversas vezes troquei muitas reflexões teóricas essenciais a este trabalho.

Aos meus ex-professores do Colégio Estadual Professor José Accioli e da Faculdade de Letras - UFRJ, que me ensinaram a ser professor e pesquisador. Na mesma medida, aos professores com quem aprendi e construí uma sólida formação no Mestrado no PPLIN-UERJ, em especial, Roberto de Freitas Jr., Marcos Luiz Wiedemer e Mariângela Rios de Oliveira. Sou grato pelas oportunidades de crescimento acadêmico e pessoal, leituras atentas e sugestões sempre tão certas ao longo dos cursos ofertados e em outros contextos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ter financiado esta pesquisa em um contexto político em que isso, infelizmente, tem sido cada vez mais escasso.

Aos meus ex-alunos do Colégio Pedro II (*Campus São Cristóvão I*), que me deram o privilégio de enxergar o mundo sob outras lentes e ratificaram meu propósito social em um momento em que tanto precisava. Igualmente, à querida amiga Aline Lanzillotta, por ter me dado tantas reflexões companheiras e aconchego no período em que atuei sob sua coordenação como Professor de Literatura no CPII/CSC1.

Aos participantes desta pesquisa, por terem me dado o privilégio de me construir professor de português para falantes de outras línguas e, é claro, terem cedido muitas de suas produções para a composição da aba “textos de aprendizes estrangeiros” do *Corpus NEI*].

Aos psicólogos Renata Revoredo e Artur Gomes, que me ajudaram, cada um à sua maneira, a contornar a ansiedade, a procrastinação e às crises no processo de finalização do Mestrado.

Aos professores componentes da banca avaliadora, inclusive os professores suplentes: Maria Maura Cezário (UFRJ) e Dennis da Silva Castanheira (UFF). Primeiramente, por terem aceitado o convite à reflexão conjunta sobre meu trabalho desde o Exame de Qualificação, a partir do qual pude aperfeiçoar meu olhar científico para meu objeto e meu aparato teórico. Em segundo lugar, pelas sugestões que — tenho certeza — serão feitas com muito esmero nesta defesa pública! Então, desde já, obrigado, professores Marcos Wiedemer (principalmente!) e Paulo Correa!

Por fim, sem medo de soar inapropriado, gostaria de agradecer também a mim mesmo. Sim, a mim mesmo: por ter me desafiado, me doado e vencido barreiras das quais só eu mesmo sei... Que eu possa sempre me lembrar de ser grato a mim mesmo e justo com meu processo nos mínimos detalhes.

If we assume that multilingualism is not only widespread but, in a way, a fundamental characteristic of the human language faculty, then there is a need for a theoretical approach to multilingual language use, which integrates this perspective into the grammatical description of multilingual speakers' linguistic knowledge, or at least a coherent description of the interrelations between the languages involved. This implies a multilingual system that captures both language-specific and multilingual structures as interdependent parts of one grammatical and lexical system.

Steffen Höder

RESUMO

NASCIMENTO, João Paulo da Silva. *Indícios de representações cognitivas na gramática diassistêmica: o caso de [(ESP) N (X)] no constructicon multilíngue de anglófonos aprendizes de PB*. 2022. 141f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

Nesta pesquisa, analisamos usos não nativos configurados pelo padrão da construção nominal [(ESP) N (X)] do PB na escrita de aprendizes estrangeiros, falantes nativos de língua inglesa. O estudo averigua, mais especificamente, ocorrências compatíveis com os padrões construcionais do PB e aquelas que apresentam algum desvio relativo à representação do *slot* especificador (ESP), que podem indicar prevalência de aspectos idioconstrucionais da língua de partida. Para tanto, aderimos aos postulados da Gramática de Construções Diassistêmica (HÖDER, 2012; HÖDER, 2020), uma versão construcional baseada no uso proposta para a abordagem de fenômenos de contato linguístico, segundo a qual o *constructicon* multilíngue molda-se a partir de relações idioconstrucionais e diaconstrucionais em uma mesma rede taxonômica. Consoante ao modelo, apostamos na hipótese de que as diferentes representações da construção nominal [(ESP) N (X)] que se mostram na escrita dos anglófonos aprendizes de PB refletem tanto a emergência de *link* diassistêmico, quanto a manutenção de aspectos línguo-específicos em nível mais subjacente. Essa hipótese se revelou a partir da observação de dados analisados em estudos anteriores em que foram identificados tanto usos convergentes da construção nominal quanto comprometidos por fenômenos de (a) apagamentos, (b) preenchimentos impróprios e (c) combinações discordantes de especificadores à esquerda de itens nominais, segundo convenções do PB. Para comprovar tal proposição, empenhamos uma metodologia de análise quali-quantitativa de 312 ocorrências de [(ESP) N (X)] em 25 textos produzidos por anglófonos aprendizes de PB, retirados do *Corpus NEI/UFRJ*. Balizamos a análise à luz de variáveis que já se mostraram relevantes em estudos anteriores (SNAPE, 2008; IONIN; MONTRUL, 2010; FREITAS Jr. *et al*, 2018, 2022; NASCIMENTO *et al*, 2019, 2020), quais sejam: (i) Tipologia de especificador; (ii) Animacidade do nominal nuclear; (iii) Estatuto informacional da construção; (iv) Papel participante da construção no contexto de uso; (v) Presença/Ausência de sintagma atributivo no *slot* (X); (vi) Tipologia de (X) quando preenchido e suas possíveis implicaturas morfosintáticas e semânticas sobre a representação de (ESP) observada; (vii) *Locus* dos fenômenos. Os resultados aludem à confirmação da hipótese, isto é, demonstram que a rede construcional multilíngue dos participantes da pesquisa comporta a formação de uma diaconstrução (mais abstrata) e idioconstruções (menos abstratas) que subjazem aos usos observados. Evidenciamos, assim, a compatibilidade da Gramática de Construções Diassistêmica, um modelo ainda recente, com a análise de fenômenos típicos do processo de aquisição de L2, conforme defendem Höder, Prentice e Tingsell (2021).

Palavras-chave: Especificadores. Construções nominais. Gramática de Construções

Diassistêmica. Aprendizagem de L2.

ABSTRACT

NASCIMENTO, João Paulo da Silva. *Evidence of cognitive representations in diassystemic grammar: the case of [(ESP) N (X)] in the multilingual construction of English-speaking BP learners*. 2022. 141f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

In this research, we analyzed non-native uses configured by the pattern of nominal construction [(ESP) N (X)] of BP in the writing of foreign learners, native English speakers. The study investigates, more specifically, occurrences compatible with the constructional patterns of BP and those that present some deviation related to the representation of the specifier slot (ESP), which may indicate the prevalence of idioconstructional aspects of the source language. To this end, we adhere to the postulates of the Diassystemic Construction Grammar (HÖDER, 2012; HÖDER, 2020), a constructional version based on the proposed use for the approach of linguistic contact phenomena, according to which the multilingual construction is shaped from idioconstructional and diaconstructional relations in the same taxonomic network. Depending on the model, we bet on the hypothesis that both convergent written representations and those compromised by phenomena of deletion, improper filling and discordant combinations of specifiers to the left of nominal items may reflect the performance of cognitive processes of general domain that sometimes enable the emergence of a diassystemic link, or the maintenance of specific aspects at a more underlying level, which are reflected in (super) visible generalizations in L2 writing. To prove this proposition, we employed a methodology of quantitative and qualitative analysis of 312 occurrences of [(ESP) N (X)] in 25 texts produced by English-speaking apprentices of BP, taken from the *Corpus NEI/UFRJ*. We have guided the analysis in the light of variables that have already been shown to be relevant in previous studies (SNAPE, 2008; IONIN; MONTRUL, 2010; FREITAS Jr. et al, 2018, 2022; NASCIMENTO et al, 2019, 2020), namely: (i) Specifier typology; (ii) Animality of the nuclear nominal; (iii) Informational status of construction; (iv) Participating role of construction in the context of use; (v) Presence/Absence of attributive phrase in slot (X); (vi) Typology of (X) when filled in and its possible morphosyntactic and semantic implications on the representation of (ESP) observed; (vii) Locus of phenomena. The results allude to the confirmation of the hypothesis, that is, demonstrate that the multilingual construction network of research participants includes the formation of a diaconstruction (more abstract) and idioconstructions (less abstract) that underlies the observed uses. Thus, we show the compatibility of the grammar of diassystem constructions, a still recent model, with the analysis of typical phenomena of the L2 acquisition process, as defended Höder, Prentice and Tingsell (2021).

Keywords: Specifiers. Nominal constructions. Diassystemic Construction Grammar. Learning L2.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Representação hierárquica da rede de construções nominais do PB	30
Figura 2 –	<i>Links</i> sintáticos básicos estabelecidos em torno de [(ESP) N (X)]	33
Figura 3 –	Representação do constructicon multilíngue	44
Figura 4 –	<i>Links</i> de heranças entre idioconstruções e diaconstruções	45
Figura 5 –	Processo de formação de diaconstruções	46
Figura 6 –	Dia e idioconstruções como relações conceptuais	47
Figura 7 –	Alofonia em perspectiva diassistêmica	49
Figura 8 –	Escopo de [(ESP) N (X)] no PB	72
Gráfico 1 –	Tipos de especificadores mais comprometidos por fenômenos	106
Gráfico 2 –	Preenchimento de (X) - Dados divergentes.....	117
Figura 9 –	Representação da atuação da identificação interlingual	120
Figura 10 –	Proposta de rede multilíngue dos aprendizes do estudo	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Composição da amostra analisada	92
Tabela 2 – Frequência de (ESP) convergentes	98
Tabela 3 – Papéis participantes detectados em produções convergentes	103
Tabela 4 – Fenômenos comprometedores de (ESP)	106
Tabela 5 – Resultados por critérios de análise	111

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Exemplário do elo de forma-sentido de construções do PB	28
Quadro 2 –	Exemplário de propriedades de construções do PB	28
Quadro 3 –	Situações de contato linguístico	40
Quadro 4 –	Construções nominais em inglês e alemão	66
Quadro 5 –	Novas perspectivas interpretativas para a interlíngua	68
Quadro 6 –	Usos inadequados de artigos mapeados por Ferrari (1990)	78
Quadro 7 –	Perfis sociolinguísticos	93
Quadro 8 –	Critérios de análise	94
Quadro 9 –	Perfis dos componentes produzidos com convergência	104

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL2	Alemão como Segunda Língua
EL2	Espanhol como Segunda Língua
ESP	Especificador
GC	Gramática de Construções
GCD	Gramática de Construções Diassistêmica
GCBU	Gramática de Construções Baseada no Uso
IL2	Inglês como Segunda Língua
LA	Língua adicional/ língua alvo
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MBU	Modelos Baseados no Uso
N	Nominal/ Nome
PB	Português do Brasil
PE	Português Europeu
SADJ	Sintagma Adjetival
SADV	Sintagma Adverbial
SN	Sintagma Nominal
SOR	Sintagma Oracional
SPREP	Sintagma Preposicional

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	17
1	POR QUE UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DIASSISTÊMICA?	22
1.1	Uma introdução à Sociolinguística de Contato	22
1.2	A abordagem construcional da gramática	25
1.3	A Gramática de Construções Diassistêmica	35
1.3.1	<u>Em busca da delimitação do campo</u>	38
1.3.2	<u>O <i>constructicon</i> multilíngue: arquitetura e processos</u>	42
2	CONTRIBUTOS TEÓRICOS PARA A APRENDIZAGEM DE L2	53
2.1	A aprendizagem de L2 como multilinguismo emergente	53
2.2	Competição, <i>coverage</i> e preempção estatística	60
2.3	Novos horizontes para o conceito de interlíngua e seus processos	64
3	PARA NÃO REINVENTAR A RODA	71
3.1	<i>Insights</i> para a análise do <i>constructicon</i> multilíngue	71
3.2	O objeto e o processo: o que demonstram alguns estudos?	77
4	ASPECTOS METODOLÓGICOS E ETAPAS DA PESQUISA	88
4.1	Dos problemas de pesquisa e da hipótese	88
4.2	Do <i>corpus</i>, dos procedimentos de coleta de dados e dos participantes	90
4.3	Do tipo e dos critérios de análise	93
5	RESULTADOS, DISCUSSÕES E CONTRIBUIÇÕES	97
5.1	Resultados	97
5.1.1	<u>Das produções convergentes</u>	97
5.1.2	<u>Das produções divergentes</u>	105

5.2	Arquitetura construcional multilíngue, complexidade e processos cognitivos diassistêmicos	118
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
	REFERÊNCIAS	128
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	139
	ANEXO B – FICHA DE PERFIS SOCIOLINGUÍSTICOS	140
	ANEXO C – LINKS DE ACESSO À AMOSTRA	141

INTRODUÇÃO

Com certa regularidade, estudos a respeito dos processos de desenvolvimento de linguagem debruçam-se sobre o questionamento acerca do que nós, falantes, sabemos quando dominamos uma língua. Apesar de inúmeras pesquisas e avanços epistemológicos na área de teoria e análise linguística ao longo dos anos, de fato, essa não é uma pergunta fácil de se responder, o que propicia uma agenda promissora de pesquisas na linguística moderna.

Independente da filiação teórico-metodológica, contudo, a ideia de que saber uma língua corresponde a uma realidade cognitiva que suplanta os limites dos “olhos nus” parece ser um axioma entre estudiosos da área de linguagem. Em outras palavras, ainda que haja distinções na maneira de se interpretar os processos por meio dos quais é abstraída uma gramática, a concepção de que o conhecimento linguístico é representado mentalmente *sui generis* mostra-se auspiciosa para nortear investigações que visem à elucubração da competência gramatical em diferentes contextos.

Em uma abordagem construcional, tal qual a defendida nesta dissertação, trabalhamos com a ideia de que nosso conhecimento linguístico se resume a um inventário permanentemente mutável de construções linguísticas: pareamentos convencionais de forma e significado (CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006). Diferentemente do que uma primeira leitura despreziosa pode induzir, “saber construções” não é uma tese minimalista, pois, a Gramática de Construções, contrariamente, trata-se de um modelo representacional de diferentes tipos de conhecimentos gramaticais. Tal modelo abarca esquemas que são canônicos, que compartilham significados não composicionais, que apresentam regras idiossincráticas e que exibem preferências colocacionais (HILPERT, 2014).

Em vista disso, responder à pergunta sobre o que intuitivamente sabemos quando dominamos uma língua, apontando que “sabemos construções”, significa dizer que somos uma espécie biológica, empírica e culturalmente equipada para um armazenamento robusto de conhecimentos linguísticos a partir da experiência com o uso de línguas e do recrutamento de processos cognitivos gerais, tais como analogia, categorização e leitura por bloco¹ (TOMASELLO, 2003; BYBEE, 2010). Nessa empreitada intelectual, há diversos estudos voltados à explicação dos processos de desenvolvimento de linguagem na primeira infância, os quais visam à comprovação da hipótese da arquitetura construcional da gramática e

¹ *Chunking* (BYBEE, 2010).

apresentam, de modo geral, a consistência do modelo teórico da Gramática de Construções, em suas diferentes versões, para explanação desse tópico de investigação (TOMASELLO, 1992, 1998b, 2000, 2006a; TAYLOR, 2002; THEAKSTON, 2004; TOMASELLO, 2003; GOLDBERG, 2019).

Em se tratando de uma L2, como aponta Goldberg (2019), essa pergunta torna-se ainda mais complexa, dado que, enquanto crianças são capazes de adquirir completa e rapidamente as generalizações da língua a que são apresentadas, aprendizes de uma L2, em geral, apresentam distinções significativas que suscitam atenção da linguística aquisicional. Ainda que a dicotomia aquisição *vs.* aprendizagem não seja produtiva no quadro da Linguística Centrada no Uso², tais distinções verificadas entre os processos de aprendizagem de L1 e de L2, provenientes de fatores como tempo de exposição, grau de experiência com a L2, idade e distâncias interlinguísticas, mostram-se relevantes para a análise da competência comunicativa³ em uma língua adicional.

Partindo do pressuposto de que o processo de aprendizagem de uma L2 configura, em princípio, um caso de contato linguístico (Cf. HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021; FREITAS Jr. *et al*, 2022), torna-se oportuna a ideia de que o (in)sucesso de aprendizes de L2 seja um indício valioso ao aprimoramento e à ampliação de investigações acerca do que realmente sabemos quando aprendemos uma língua adicional no escopo dos modelos funcionais baseados no uso. Particularmente, considerar a realidade psicológica do conhecimento multilíngue por uma perspectiva construcional baseada no uso, na qual não se defendem representações estanques das línguas envolvidas, corrobora tanto a solidificação da teoria de gramática assinalada quanto o entendimento de que o conhecimento a respeito de uma L2 é perpassado, dentre outros aspectos, por (super)generalizações simétricas ao que há de comum e de idiossincrático entre os sistemas linguísticos envolvidos.

Em torno dessa premissa, tem se desenvolvido um novo modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) cujo foco são as situações de contato linguístico: a Gramática de Construções Diassistêmica (HÖDER, 2010; 2012). Apesar de não se tratar de uma nova teoria⁴, mas de uma proposta adaptada da GCBU, as investigações desenvolvidas

² Trata-se de uma teoria linguística que apresenta um modelo de desenvolvimento de linguagem que não se restringe de modo rígido a um período “crítico” específico, ainda que reconheça o papel da maturação do organismo. Nesta visão a linguagem se desenvolve continuamente ao longo das experiências dos falantes com uso(s) de língua(s), de modo que os termos “aquisição” e “aprendizagem” passam a ser tratados como sinônimos.

³ Referimo-nos à competência comunicativa de Hymes (1996), englobando, também, o conhecimento gramatical.

⁴ Apesar de o próprio idealizador do modelo afirmar isso, essa é uma discussão que podemos e devemos levantar. Falaremos mais sobre isso na segunda parte do Capítulo 1.

na ancoragem da GCD estão potencializando questionamentos e reformulações na maneira de contemplar fenômenos multilíngues. Alguns desses *insights*, por exemplo, são:

- i. Se falantes multilíngues podem utilizar as mesmas construções⁵ nas diferentes línguas com as quais lidam, como armazenam e processam particularidades isoladas em níveis representativos mais baixos?
- ii. Com base nessa estrutura representacional, quais seriam os indícios atestados pelo uso de um suposto custo mental menor, ou maior?
- iii. Se, por outro lado, não for possível pressupor vantagem cognitiva, o que explicaria o fato de as línguas em contato se tornarem mais semelhantes ao longo do tempo?⁶

Nesta investigação, exploraremos sobretudo a primeira questão, que pode assim ser traduzida para o presente contexto: que aspectos do uso de uma L2 podem revelar a configuração diassistêmica da gramática multilíngue? Ou, mais diretamente, **como diaconstruções e idioconstruções, isto é, abstrações inespecíficas e específicas da língua materna e da língua alvo, são instanciadas e de que maneira isso pode impactar, positiva ou negativamente, o desenvolvimento da L2?**

No estudo de Soares (2018), três critérios são destacados como essenciais à análise do desenvolvimento linguístico de aprendizes de L2: (i) diferenças tipológicas entre as línguas materna e adicional, (ii) o grau de recrutamento de habilidades cognitivas de domínio geral no uso da nova língua e (iii) aspectos relacionados a metodologias de ensino. Aliados à interpretação diassistêmica do conhecimento multilíngue, esses são importantes parâmetros para esta pesquisa, que tem como objetivo central demonstrar vicissitudes da representação cognitiva da construção nominal [(ESP) N (X)] do português brasileiro (PB), um esquema de alta produtividade instanciado por exemplares de uso como os destacados em (1), no *constructicon* multilíngue⁷ de anglófonos aprendizes de PB.

1. *[O narrador] encontrou [uma mulher que quis comprar comida] (...) mas ela não conseguiu comprar. Porém ele quis ajudá-la mas isso aconteceu de todas [[as comidas] aqui nfo Brasil]], ela escolheu arroz com feijão.* (Aprendiz anglófono; Corpus NEIS/UFRJ).

⁵ Neste caso, estamos nos referindo a níveis altos de abstração, ou seja, ao esquema, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

⁶ Esses questionamentos são relatados pelo Professor Steffen Höder, idealizador do modelo da GCD, em entrevista publicada na Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários (UFRJ, 2021). Falaremos mais sobre a GCD e suas cláusulas no capítulo 1.

⁷ Nesta dissertação, utilizaremos os termos “*constructicon* multilíngue”, “*cognição emergente multilíngue*” e “*gramática multilíngue*” como sinônimos.

Se por um lado essa construção é elementar no sistema linguístico, dada sua frequência e produtividade, seu uso em PB por aprendizes não nativos de diferentes línguas maternas pode comportar fenômenos particulares (exemplos 2, 3 e 4), os quais são possíveis indícios de representações específicas no *constructicon* multilíngue.

2. *Isso parece muito estranho, não é? Sim, pra mim no inicio eu achei [Ø mesmo coisa], mas sabe [Ø razão] entre esse tipo de comida?* (Aprendiz anglófono; Corpus NEIS/UFRJ).

3. (...) *e quando um país tem um nível de pobres muito alto, o nível de crime e o tráfico de [as drogas] cresce também.* (Aprendiz anglófono; Corpus NEIS/UFRJ).

4. *Porque [o brasileiros] acham que arroz com feijão dar eles uma identidade sociedade na família, no trabalhar e arroz também.* (Aprendiz anglófono; Corpus NEIS/UFRJ).

A partir da análise de usos não nativos de [(ESP) N (X)], percebidos em textos escritos em PB por aprendizes anglófonos, estruturamos os seguintes objetivos específicos desta pesquisa:

- a) Identificar as diferenças interlinguísticas no que concerne à construção de especificação nominal entre a L1 dos aprendizes (inglês) e o PB;
- b) Mapear produções gramaticais de [(ESP) N (X)] que podem ser resultantes de processamento de *link* diassistêmico;
- c) Analisar quali-qualitativamente fenômenos relacionados ao uso de determinantes no *slot* (ESP) de construções nominais que podem refletir prevalência de idioconstruções, considerando suas naturezas sintática, semântica e pragmático-discursiva em ambas as amostras;
- d) Propor possíveis diaconstruções e idioconstruções ligadas à representação cognitiva de [(ESP) N (X)] na gramática multilíngue, apostando em uma hipótese viável para explicação de ocorrências convergentes e divergentes⁸ dessa construção em textos de aprendizes anglófonos de PBL2.

Com vistas ao alcance destes objetivos, para além desta introdução, organizamos a dissertação em cinco partes. No primeiro capítulo, apresentamos nosso referencial teórico, que servirá de base para análise e interpretação dos resultados. Por se tratar de uma abordagem relativamente nova nos estudos construcionistas, traçamos um percurso que corresponde à análise do local que o contato linguístico vem ocupando no quadro dos

⁸ Ao longo do trabalho, o/a leitor/a verá que o que estamos considerando dados “convergentes” e “divergentes” está baseado em descrições linguísticas centradas no (não) uso de determinantes na construção nominal de que tratamos.

modelos funcionais baseados no uso até a consolidação da GCD e sua aplicabilidade a fenômenos de aquisição de L2.

No segundo capítulo, a partir dos contributos teóricos da GCD, discutimos a necessidade de reformulação epistemológica de conceitos basilares da área de aquisição/aprendizagem de L2 (e.g. “interlíngua” e “transferência”). Recorremos, para tanto, a estudos recentes desenvolvidos no âmbito desta teoria, especificamente aqueles que tomam o processo de aprendizagem de L2 como multilinguismo emergente e que consideram aspectos da competição, do *coverage* (cobertura) e da preempção estatística (GOLDBERG, 2019).

No terceiro capítulo, com base em revisão bibliográfica, procedemos à análise das distinções interlinguísticas da construção de especificação nominal escolhida como protagonista deste estudo, tendo em vista características do PB e do inglês. Além disso, visando à ponderação de contribuições para nossa análise, retomamos alguns fenômenos linguísticos envolvendo a relação de especificadores com nominais em produções em L2 que tem sido tratada em investigações de diferentes abordagens teóricas e metodológicas.

No quarto capítulo, descrevemos os aspectos metodológicos empreendidos para organização da pesquisa e para trilhar um caminho a partir do qual fosse possível o alcance dos objetivos já mencionados. É nessa parte que discorreremos mais detalhadamente sobre a hipótese, os informantes, o *corpus* utilizado, os procedimentos de coleta de dados, o tipo e os critérios de análise que regem o estudo.

No quinto e último capítulo, dedicamo-nos à análise quanti-qualitativa dos resultados obtidos consoante os critérios explicitados na metodologia. Além disso, sugerimos uma proposta de rede construcional multilíngue para o grupo de aprendizes analisados, que seja capaz de representar a configuração gramatical diassistêmica da construção nominal [(ESP) N (X)].

Por fim, nas considerações finais, retomamos o percurso trilhado nesta pesquisa e endossamos a premência de investigações mais acuradas sobre a aprendizagem de L2 em abordagem construcional diassistêmica, chamando atenção à rentabilidade e à pertinência dessa situação específica de contato linguístico para o desenvolvimento e enriquecimento do modelo teórico assinalado, que ainda é pouco explorado no Brasil.

1 POR QUE UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DIASSISTÊMICA?

Como situamos brevemente na introdução, nossa pesquisa é amparada nos pressupostos teóricos da GCBU, mais especificamente, na sua versão diassistêmica, que vem sendo desenvolvida para abordagem de fenômenos multilíngues⁹. Nosso primeiro capítulo, então, dedica-se à apresentação e discussão dessa abordagem teórica, justificando-a em vista dos objetivos gerais e específicos de nosso estudo e tendo em vista que análises de fenômenos de contato em uma abordagem construcional podem fornecer novos *insights* sobre o papel da similaridade no surgimento, uso e desenvolvimento do conhecimento linguístico multilíngue (HAKIMOV; BACKUS, 2021).

Para responder à pergunta que intitula esta etapa, optamos por traçar um panorama do contato linguístico nos modelos funcionais baseados no uso. Abordamos, em sentido *lato*, dois contextos: um que compreende a abordagem do contato linguístico pré-surgimento da GCD¹⁰, inclusive em outras perspectivas não construcionais baseadas no uso (seções 1.1 e 1.2); em seguida, passamos à GCD propriamente (seção 1.3). O intuito, com isso, é demonstrar nossa adesão por esta última abordagem, a qual, a nosso ver, melhor contempla a paridade entre análise do uso e descrição da representação cognitiva no quadro da linguística de uso.

1.1 Uma introdução à Sociolinguística de Contato

Apesar de ser uma realidade inerente à interação verbal, o contato linguístico nem sempre teve destaque em abordagens teóricas centradas na análise da língua em uso. Essa situação denota certa assimetria em relação ao compromisso metodológico de averiguar situações reais de experiências linguísticas, presente no cerne dos Modelos Baseados no Uso (de agora em diante, MBU).

⁹ Como discutiremos a seguir, os demais modelos da GC são, a nosso ver, monolíngues, o que ratifica nossa escolha pela GCD, cuja proposta é multilíngue.

¹⁰ Isso não significa, porém, que os modelos que serão apresentados nesta etapa do capítulo não são mais recrutados por pesquisadores para explanação de fenômenos multilíngues. É importante que fique claro, dado que são abordagens exequíveis.

É reconhecível que houve alguns estudos funcionalistas clássicos que se debruçaram sobre questões de *pidgins* e formação de línguas crioulas (SANKOFF; BROWN, 1976; GIVÓN, 1982) e aquisição de L2 (OCHS; SCHIEFFELIN, 1979; GIVÓN, 1979). Apesar da existência dessas pesquisas, que não somam maioria dentro deste arcabouço, notamos que o contato linguístico não foi um tema protagonista no âmbito do Funcionalismo, deixando este compromisso para a Sociolinguística¹¹. Nesse sentido, nesta etapa do capítulo, voltamos nosso olhar a essa teoria, visando a compor uma introdução ao modo como o contato linguístico vinha e vem sendo tratado nesta abordagem. Além disso, a compreensão desta vertente mostra-se oportuna, visto que a própria GCD se lapidou a partir de seus pressupostos (HÖDER *et al*, 2021)¹².

A Sociolinguística tem apresentado um campo propício ao desenvolvimento de pesquisas que consideram a heterogeneidade dos sistemas linguísticos diante, dentre outras coisas, de fatores sociais (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Naturalmente, ao se apresentar como uma teoria da variação e da mudança linguísticas, ou seja, uma proposta epistemológica que analisa a língua como um sistema ordenado e dinâmico, essa vertente rapidamente enriqueceu seu arcabouço e passou a angariar discussões sobre os aspectos multifacetados da língua em uso, principalmente aqueles que ressoavam de algum modo sobre estruturas gramaticais. O contato, por exemplo, é um desses temas cuja força neste ramo dos estudos linguísticos foi tão expressiva a ponto de ter se criado a nomenclatura “Sociolinguística de Contato” (WEINREICH, 1953).

De acordo com Savedra *et al* (2021, p. 3), Sociolinguística de Contato¹³ é a área de “estudo de situações de contato linguístico com base no referencial teórico e metodológico da Sociolinguística”. Entendendo a língua na perspectiva da concretude das relações sociais, bem como reconhecendo o papel que o contato assumiu na constituição histórica de diversas línguas, baseia-se na premissa de que a porosidade entre as línguas é uma realidade quando indivíduos vivem em sociedade (SAVEDRA; GAIO; NETO, 2015).

Tal realidade, contudo, não é simples, posto que as situações de contato linguístico são multifacetadas e complexas, dadas as suas naturezas amplas e fluidas diante das relações

¹¹ É preciso um pouco de lucidez: obviamente, questões relacionadas ao contato linguístico não eram pautas para os primeiros pesquisadores de vertente funcional, que estavam tentando mostrar como o modelo hegemônico da Gramática Gerativa não era suficiente para a elucidação do que necessariamente se via no desempenho linguístico.

¹² Uma ressalva: na verdade, a GCD não se origina unicamente dos pressupostos teóricos da Sociolinguística. Houve, também, o aproveitamento da Linguística Histórica, da Gramática de Construções e da Psicolinguística, conforme discutiremos adiante ainda neste capítulo, na seção 1.3.

¹³ Essa área pode ser denominada de diferentes maneiras. A algumas delas são: “*language contact*” (THOMASON, 2001), “*contact linguistics*” (WINFORD, 2003) e “línguas em/de contato” (HEYE; SAVEDRA, 2003).

sociais. Dessa maneira, o que convencionalmente chamamos de “Sociolinguística de Contato” define-se como um campo expressivamente interdisciplinar, o qual abarca diversas vias de análise de situações multilíngues, tais como suas dimensões históricas, sociais, geográficas, políticas, glotopolíticas, educacionais, etc. (THOMASON, 2001).

Partindo dessas premissas básicas, a Sociolinguística de Contato abrange variados objetos de estudo, como revisam Savedra *et al* (2021) em busca das delimitações deste campo de pesquisa. Alguns deles, mais notados nos últimos anos, são: (i) diversidade etnolinguística, (ii) mudança, (iii) aspectos sociopolíticos que perpassam a manutenção de *status* linguísticos majoritários e minoritários em comunidades multilíngues, (iv) revitalização e preservação linguísticas, (v) bilinguismos de elites e de minorias e (vi) desaparecimento e a emergência de línguas em contextos multilíngues. Em vista disso, de acordo com Winford (2003), no quadro teórico da Sociolinguística de Contato, diferem-se duas categorias amplas no que concerne ao impacto do contato linguístico: os níveis interno (ou linguístico, propriamente) e externo (ou social).

Em relação ao nível interno, que mais nos importa nesta revisão, interessam fenômenos que se verificam na estrutura linguística em seus diferentes níveis, considerando fatores como graus de similaridade tipológica e restrições relativas às particularidades das línguas em contato. Ocorrências de *code-switching*, diglossia, “negociação” pragmaticamente orientada¹⁴ e empréstimos linguísticos¹⁵ e estratégias de aquisição de L1 e L2 em contextos multilíngues, por exemplo, configuram-se como importantes evidências e focos de análise neste ramo da Sociolinguística de Contato, uma vez que demonstram, por meio de evidências empíricas, impactos do contato não só na formação heterogênea e relativamente estável de gramáticas multilíngues, como também na reformulação ora assimétrica, ora simétrica, de línguas em contato independente de seus *status* de majoritária e/ou minorizada (THOMASON; KAUFMAN, 1988).

Apesar de tais considerações, devemos lembrar que essa vertente se insere no quadro da Sociolinguística e, naturalmente, atribui maior ênfase aos condicionamentos sociais dos fenômenos — vistos, nesta abordagem, como secundários diante de seus fatores motivacionais. Isso, sem dúvidas, somado a outros aspectos teórico-metodológicos, é relevante para diferirmos a Sociolinguística de Contato da GCD, na medida em que a primeira não se importará, *a priori*, com a explanação do conhecimento multilíngue no nível cognitivo,

¹⁴ Para mais detalhes, ver Thomason (2001).

¹⁵ Ao fazermos menção a empréstimos não nos restringimos ao nível lexical, mas também àqueles empréstimos de estruturas sintáticas e discursivo-pragmáticas, como veremos mais à frente.

tendo em vista que sua agenda se estabelece em torno de pressupostos variacionistas (WEINREICH, 1953).

Ao tomarem o contato como uma regra e não uma exceção (ROMAINE, 1995), os estudos em Sociolinguística de Contato abordam fenômenos e contextos multilíngues como evidências que endossam o caráter mutável e social da linguagem (LABOV, 1972). Destacam-se, desse modo, como promissores para o reconhecimento da diversidade etnolinguística e sociocultural que perpassa usos linguísticos situados em uma ampla gama de contextos, seja em uma perspectiva diacrônica, seja em uma perspectiva sincrônica.

Nesta dissertação, contudo, cujo objetivo geral é averiguar o viés sociocognitivo do conhecimento multilíngue emergente para além da descrição, julgamos necessário expandirmos nosso olhar aos processos que moldam e orientam usos em situação de contato e que suplantam motivações de ordem social. Frente a isso, a despeito de reconhecermos a pertinência inegável da Sociolinguística de Contato à consideração de uma postura avessa à visão monolíngue e à própria formulação do modelo da GCD, observamos que essa perspectiva não se mostra inteiramente suficiente aos nossos pleitos.

Na próxima seção, apresentamos sinteticamente os postulados da abordagem construcional da gramática, construindo um breve panorama deste campo no qual a GCD se insere. Discutimos, ainda, o modo como esse conjunto de modelos que congregam o que chamamos de “Gramática de Construções”, durante muito tempo que antecedeu o surgimento de sua versão diassistêmica a partir do entrosamento teórico com a Sociolinguística de Contato, manteve-se distante de discussões em torno do multilinguismo, subentendendo uma postura monolíngue em suas análises.

1.2 A abordagem construcional da gramática

A partir da década de 1980, nos Estados Unidos, linguistas que vinham de uma tradição formalista passaram a se interessar pela descrição da denominada “periferia da gramática”. Os primeiros estudos que apontavam um olhar diferenciado para padrões sintáticos produtivos e ao mesmo tempo idiossincráticos¹⁶, tais como os de Langacker (1976),

¹⁶ Como, por exemplo, padrões que capturam tanto usos convencionais e metafóricos: [S Chutar O], que corresponde, produtivamente, a “Eduarda chutou a porta” (convencional) e “Eduarda chutou o balde” (metafórico).

Lakoff (1977), Kay (1984), Fillmore (1985) e Fillmore, Kay e O'Connor (1988), acenavam à necessidade de formular um novo modelo de representação do conhecimento linguístico por meio do qual fosse possível explicar tanto o componente gramatical “nuclear” quanto o “periférico”, divisão postulada pelo modelo gerativista hegemônico, sem recorrer a um modelo transformacional minimalista (léxico → gramática).

Como apontam Pinheiro e Alonso (2018), podemos dizer que somente com a publicação de *The mechanisms of “Construction Grammar”* (FILLMORE, 1988) foi superada a crise paradigmática prenunciada nos trabalhos anteriores e formulada uma teoria de gramática construcional, dada a apresentação de princípios teóricos particulares (e.g. unificação, relação de herança e presença de elementos obrigatórios em construções). De antemão, ainda assim, é importante destacarmos que o que chamamos de Gramática de Construções (de agora em diante, GC) não se trata de um único modelo, mas de um conjunto de vertentes, como debatem Hoffmann e Trousdale (2013).

Essa distinção de “famílias construcionais” remonta a própria história do surgimento desta teoria de gramática, posto que, nos primórdios da formação do pensamento não-derivacional da linguagem, as distinções entre os modelos desenvolvidos em Berkeley e San Diego encarregaram-se, por si só, de fixar bases para o desenvolvimento de versões da GC baseadas no uso e versões formalistas¹⁷. No entanto, as pressuposições nucleares e heurísticas da teoria mantêm-se em todos os modelos caracterizados como construcionais (HOFFMANN; TROUSDALE, 2013), os quais concordam com que (a) o conhecimento linguístico é representado como um inventário de unidades simbólicas (pares de forma \longleftrightarrow função), (b) a combinação dessas unidades ocorre por meio de operações unificacionistas e não derivacionais e (c) esse inventário abarca estruturas abstratas.

Para a pertinência desta dissertação, concentramos as discussões desta seção em um modelo baseado no uso da GC, o qual chamamos concisamente de Gramática de Construções Baseada no Uso (de agora em diante, GCBU)¹⁸. Para esse braço da GC, no qual a GCD se insere, como veremos à frente, além das proposições citadas em (a) a (c), os processos envolvidos na cognição geral e as experiências concretas de falantes com a língua afetam e estruturam o conhecimento linguístico subjacente, de modo que a descrição da gramática pode se dar como uma rede de construções interconectadas, continuamente remodelada e que

¹⁷ O que distingue essas duas frentes, basicamente, é o peso que se atribui aos processos cognitivos gerais e à experiência linguística concreta (uso) dos falantes. Para mais detalhes, ver Pinheiro e Alonso (2018), em português, e Hoffmann e Trousdale (2013), em inglês.

¹⁸ Estamos utilizando o termo GCBU como um “guarda-chuva” para sintetizar as principais cláusulas do modelo da GC aplicado no Brasil, o qual, basicamente, sumariza as proposições da Gramática de Construções Radical (CROFT, 2001) e da Gramática Cognitiva (GOLDBERG, 1995; 2006).

admite representações redundantes (GOLDBERG, 2006)¹⁹. Por essa definição, notamos que a GCBU pode ser, ainda, interpretada como um modelo que conflui postulados da Linguística Cognitiva (i), do Funcionalismo Clássico (ii) e da GC (iii), como vemos em suas principais cláusulas destacadas abaixo:

- i. O inventário simbólico de construções (*constructicon*) é emergente e pode ser explicado por habilidades cognitivas não especificamente linguísticas (BYBEE, 2010);
- ii. A frequência de uso é fator importante para a aquisição e o armazenamento de conhecimento, pois fortalece a representação de conceitos e facilita a execução de processos para a representação cognitiva de *tokens* (DIESSEL; HILPERT, 2016);
- iii. Saber uma língua equivale à estocagem mental de um inventário hierárquica e horizontalmente estruturado de construções linguísticas, as quais se definem por pareamentos convencionais de forma e significado (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001; CROFT; CRUSE, 2004).

A partir desses pressupostos, a gramática, na visão da GCBU, trata-se da organização cognitiva de nossa experiência com a língua e inclui, portanto, não só os aspectos estruturais, como também pragmáticos e discursivo-funcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Por ser um pareamento, o conceito teórico de ‘construção’ estabelece paridade entre propriedades fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas das unidades linguísticas, o que confere à análise um tratamento mais refinado e integrado, sobretudo por abarcar também os componentes semânticos e pragmático-discursivos (CROFT, 2001). No quadro 1, a partir de alguns exemplares do PB, demonstramos a estreita relação simbólica entre forma-significado de construções²⁰.

¹⁹ Redundante no sentido de que esquemas podem captar, simultaneamente, tanto usos gerais, quanto aqueles que estariam “à periferia”, em termos formalistas. Podemos ilustrar essa premissa a partir do subesquema [X chutar Y], que é o responsável - portanto, redundante - não só por usos convencionais (e.g. O jogador chutou a bola, com sentido literal), como também por aqueles pouco convencionais e mais idiomáticos (e.g. O aluno chutou o balde, com sentido de desistência).

²⁰ Alguns desses exemplos são, na verdade, microconstruções, dado o grau de especificação fonológica. Para alguns, chamá-los de “construções” soaria uma heresia, dado que esse conceito, na hierarquia que veremos a seguir, é mais relacionado a padrões abstratos (tais como os presentes na 5ª e na 6ª colunas do Quadro 1). Entretanto, ao que nos interessa à esta altura, “construções” e “microconstruções” são essencialmente a mesma coisa: um par de forma e significado.

Quadro 1 - Exemplário do elo de forma-sentido de construções do PB

Forma	[Que mané X]	[Vê se X]	[Onde já se viu X]	[S V O1 O2]	[Também né + prosódia específica]	[N-eiro]
Sentido	Rejeição enfática de uma proposição	Expressão de desagrado	Expressão de perplexidade	Transferência de posse ou energia	Expressão de que um evento já era esperado	Expressão de função

Fonte: Adaptado de Pinheiro (sf.).

Em um modelo baseado no uso, as construções são unidades simbólicas básicas de aquisição, processamento e mudança e emergem, no sentido de que tomam parte na cognição, a partir da consolidação de novas experiências e de processos cognitivos gerais (BYBEE, 2010), tais como analogia, categorização, *chunking*, associação transmodal, entrincheiramento, memória enriquecida, dentre outros. Todas as unidades linguísticas, assim, podem ser consideradas construções²¹, estando a diferença entre as lexicais e as gramaticais nas propriedades de tamanho, especificidade fonológica e grau de conceptualização que apresentam (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Com exemplificações de construções lexicais e gramaticais do PB²², o quadro a seguir apresenta informações de ordem tipológica:

Quadro 2 - Exemplário de propriedades de construções do PB

Construção	Tamanho	Especificidade fonológica	Conceptualização
[SVO]	Complexa	Esquemática	Conteudista
[Ficar de X Subst.] Estado	Complexa	Intermediária	Intermediária
[Vem cá] Marcador Discursivo	Complexa	Substantiva	Procedural
[Chutar o balde]	Complexa	Substantiva	Conteudista
[Caqui]	Atômica	Substantiva	Conteudista
[ir presente V infinitivo] futuro	Complexa	Intermediária	Procedural

Fonte: Produção própria.

²¹ Há, inclusive, estudos que indicam que padrões textuais podem ser considerados construções, apesar de isso não ser consensual. Para mais detalhes, ver Östman e Fried (2005).

²² Quando mencionamos “construções gramaticais”, de um lado, e “construções lexicais”, de outro, estamos meramente utilizando de didatismo. No escopo da teoria, não há uma divisão tão acirrada entre o que seria gramatical e o que seria lexical, posto que o foco recai sobre um continuum entre aqueles pareamentos que seriam [+ lexical] e/ou [+ procedural].

As propriedades identificadas nas construções gramaticais revelam sua natureza e a dos processos de combinação construcional, dado que a criatividade linguística, nesse modelo, é explicada por meio das possibilidades de junção de unidades construcionais menores para composição de unidades construcionais maiores, de modo a compor *chunks* mais detalhados, conforme prevê o Princípio Unificacionista (GOLDBERG, 1995). Assim, por exemplo, se nos deparamos com a seguinte sentença em PB *Marta vai comprar aqui e fica de conversa com o vendedor*, visualizamos construções de diferentes níveis em combinação, tais como:

- a) Construções lexicais atômicas, substantivas e conteudistas: [Marta], [comprar], [caqui], [fica], [conversa] e [vendedor];
- b) Construções lexicais atômicas, substantivas e procedurais: [vai], [e], [de], [com] e [o];
- c) Construções morfológicas que compõem as construções lexicais: [Radical verbal + Morfema classificador de infinitivo], [Radical verbal + Morfema de modo, tempo e aspecto] e [Radical nominal + dor];
- d) Construções complexas esquemáticas e intermediárias: [Ir_{presente} V_{infinitivo}] futuro, [Ficar de X_{Subst.}] Estado, [Determinante N], [N prep. N], [S V_{Aux} V Comp.], [SENTENÇA]_{PROSÓDIA DESCENDENTE} e [X e Y].

Em vista disso, a GCBU defende a tese de que a língua se trata de um grande léxico expandido (DIESSEL, 2015; GOLDBERG, 2006)²³, uma vez que a arquitetura da gramática, em formato de rede associativa, induz à pressuposição de estocagem cognitiva de um conhecimento dinâmico e maximalista, cuja abrangência contempla desde construções menores àquelas que apresentam maiores graus de complexidade e abstração.

A ideia de rede está relacionada ao modo de se representar o conhecimento humano em Psicologia Cognitiva, especialmente a vertente conexionista, e situa a GC como um modelo em conformidade com aquilo que se sabe contemporaneamente acerca do funcionamento da cognição em geral. Em relação à linguagem, trata-se de uma proposição que prevê um *continuum* gradiente entre construções gramaticais e lexicais e rompe com a lógica do modelo dicionário *vs.* gramática, justificando que:

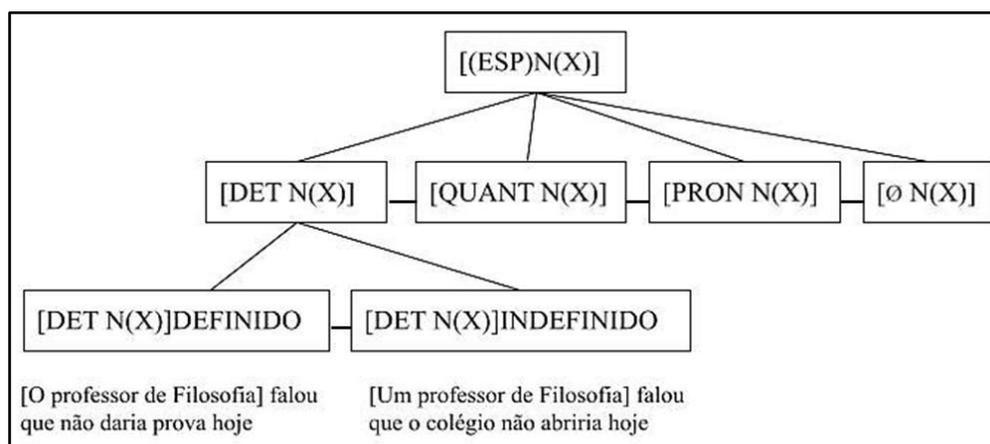
O conceito de construção gramatical tem, de fato, potencial para descrever a totalidade do conhecimento linguístico do falante. Afinal, ele é capaz de capturar tanto idiosincrasias lexicais (como o fato, absolutamente peculiar, de que o conceito ÁRVORE é expresso por meio da sequência formal /aRvorɪ/) quanto regularidades sintático-semânticas (como o fato de que uma cena agente-transitiva é expressa por meio do padrão formal SVO) ou prosódico-pragmáticas (como o fato de que um ato ilocucionário de pergunta é expresso por meio de uma curva

²³ Daí o termo '*constructicon*' (fusão dos itens '*construction*' e '*lexicon*') para nomear o conhecimento linguístico do falante.

entoacional ascendente). E é aqui que reside, muito provavelmente, a diferença crucial entre a abordagem construcionista e a concepção gerativista de conhecimento linguístico (PINHEIRO, 2016, p. 6).

Traugott e Trousdale (2013) apresentam, ainda, as propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade por meio das quais as construções podem ser definidas em aspectos hierárquicos. Em poucas palavras, isso significa dizer que as construções são analisadas de acordo com suas propriedades gradientes de categorização/abstração, de distribuição de frequência de uso e de composicionalidade das subpartes. Mais do que servirem à descrição, tais propriedades se imbricam intimamente e se relacionam de modo direto com a aquisição de linguagem, a mudança linguística e a definição do *design* da rede construcional. Para melhor visualização, analisemos a seguir a rede construcional de sintagmas determinantes do PB, construção protagonista da presente dissertação:

Figura 1 - Representação hierárquica da rede de construções nominais do PB



Fonte: Produção própria

Autores de orientação formalista, tais como Brito (2003), Duarte (2000) e Raposo *et al* (2013), vão descrever um sintagma como uma estrutura sintática projetada a partir de um núcleo, que se estabelece entre os níveis do vocábulo e da sentença. Ainda que essa definição não seja descartada, na perspectiva construcional o conceito gerativista de “projeção” pode ser questionado, uma vez que visualizamos a construção como uma unidade emergente, de tal sorte que não necessariamente um núcleo represente um projetor. Por isso, na figura 1, representamos os chamados “sintagmas determinantes” pela notação esquemática [(ESP) N (X)], restringindo-nos aos SNs plenos (i.e. não oracionais).

Observando essa representação, é possível identificar níveis de análise dessa construção do PB. Tais níveis são relacionados aos graus de abstração construcional, ou seja,

às propriedades de que falam Traugott e Trousdale (2013). Analisando a rede de cima para baixo (*top-down*), nos deparamos com uma gradual redução do nível de abstração assim definida:

- 1) No topo, representado por [(ESP) N (X)]²⁴, notamos o esquema mais virtual, geral e abstrato, cujos *slots* são totalmente abertos;
- 2) Abaixo, nas ramificações, temos os grupos de famílias que instanciam o esquema totalmente virtual, os quais são subespecificados quanto ao preenchimento (ou não) do *slot* ESP e, portanto, quanto ao tipo de delimitação do nominal;
- 3) No nível da microconstrução, especificamente do padrão [Determinante N (X)], observamos *types* individuais, que, nesse caso, são delimitados por características pragmático-discursivas intrínsecas²⁵ (i.e., o fato de serem ou não definidos);
- 4) Por fim, no nível mais baixo, vêm-se os construtos, ou seja, os *tokens* empiricamente recorrentes, os usos de fato.

Nessa perspectiva, portanto, a língua é motivada e regulada por fatores de natureza estrutural, cognitiva e sociocomunicativa, os quais embasam descrições linguísticas tecidas no âmbito dessa teoria. Por isso, dentre outras proposições, interessam à GCBU a maneira como a língua surge nessas circunstâncias – seja em contexto de aquisição, seja em contexto de mudança. Assumir tal postura implica considerar que a representação mental do conhecimento linguístico se arquiteta em uma rede complexa, em que cada construção se interconecta com outras construindo relações formais e semânticas (DIESEL, 2015), destacando a pragmática e as funções discursivas arroladas às construções como fundamental na definição da gramática (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

A proposição de que a gramática, assim como outros sistemas mentais, se define como uma rede de nós ligados por elos de forma e de significado que assumem relações hierárquicas e horizontais ajuda-nos a compreender, de modo mais claro, a relevância dos fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade para as análises de construções linguísticas. No caso da rede de [(ESP) N (X)], então, notamos que quanto mais esquemático for o padrão construcional, potencialmente, maior será sua frequência *type*, o que se relaciona intimamente com sua produtividade/frequência de uso na língua; além disso, no que se refere à combinação entre forma e significado das subpartes (as possibilidades de preenchimento de ESP por itens determinantes, quantificadores e pronomes e suas

²⁴ Na notação, “ESP” refere-se à especificador (cf. CASTILHO, 2010).

²⁵ As quais também motivam distinções formais, dadas as diferenças morfossintáticas entre determinantes definidos e indefinidos em PB.

delimitações sobre o nominal), percebemos que, quanto mais composicional, menos esquemática será a construção.

Tais análises são totalmente compatíveis com a hipótese de atuação dos processos cognitivos de domínio geral sobre a linguagem e de seus recrutamentos para sua aquisição e a efetivação da mudança linguística. Apostando na proposta de explicar a língua a partir do não linguístico (BYBEE, 2010), a GCBU se debruça sobre um aspecto mais amplo do comportamento humano, definindo-se, assim, como uma teoria da linguagem que trata diretamente da natureza da gramática, considerando não só sua variância e gradiência, como também explicações em termos de processos recorrentes que operam conjuntamente na experiência.

Esses processos gerais, dentre outras coisas, são os principais responsáveis pela construção do repertório cognitivo da linguagem, uma vez que estruturam o *constructicon* por meio de conexões analógicas e categóricas (GOLDBERG, 1995; DIESEL, 2015). As noções de *links* entre representações simbólicas são especialmente caras a este trabalho, tendo em vista a ampliação do escopo sugerida pelo modelo da GCD, como veremos na seção 1.3. Basicamente, em um olhar um tanto quanto monolíngue, podemos analisar pelo menos quatro tipos de *links*²⁶, de acordo com Diessel (2015): (a) taxonômicos, (b) horizontais, (c) sintáticos e (d) lexicais.

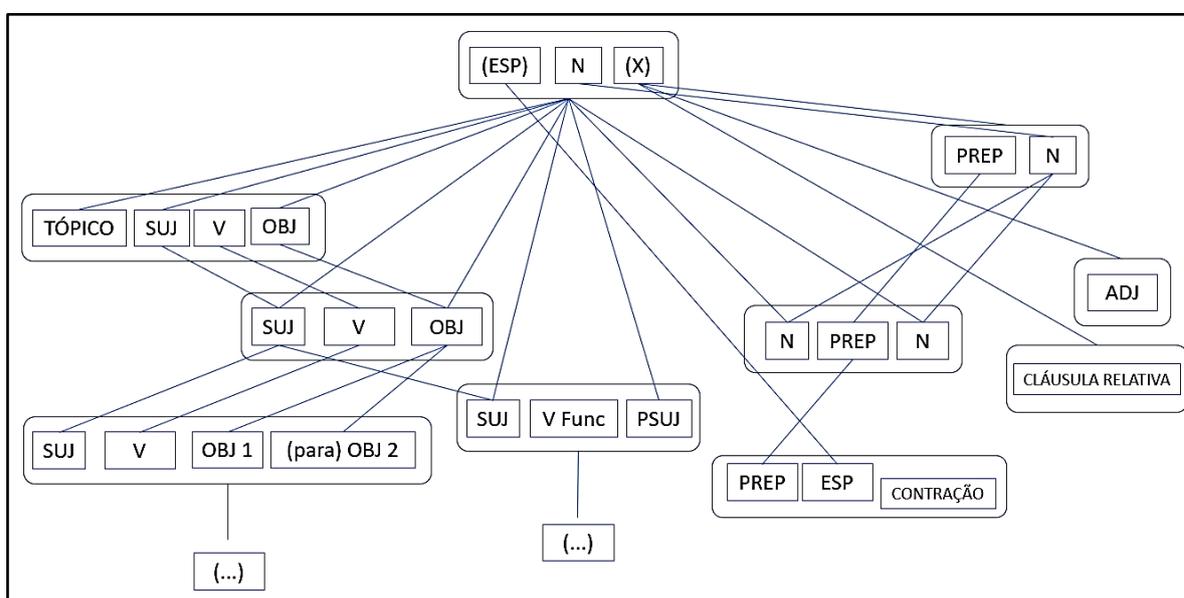
Essas tipologias de *links*, em geral, são proposições para que compreendamos a maneira como a rede construcional se organiza consoante à forma como as construções se aproximam em termos de semelhança forma/função. No que se refere aos *links* taxonômicos e horizontais, podemos compreender que se tratam de relações de forma e significado que são, de um lado, estabelecidas verticalmente (tanto *bottom-up* quanto *top-down*) e, de outro, horizontalmente. Tais correspondências entre os níveis da rede de [(ESP) N (X)], por exemplo, denotam a taxonomia e as abrangências básicas dessa família construcional no *constructicon* do PB, as quais são consolidadas, sobretudo, pela formação de categorias e associações analógicas e transmodais. Definem-se, portanto, como relações de identificação e estocagem por similaridade total e/ou parcial, seja de forma, seja de conteúdo, entre construções distintas.

Os *links* sintáticos, por sua vez, dizem respeito às relações interconstrucionais que remetem diretamente ao princípio unificacionista, isto é, ao modo como as sentenças são produzidas, a partir de combinações de construções de diferentes níveis. Por isso, Diessel

²⁶ O conceito de *link* em GC é muito profícuo. Desde o trabalho seminal de Goldberg (1995), escutamos falar em *links* de extensão metafórica, de subparte, de instanciação e de herança. Hoje, por exemplo, com a abordagem da GCD, temos, inclusive, os *links* diassistêmicos, que discutiremos a seguir.

(2015, p. 46) considera que “a maior parte das teorias pressupõe um conjunto de categorias sintáticas anterior à análise sintática; mas nas abordagens baseadas-no-uso as categorias sintáticas emergem a partir da experiência do usuário da língua com as construções”. Pensando a respeito dos *links* sintáticos estabelecidos pela/com a construção nominal [(ESP) N (X)], notamos, por exemplo, sua amplitude no que se refere ao seu caráter “básico”, ou seja, à sua propensão à integração de outras construções, como ilustra a figura 2, que apresenta possíveis relações hierárquicas e horizontais.

Figura 2 - *Links* sintáticos básicos estabelecidos em torno do padrão [(ESP) N (X)]



Fonte: Produção própria.

Tomando por base essa representação, é possível observar o alto grau de produtividade de [(ESP) N (X)] em PB, o que torna o reconhecimento das funcionalidades e das regras combinatórias dessa construção essencial para aprendizes de PBL2 (NASCIMENTO; FREITAS Jr.; SOARES, 2020).

Além dessas relações, Diessel (2015) também apresenta a noção de *links* lexicais. Estes se referem aos vínculos entre itens e/ou classes de itens e construções específicas, ou seja, às preferências colocacionais verificadas na experiência de uso (GRIES; STEFANOWISTCH, 2004). A proposição de *links* lexicais considera os efeitos probabilísticos da frequência de uso refletidos em maiores propensões de um lexema emergir em uma dada construção. Dessa maneira, podemos entender a atração do verbo “dar” pela construção bitransitiva [S V OD OI] do PB (e.g. *João deu flores à/para Danielle*), assim

como dos itens determinantes definidos e indefinidos pelo *slot* (ESP) da construção nominal básica, à luz dos *links* lexicais.

Como dissemos anteriormente, o conceito de *link* é basilar à GC de modo geral, pois elucidada as relações entre processos cognitivos, frequência de uso e estrutura linguística, à medida que corrobora a tese da representação do conhecimento em rede associativa. Principalmente para a GCBU, a frequência de uso é um fator determinante, visto que todos os aspectos do conhecimento gramatical são derivados da experiência dos usuários da língua com sequências frequentes de expressões linguísticas concretas (DIESEL; HILPERT, 2016).

O trabalho de Diessel e Hilpert (2016) lista alguns dos efeitos de frequência de uso sobre a gramática que fornecem evidências empíricas para o modelo construcional baseado no uso. Dentre eles, os autores mencionam: (a) emergência de *collocations*²⁷ e de constituintes sintáticos (inclusive, na aquisição); (b) fortalecimento de relações entre lemas e construções; (c) aumento de produtividade de esquemas; (d) facilitação de mudanças formais no processo de mudança linguística (coalescência); (e) processamento de frases e seus desdobramentos na compreensão da linguagem. Nesse sentido, entendemos que a frequência de uso favorece a execução dos processos cognitivos básicos, na medida em que possibilita, dentre outras coisas, o entrenchamento de categorias a partir de *tokens* recorrentes e com propriedades sobrepostas que são agrupadas na memória, de acordo com os postulados da teoria dos exemplares (BYBEE, 2003) e com a noção mais recente de *coverage*/cobertura (GOLDBERG, 2019).

Apesar de se tratar de uma teoria de gramática consistente e bastante aderida atualmente, ao longo dos anos, a GC tem sido pouco utilizada para situações de contato linguístico, posto que contraditoriamente tem colocado em evidência “uma perspectiva homogênea de língua, embora haja a abordagem diassistemática em que se considera a noção de diassistema, cara, por exemplo, à Sociolinguística” (WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2022, p. 175). São ainda raros os estudos que discutem questões relativas aos fenômenos de contato²⁸, fazendo com que haja uma necessidade de “desenvolver uma linguística de contato baseada no uso e mostrar sua aplicação a uma variedade de fenômenos” (HAKIMOV; BACKUS, 2021, p. 3. Tradução própria).

²⁷ São exemplos em inglês: [all of a sudden] e [I wonder if].

²⁸ Estamos chamando de “raros” no sentido de que são consideravelmente menos numerosos em vista do amplo escopo da GC. Isso não quer dizer que não haja algumas pesquisas que aplicam modelos diversos da GC a situações multilíngues. Muitos trabalhos de Hans Boas, por exemplo, têm demonstrado a pertinência da Gramática Cognitiva, de Goldberg (1995), para discussão de mudanças via contato (ver Boas, 2013). Além disso, há também outros estudos, como o de Deuchar e Vihman (2005), que abordam a questão da aquisição bilíngue, dentre outros.

Dessa premência, nos últimos anos, têm surgido estudos interessados pela expansão do campo dos modelos baseados no uso da GC para diferentes frentes do trabalho no ramo do Contato Linguístico e conferindo contornos teóricos cruciais ao desenvolvimento da própria teoria construcional. Falaremos mais sobre isso na seção 1.3, em que nos ateremos com mais ênfase ao modelo diassistêmico de Höder (vários trabalhos).

1.3 A Gramática de Construções Diassistêmica (GCD)

Há anos, um dos grandes dilemas da linguística de contato é o tipo de conhecimento linguístico que falantes multilíngues apresentam cognitivamente. Em torno disso, são levantadas hipóteses que ora defendem a representação estanque de duas ou mais gramáticas concorrentes (WEINREICH, 1953)²⁹, ora uma representação cognitiva mais holística e caracterizada por um único repertório multilíngue (AIKHENVALD, 2007). Sendo assim, estudos nessas duas frentes de conceptualização do conhecimento linguístico multilíngue têm buscado evidências a partir de análises de dados que comprovem suas proposições, o que confere à área do contato linguístico uma agenda plural de pesquisas, apesar de o multilinguismo ter sido deixado de lado pelas principais teorias linguísticas (HÖDER, 2014).

A GCD é um desses modelos teóricos recentes que se debruçam ao entendimento sobre fenômenos de contato linguístico em defesa da hipótese de representação robusta e holística. Desenvolvida especificamente por Höder (vários trabalhos), trata-se de um novo modelo teórico circunscrito no âmbito da GC, que tem como fundamento, dentre outras coisas, a generalização interlinguística em ambientes multilíngues, ou seja, o fato de falantes multilíngues organizarem seu conhecimento linguístico “por meio de abstração e generalização com base no *input* disponível (...), independentemente de quaisquer fronteiras entre as línguas”. (HÖDER, 2014, p. 45. Tradução e adaptação nossas).

Inicialmente, por se caracterizar como uma vertente da GCBU, a GCD não se configura como uma nova teoria de gramática, posto que se define, na verdade, como um modelo construcional baseado no uso conjecturado especificamente para a descrição de fenômenos percebidos em situações multilíngues em uma perspectiva cognitivo-funcional (BOAS; HÖDER, 2018). Apesar de ser uma vertente que segue os mesmos princípios teóricos

²⁹ Isso pode ser apontado como uma notória influência do Estruturalismo.

amplamente explanados pelos estudos em GCBU, podemos citar algumas propriedades que, a nosso ver, colocam a GCD como modelo particular no *hall* das vertentes construcionistas baseadas no uso reunidas e apresentadas por Hoffmann e Trousdale (2013).

Essa concepção, dentre outros argumentos, é sustentada por nós a partir de alguns critérios sobre os quais falaremos nesta seção, tais como:

- i. a novidade da definição do que seja o conhecimento linguístico (a gramática) apostando na sua natureza construcional e multilíngue, algo pouco explicitado mesmo na Sociolinguística de Contato, como vimos na seção 1.1;
- ii. a reunião de conceitos e premissas teóricas próprias (e.g. idioconstruções, diaconstruções, *links* diassistêmicos, etc), os quais sustentam as proposições da GCBU, apesar de serem oriundos de toda essa tradição construcional; e
- iii. a capacidade elucidativa e ressignificativa para o tratamento do que é o contato linguístico em escala ampla da interação verbal e, por conseguinte, de fenômenos linguísticos diversos.

Diante desses postulados, temos de reconhecer que enquanto um modelo construcional para a abordagem do contato linguístico, a GCD entende que uma gramática não é específica de uma língua, mas de uma comunidade de fala, o que nos leva a crer que o multilinguismo é uma realidade mesmo em comunidades aparentemente estáveis e “monolíngues”, ou seja, a gramática individual também é multilíngue, na medida em que abarca conhecimentos de variantes de sua própria L1, além de outras experiências linguísticas (HÖDER, 2018). Quanto a isso, porém, o modelo em si não é categórico, pois reconhece que a gramática pode ser vista pelas duas perspectivas: a do indivíduo e a da comunidade. Independente da perspectiva de análise, línguas não podem ser tratadas como sistemas homogêneos, uma vez que incontáveis fatores sociolinguísticos demonstram que o contato não é periférico, mas inerente aos sistemas linguísticos, que são, por isso, essencialmente, multilíngues e dinâmicos (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021).

No entanto, como mencionamos, pesquisas no âmbito da GC, em geral, têm se concentrado com maior ênfase em descrições monolíngues, ainda que o modelo, a rigor, não preveja aspectos apriorísticos de apenas uma língua e conceda abertura para um tratamento que reduza menos os limites gramaticais entre línguas (BOAS, 2013; DEUCHAR; VIHMAN, 2005). A própria ideia de que o repertório linguístico é representado em formato de rede associativa, como vimos na seção 1.2, adequa-se às prerrogativas de um modelo de estruturas multilíngues, ainda mais tendo em vista a centralidade da variância, da gradiência e da

constante atuação de processos cognitivos de domínio geral fundantes dos sistemas linguísticos dinâmicos e relativamente estáveis.

Considerando que no *constructicon* estejam disponíveis construções idiossincráticas e compartilhadas, como veremos mais detalhadamente adiante, a GCD desponta como uma abordagem sociocognitiva realística que considera a interação estrutural integrada entre diferentes sistemas, de modo que se forme um único e múltiplo diassistema de inúmeras camadas multilíngues sobrepostas. Trata-se, portanto, de um modelo alternativo ao tratamento do multilinguismo na esfera da cognição, sendo, ao mesmo tempo, minuciosamente empírico ao abordar o contato como fenômeno imprescindível à emergência de gramáticas. De modo mais direto, a proposta construcional diassistêmica desenvolve-se a partir do princípio de que as experiências com diferentes línguas, registros, gêneros textuais e modalidades fazem emergir uma rede de construções integradas, um diassistema, resultante das vivências plurilíngues dos falantes (BOAS; HÖDER, 2018; FREITAS Jr. *et al.*, 2022).

Posto que o multilinguismo é entendido como uma parte fundamental da faculdade da linguagem humana (HÖDER, 2012), em maior ou menor grau, todos os falantes podem ser considerados multilíngues, pois as camadas e nuances da comunicação acionam comportamentos que incluem, ao mesmo tempo, repertórios linguísticos individuais e estratégias comunicativas dinâmicas, variáveis a depender do contexto, bem como comportamentos das diferenças e das similaridades linguísticas evocadas. Em vista disso, nesta perspectiva, os falantes e as comunidades de fala multilíngues são definidos como aqueles que inconscientemente utilizam e convencionalizam relações diassistêmicas, estabelecendo e expandindo correspondências e divergências regulares, generalizando e abstraindo a partir das amostras linguísticas às quais são frequentemente submetidos (HÖDER, 2012) — uma definição coerente e categórica para todos os falantes, se reconhecermos a naturalidade do contato linguístico para além da interação entre línguas distintas.

Com base nas proposições rapidamente mencionadas, após o percurso que fizemos até aqui neste capítulo, procedemos à discussão propriamente dita do referencial teórico em que nos baseamos na construção desta pesquisa: a GCD. Para tanto, dividimos esta terceira parte em duas subseções que visam à breve contextualização do surgimento da GCD (subseção 1.3.1) e à explanação de seus princípios teórico-metodológicos que orientam os rumos de nossa investigação (subseção 1.3.2).

1.3.1 Em busca da delimitação do campo

De acordo com Popper (1982), delimitar a superação de crises paradigmáticas e o consequente surgimento de novos modelos teóricos, em ciência, não é uma tarefa simples, tendo em vista os inúmeros fatores que a perpassam. Quando se trata de uma corrente de pensamento relativamente nova, esculpida *in medias res*, essa demarcação é ainda mais desafiadora. No quadro dos Estudos da Linguagem, tal desafio ainda tangencia a descrição aprimorada da história da GCD, um modelo teórico proposto há pouco mais de uma década na Europa e sobre o qual até então pouco se discute no Brasil.

Em linhas gerais, podemos dizer que a GCD surgiu como uma alternativa de contornar impasses que, por longa data, acompanharam a agenda de pesquisas da linguística de contato devido à prevalência de lacunas de modelos tradicionais, que enfocaram mais os resultados do contato linguístico e menos os processos de formação e abstração de gramáticas multilíngues. Uma dessas lacunas, talvez a que mais tenha impulsionado a busca por um novo modelo teórico de análise, dizia respeito à paridade entre proposições de fatores sociais e cognitivos para variados fenômenos de contato. De acordo com Höder *et al* (2021), especialmente o componente da cognição no quadro da linguística de contato sempre foram colocados em posições menos importantes em detrimento do componente descritivo e sociolinguístico.

Por outro lado, mas na mesma direção e propósito, também nos últimos anos, a adesão por diversas versões da GC tem sido crescente por linguistas interessados em fenômenos variados e de diferentes níveis linguísticos (HOFFMANN; TROUSDALE, 2013). Dentre outros fatores, esse movimento deve-se muito ao potencial explanatório dessa teoria e às interfaces que vem estabelecendo com metodologias de investigação diversas, dada consideravelmente pela amplitude de suas abrangências teóricas muito bem sintetizadas pela ideia de *constructions all the way down* / ‘construções de cima abaixo’ (GOLDBERG, 2003, p. 223), a qual indica a possibilidade de descrição e explicação do conhecimento linguístico em torno da noção de ‘construção’, já apresentada anteriormente.

Podemos dizer, assim, que a compatibilização entre essa teoria de gramática e o aparato descritivo da Sociolinguística de Contato (GARNER-CHLOROS, 2009; GROSJEAN, 2008) e da Linguística Histórica (KÜHL; BRAUNMÜLLER, 2014) foi o que forneceu os primeiros *insights* para um modelo capaz de contemplar, para além da descrição, a especificação cognitiva do conhecimento multilíngue. Surgem, assim, entre 2010 e 2012, os primeiros trabalhos do linguista Steffen Höder que se voltam à aplicação da GCBU na

apreciação de mudanças no sueco antigo, oriundas do forte contato com o latim medieval durante os séculos XIV e XV, o qual, segundo seus achados, teve forte impacto no desenvolvimento do sueco escrito (Cf. HÖDER *et al*, 2021).

Inicialmente, contudo, essas primeiras investigações valeram-se da GCBU unicamente como um mecanismo descritivo para mudanças estruturais (HÖDER *et al*, *op. cit.*). Podemos dizer que, a partir do interesse particular de Höder nos mecanismos que moldam o *layout* da gramática multilíngue emergente, impulsionado por evidências de pesquisas na área de psicolinguística com falantes bi/multilíngues (BIALYSTOK *et al*, 2009), o texto *Multilingual constructions: a diassystematic approach to common structures* / ‘Construções multilíngues: uma abordagem diassistêmica para estruturas comuns’ (HÖDER, 2012) inaugura uma nova vertente da GCBU ao propor uma ampliação de seus referenciais teóricos a situações interlinguísticas, especialmente no tocante ao papel da generalização e da frequência de uso.

Neste contributo inédito que inicia a concepção diassistêmica da GCBU, Höder (2012) recupera a noção de diassistema proposta por Weinreich (1954, p. 390)³⁰, que se valeu desse conceito para explicar correspondências fonológicas em dialetos do *íidiche*, e a atualiza diante de prerrogativas da abordagem construcional, concedendo-lhe proporções mais amplas no quadro da teoria baseada no uso em geral e afastando-a de uma visão essencialmente estruturalista (HILPERT, 2015). Assim, seu modelo propõe que:

O conhecimento linguístico dos multilíngues consiste em um “repertório” comum de elementos e estruturas, ou seja, construções, para todas as suas línguas e variedades. (...) Nesta visão, os dois (ou mais) sistemas linguísticos podem influenciar um ao outro de certas maneiras. O repertório multilíngue pode então ser visto como um conjunto de estruturas linguísticas que consiste em subconjuntos idiossincráticos por um lado (contendo elementos que pertencem apenas a uma língua ou variedade) e subconjuntos comuns por outro (contendo elementos que são comuns a várias ou todas as línguas dentro do repertório) (BOAS; HÖDER, 2018, p. 20. Tradução nossa)³¹.

Ainda que a noção de diassistema não seja necessariamente uma novidade, a proposta que o novo modelo teórico defende suplanta o viés estrutural de Weinreich (1954), na medida em que não pressupõe a existência de “sistemas” específicos, mas de um único sistema

³⁰ “Um ‘diassistema’ pode ser construído pelo analista linguístico a partir de quaisquer dois sistemas que tenham semelhanças parciais [...]. Mas isso não significa que seja sempre uma construção apenas de um cientista: um ‘diassistema’ é vivenciado de forma muito real por falantes bilíngues.” (*op. cit.* Tradução nossa).

³¹ The linguistic knowledge of multilinguals consists of a common ‘repertoire’ of elements and structures, i.e. constructions, for all of their languages and varieties. (...) On this view, the two (or more) language systems may influence each other in certain ways. The multilingual repertoire can then be seen as a set of linguistic structures consisting of idiosyncratic subsets on the one hand (containing elements that solely belong to one language or variety) and common subsets on the other (containing elements that are common to several or all languages within the repertoire) (BOAS; HÖDER, 2018, p. 20).

moldado por processos seriados de identificação interlingual e de proposição de categorias abstratas.

Com base nisso, Höder (2012) ratifica a necessidade de que a noção de *constructicon* seja assumida, a partir de então, para situações multilíngues, dado que os modelos anteriores da GC se concentram, principalmente, em fenômenos concebidos em contextos monolíngues. Para o autor, a própria teoria não abre precedentes para que o contato linguístico interponha limites aos mecanismos de generalização e abstração, pois a noção de categorização, em princípio, como um processo cognitivo suficientemente econômico, deve abarcar quaisquer tipos de *inputs*, inclusive aqueles multilíngues que levam à emergência de padrões diassistêmicos, ocupantes de níveis mais altos na rede construcional multilíngue. Em suas palavras:

Se tomarmos uma ligação diassistêmica entre dois elementos específicos da linguagem como constituindo um item mais abstrato dentro de um sistema abrangente compartilhado pelas duas línguas, então podemos assumir a existência de “diaelementos”: “diafonemas”, “diamorfemas”, “diaconceitos” e “diassintagmas”. (HÖDER, 2012, p. 15. Tradução e adaptação nossas).

Forjada em torno dessas concepções, as quais discutiremos mais aprofundadamente a seguir, a GCD tem angariado um escopo investigativo profícuo e relevante para a definição do campo que alguns autores, como Hakimov e Backus (2021), têm chamado hoje de “Linguística de Contato Baseada no Uso”. Por tratar do contato linguístico e dos contextos multilíngues como fenômenos multifacetados, os trabalhos de vertente construcional diassistêmica têm explorado desde questões de mudança linguística por contato (BOAS; HÖDER, 2018) a outras práticas multilíngues, tais como o *codeswitch* e a aquisição de línguas adicionais orais e sinalizadas (BOAS; HÖDER, 2021). Encontramos algumas dessas situações no quadro 03 a seguir, retirado de Freitas Jr. *et al* (2022, p. 615).

Quadro 3 - Situações de contato linguístico

Tipos de contato	Situações de contato (pressões sociodiscursivas)	Casos de Competição (transferência/interferência e (super)generalização)
Contato entre línguas nacionais	Uso constante de duas línguas diferentes em uma mesma região em função de diversas questões históricas, geográficas ou sociais.	Falantes apresentam marcas da língua política ou quantitativamente majoritária, que acabam por ser incorporadas no uso da língua minoritária, fazendo emergir tipos de diassistemas (e.g. variantes de línguas,

		<i>pidgins</i> , crioulos) com diaconstruções comuns à L1 e à L2.
Contato entre modalidades (interferência intermodal)	Práticas letradas que se aproximam de suas contrapartes no âmbito da fala.	1. Falantes imersos em certos domínios profissionais (e.g. jornalístico, acadêmico e jurídico) aproximam usos característicos de gêneros escritos, em que se percebem competidores da modalidade escrita vencendo a competição durante a produção na modalidade falada, mesmo em domínios discursivos não profissionais. Essa competição faz emergir tanto uma cognição multilíngue com propriedades da escrita quanto uma variedade de práticas discursivas híbridas; 2. Usos típicos da modalidade oral que são transpostos para a escrita na mesma língua, ou da modalidade sinalizada para a escrita etc.; 3. Usos típicos da modalidade oral/sinalizada na L1 que são transpostos para a escrita na L2.
Contato de aprendizagem tardia	A aprendizagem da L2 é atravessada por aspectos linguísticos da L1.	Em razão da competição entre novas construções da L2 e as fortes construções da L1, aprendizes precisam inibir, em muitos casos, mas não em todos, os padrões construcionais da L1 (e.g. aspectos morfossintáticos), que geram casos de agramaticalidade na L2.
Contato de aprendizagem simultânea	Usos em que ocorrem alternância e/ ou simultaneidade de construções da L1 e da L2.	Bilíngues usam competidores (e.g. palavras, idiomatismos) mais salientes de uma das línguas, durante a fala na outra língua. Em casos de contato com línguas de modalidades oral e sinalizada, bilíngues oralizam e sinalizam ao mesmo tempo ou alternam as escolhas de uma modalidade para a outra.

Fonte: Freitas Jr. *et al* (2022, p. 615).

Com base no quadro acima, podemos dizer que esta pesquisa se concentra, principalmente, no “contato de aprendizagem tardia” (FREITAS Jr. *et al*, 2022, p. 615), na medida em que tomamos como recorte o processo de aprendizagem de L2, sobre o qual debateremos no capítulo 2. Antes, porém, daremos prosseguimento à explanação do construto teórico da GCD, apresentando com mais detalhes, na próxima subseção, seus pressupostos

centrais, tais como as noções de *constructicon* (ou cognição emergente) multilíngue, sua arquitetura e seus processos.

1.3.2 O constructicon multilíngue: arquitetura e processos

Por tomar como escopo as situações multilíngues, a abordagem da GCD considera que “a descrição gramatical de um sistema linguístico deve incluir estruturas de todas as línguas ou variedades envolvidas, e que o estabelecimento social e a aquisição individual de tal sistema deve ser intrinsecamente multilíngue” (HÖDER, 2014, p. 140. Tradução nossa). Entendendo que contextos multilíngues são diversos, como vimos na subseção anterior, o campo da GCD é notadamente amplo, abrangendo assuntos como variações intra e interlinguísticas, *pidgins*, *codeswitches*, mudanças induzidas por contato e aquisição/aprendizagem de línguas, uma vez que se tratam de fenômenos concebidos em situações de contato linguístico³².

É importante destacar que, por ser um modelo coligado à GCBU, os mesmos princípios teóricos vistos na seção 1.2 são considerados para explanação do conhecimento linguístico multilíngue no viés da GCD. Os processos cognitivos de domínio geral, a ideia de que a gramática se estabelece como uma grande rede associativa e a de que construções são mais ou menos entrincheiradas, desse modo, são também aspectos que compõem a empreitada de análise construcional diassistêmica. Esses pilares, inclusive, são os que sustentam a ideia de que construções de diferentes línguas (e/ou variedades) em contato podem formar um *constructicon* integrado, diferentemente do que se defende em abordagens mais tradicionais.

Nessa perspectiva, considera-se que a existência de construções multilíngues seja um fator subsidiado pela proposição de que a aquisição de conhecimento linguístico (L1 e L2) se dá a partir da ação de habilidades cognitivas de domínio geral e da frequência de uso de determinados itens no *input* complexo³³. Para o modelo, em contexto multilíngue, algumas construções específicas das (amostras de) línguas em contato podem ser associadas a uma única abstração não específica, a qual abrange informações de forma e sentido de ambos os sistemas, respeitando-se condições de similaridade que, via raciocínio analógico, fundam

³² Obviamente, cada um dos casos mencionados evoca um grau de contato linguístico específico.

³³ Certamente, todo *input* é complexo. Este adjetivo é utilizado aqui em menção ao *input* multilíngue, que para nós é regra, sem quaisquer intenções de predizer outros contextos.

categorias mais abstratas e translinguísticas. Então, destaca-se a atuação dos processos cognitivos de domínio geral, em particular da analogia e da categorização, que permitem a emergência de generalizações diassistêmicas em certos casos (HÖDER, 2018; HÖDER *et al*, 2021).

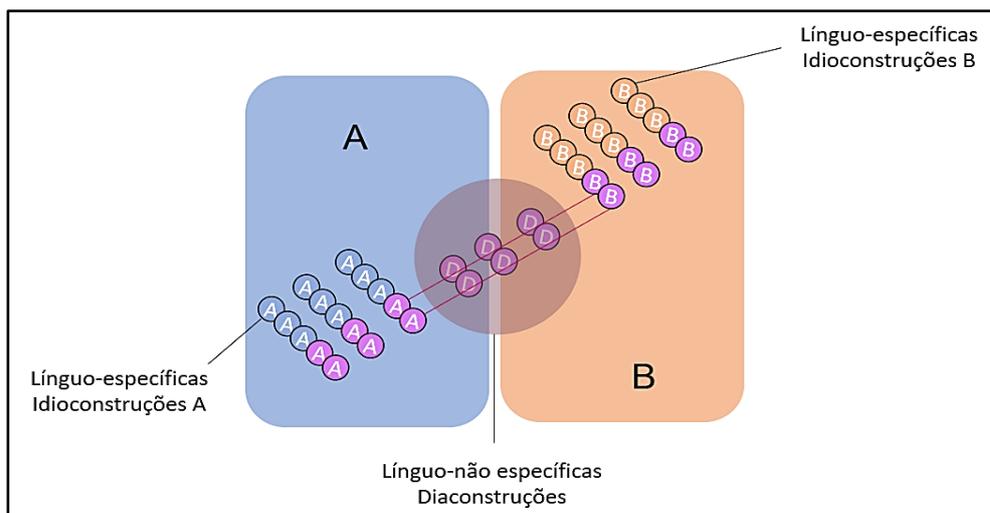
Além disso, do ponto de vista teórico, a visão diassistêmica não se reserva unicamente à esfera da descrição de fenômenos de contato, como também propõe uma representação cognitiva do conhecimento gramatical compatível com a teoria de gramática baseada no uso. Essa paridade contribui, ainda, ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento da teoria linguística centrada no uso, sendo duas dessas marcas (i) a viabilidade de uma rede construcional consubstanciada por *inputs* de (amostras de) línguas distintas e (ii) a proposição de uma nova tipologia de *link* construcional para além daquelas já descritas em Goldberg (1995) e Diessel (2015): a diassistêmica³⁴.

Considerando que o contato linguístico esteja direta e profundamente relacionado a fenômenos regulares e estruturantes que moldam o conhecimento linguístico em situações variadas de uso (HÖDER, 2012), a GCD o entende como imprescindível para a compreensão da interação cognitiva entre, a princípio, diferentes sistemas na composição da cognição multilíngue emergente. Por isso, a tese da representação do conhecimento linguístico multilíngue deste modelo estrutura-se em torno das concepções de que o multilinguismo contempla as funcionalidades (socio)pragmáticas de suas construções, as quais, apesar de advindas de diferentes sistemas, integram uma mesma rede diassistêmica mais abrangente e complexa.

Com base nisso, a proposta de arquitetura do conhecimento linguístico é a de que o *constructicon* multilíngue, uma cognição linguística emergente a partir da experiência com o uso de duas ou mais línguas, dispõe tanto de construções que são específicas das amostras em contato, quanto daquelas mais abstratas que são subsidiadas por exemplares das (variedades de) línguas em contato. A figura 3 a seguir propõe uma representação didática dessa proposta da GCD.

³⁴ É preciso destacar que o *link* diassistêmico é essencialmente horizontal. Ele se baseia nas características de forma e/ou função compartilhadas entre construções.

Figura 3 - Representação do constructicon multilíngue



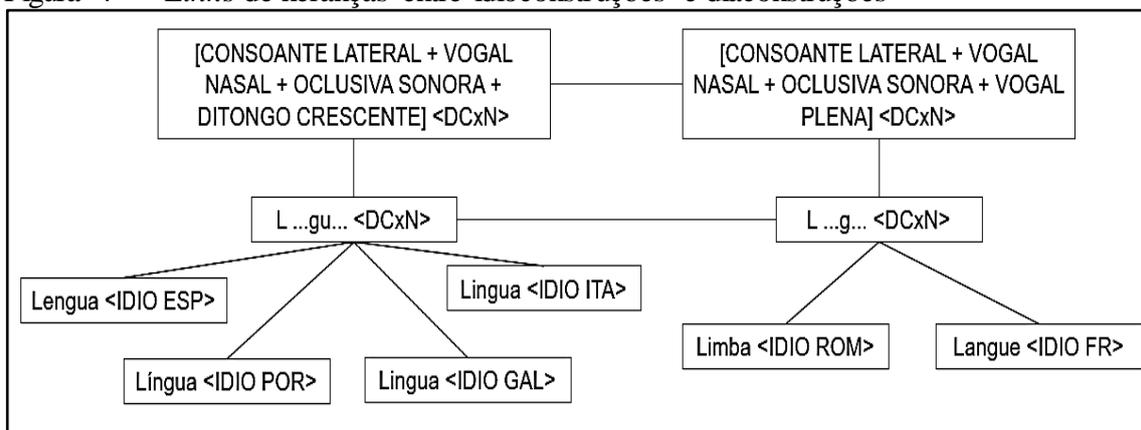
Fonte: Produção própria.

Para essa hipótese, produções linguísticas de falantes instanciam, simultaneamente, o que chamamos de “idiocanstruções” e “diaconstruções”, que são escolhidas e combinadas em vista das demandas do contexto comunicativo. A morfologia desses dois termos nos auxilia a compreender o que significam, uma vez que os prefixos “idio” e “dia” se referem, respectivamente, às particularidades *idiossincráticas* e às representações gerais compartilhadas, através de (*dia-*) sistemas.

Conforme visualizamos na figura 3, as idiocanstruções são próprias de contextos associados a uma determinada amostra de língua e, por isso, são menos abstratas³⁵, mais subespecificadas e idiossincráticas, podendo ser representadas em espaços construcionais distintos, apesar de, em alguns casos, conduzirem a emergência de diaconstruções por similaridade estrutural/funcional (HÖDER, 2012; 2014; 2018). Por outro lado, as diaconstruções são generalizações mais abstratas, posto serem resultantes da relação entre construções “presentes nos dois sistemas, que por apresentarem algum grau de similaridade de forma ou sentido, compõem uma abstração não específica (...) que abrange as informações linguísticas advindas de ambas.” (FREITAS Jr. *et al*, 2022, p. 616).

Para Höder (2019), diaconstruções e idiocanstruções coexistem no *constructicon* multilíngue e se estabelecem a partir de relações por *links* diversos (basicamente horizontais e taxonômicos). Para exemplificar essa questão, pensemos nas possibilidades de associações diassistêmicas a partir de dados de línguas do mesmo tronco linguístico (neolatinas), como ilustra o esquema abaixo a partir de dados lexicais:

³⁵ No sentido de não serem tão abrangentes/translinguísticas quanto as diaconstruções.

Figura 4³⁶ - Links de heranças entre idioconstruções e diaconstruções

Fonte: Produção própria.

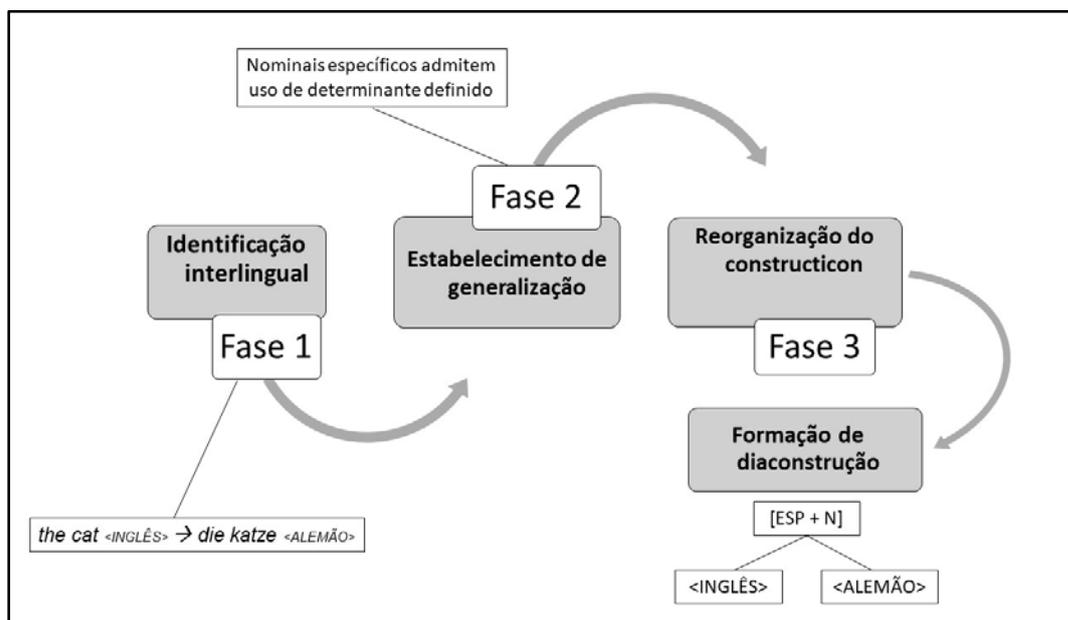
Percebemos que as semelhanças entre idioconstruções lexicais do espanhol <lengua>, do português <língua>, do galego <lingua> e do italiano <lingua>, de um lado, e do romeno <limba> e do francês <langue>, de outro, formam representações diaconstrucionais com as quais estabelecem relações de herança por similaridade formal e semântica. Essas conexões demonstram também que a diferença mais importante entre esses níveis construcionais é o grau de subespecificação pragmática, que será, por um lado, alto no nível idiossincrático e, por outro, consideravelmente mais baixo no nível diassistêmico devido à alta esquematicidade.

A formação de diaconstruções, porém, não é um processo inteiramente casual, mas pressupõe fases específicas de consolidação que impactam o *constructicon* de falantes multilíngues (HÖDER, 2018). Descrevemos esse processo na figura 5, a seguir, em que recuperamos dados de construções nominais do par Inglês-Alemão apresentados por Hilpert (2015) em sua discussão sobre aquisição de L2³⁷.

³⁶ Com essa figura, estou assumindo a análise de idio e diaconstruções por semelhança tipológica, e não fazendo menção ao conhecimento de um falante/comunidade fala específica de várias línguas em jogo.

³⁷ Retomaremos essa discussão mais adiante.

Figura 5 - Processo de formação de diaconstruções

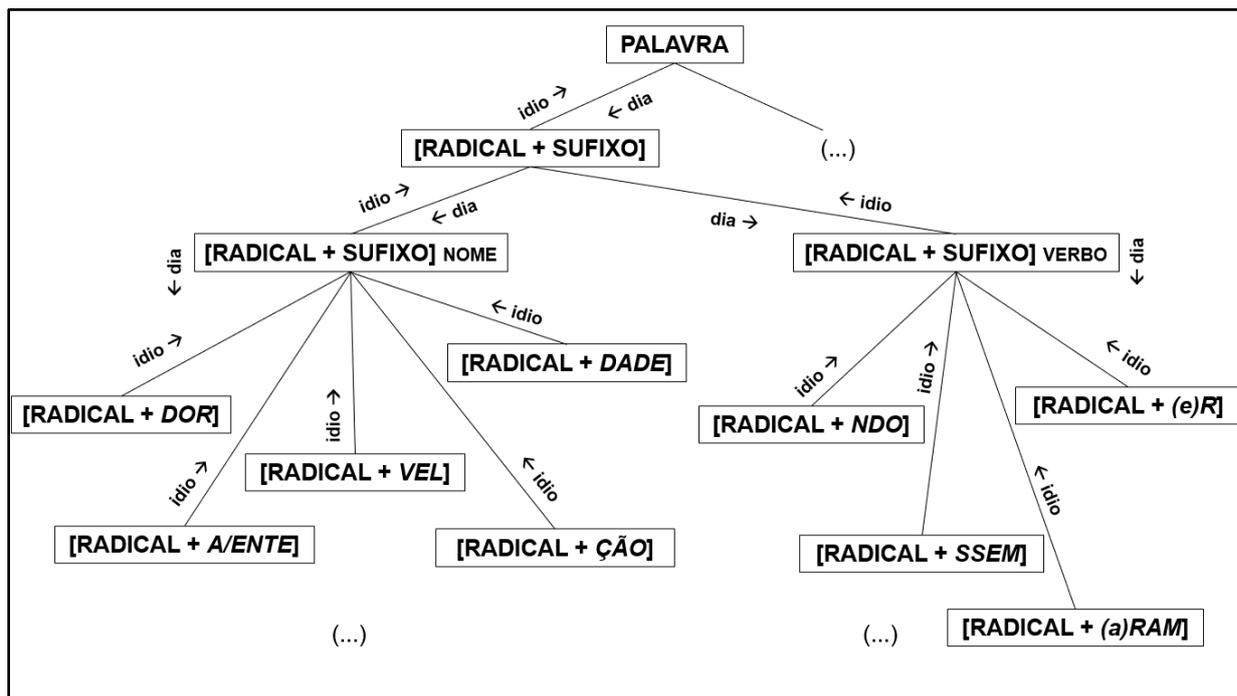


Fonte: Produção própria, a partir de Hilpert (2015).

A partir do esquema acima, produzido com base em Hilpert (2015) e Höder (2018), interpretamos a formação de diaconstrução seguindo as etapas de identificação interlingual (fase 1), estabelecimento de generalização (fase 2) e reorganização do *constructicon* do indivíduo (fase 3). A primeira fase refere-se à percepção de semelhanças de forma e/ou função de construções do conhecimento linguístico prévio e adicional, resultando na formação de links diassistêmicos que capturam correspondências (totais ou parciais). A segunda, diz respeito à composição de uma generalização, ou seja, um pareamento de forma e sentido não especificado a uma ou outra amostra linguística, permitindo aos falantes o seu uso com certa supergeneralização. Por fim, na terceira fase, ocorre a reorganização da gramática dos falantes, estabelecendo-se e estabilizando-se a diaconstrução, de modo que determinados aspectos idioconstrucionais tornam-se redundantes (HILPERT, 2015; HÖDER, 2018).

Além da compreensão deste processo, na qual voltaremos no capítulo 2, situamos que as distinções entre idio e diaconstruções podem ser assumidas diante da organização por *links* entre construções mais ou menos abstratas, como de praxe nas abordagens construcionais. Como a gramática é emergente, dizemos que uma construção “está” (e não é) idio ou diaconstruções. Por isso, esses dois conceitos não são propostos pela GCD como absolutos, pois, de acordo com Höder (2018), pressupõem uma análise das relações interconstrucionais, de modo que determinados padrões podem ser associados ora a idioconstruções, ora a diaconstruções, como vemos de modo mais detalhado na figura 6.

Figura 6 - Dia e idioconstruções como relações conceptuais



Fonte: Produção própria.

Com base no recorte exposto na figura acima, produzida de acordo com dados de exemplares lexicais do PB, percebemos que as definições de idio e diaconstruções partem da análise dos graus de abstração. Por isso, ao analisarmos uma rede tendo por princípios a hierarquia e principalmente a propriedade construcional de esquematicidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), entendemos que classificar um padrão como idio ou diaconstrução requer uma análise mais apurada. Ao tratar disso, Höder (2018) aborda a questão de todo *input* ser idioconstrucional e seus desdobramentos sobre as hipóteses de aquisição de linguagem neste modelo teórico, conforme debatemos no capítulo 2.

De acordo com Höder (2014), o estabelecimento de idio e diaconstruções se dá a partir do processo de identificação interlingual, definido por Weinreich (1967) como o estabelecimento de relações entre línguas/variedades em contato. Para o construto teórico da GCD, tal processo é o principal formador de uma rede construcional composta por *links* de equivalências formais e/ou sociocognitivas emergentes, os quais dão conta, também, dos componentes variáveis/idiossincráticos. Diferente do verificável em Weinreich (1967), contudo, nesta proposta de descrição por meio de idio e diaconstruções, a identificação interlingual não se define unicamente pelas correspondências de similaridades entre construções, de modo que:

É crucial, porém, que elementos em diferentes línguas não sejam equivalentes *per se*. Em vez disso, eles são percebidos, usados e gradualmente convencionalizados como equivalentes em um processo sociocognitivo que é pelo menos parcialmente arbitrário e, portanto, criativo, embora seja guiado por semelhanças formais ou funcionais (cf. Heine & Kuteva, 2005, p. 222) (HÖDER, 2014, p. 42. Tradução nossa).

A partir disso, Höder (2014) estipula que ao longo da experiência linguística falantes identificam estruturas com certo grau de equivalência formal/funcional em contextos de uso distintos e passam a interpretá-las como exemplares de generalizações mais abstratas. Formam-se, assim, diaconstruções, ou seja, padrões não específicos às amostras em contato, mas que compartilham aspectos das idioconstruções, padrões em que as especificidades línguo-específicas são pressupostas como significado pragmático e/ou característica formal específica.

Nesse aspecto, a GCD não concorda com a ideia de que as construções são específicas de um sistema linguístico, como propunha a Gramática de Construções Radical (CROFT, 2005). Já que o modelo é baseado no uso, essa discordância, no entanto, não significa assumir que, por serem abstrações não específicas a nenhuma das partes em contato, as diaconstruções são universais. É por esta razão que Höder (2014) afirma que as diaconstruções, assim como toda gramática, são específicas das comunidades multilíngues, nas quais são estáveis a depender de graus variáveis de frequência de uso em cada um desses grupos.

Além dessa razão, dizemos também que o modelo da GCD é essencialmente baseado no uso pelo fato de as idioconstruções e as diaconstruções surgirem da experiência real dos falantes via atuação dos processos cognitivos de domínio geral e serem armazenadas e combinadas em vista das possibilidades e restrições de forma e sentido. Neste *layout* diassistêmico, os usos de uma ou de outra forma, de uma ou de outra (amostra de) língua, passam a ser pragmaticamente orientados (GROSJEAN, 2008), refletindo as generalizações que falantes plurilíngues realizam inconscientemente sobre os *tokens* frequentes no *input*, as quais são fortalecidas pelo mecanismo cognitivo da categorização (HÖDER *et al*, 2021).

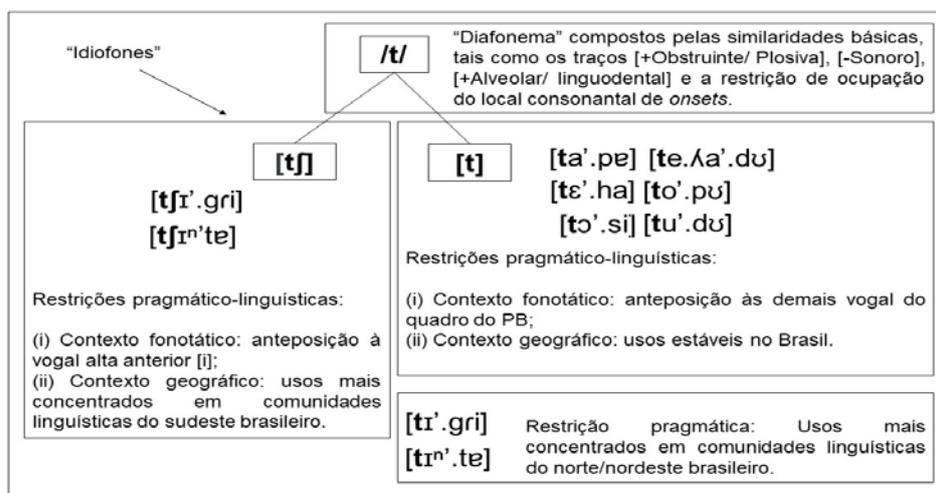
A esse respeito, inclusive, a capacidade de memória enriquecida (BYBEE, 2010) também se mostra relevante, pois a ênfase na orientação formal e pragmática dos usos diassistêmicos requer um tipo de armazenamento capaz de considerar detalhes co-ocorrentes da experimentação de diaconstruções e idioconstruções, garantindo complementaridade. Em nosso entendimento, quando o Höder fala de abordagem sociocognitiva ele inclui a parte formal das construções e a parte de sentido. Assim, não entendemos que a analogia ocorre apenas na base de correspondência no âmbito semântico, pragmático e discursivo. Pode ser,

por exemplo, que se estabeleça um *link* diassistêmico exclusivamente em decorrência de aspectos formais semelhantes.

A visão de *constructicon* multilíngue sugerida pela abordagem da GCD promove a reconsideração de alguns fenômenos frequentemente debatidos na Linguística Centrada no Uso, tais como as distribuições de usos linguísticos, a mudança e a aquisição de linguagem. Quanto à distribuição de usos, por exemplo, a partir dos pressupostos diassistêmicos, podemos conjecturar novas abordagens para a descrição e interpretação de fenômenos variáveis em termos de relações idio e diaconstrucionais³⁸ e em diferentes níveis de análise, já que o próprio modelo não prevê vínculos diassistêmicos restritos às relações entre construções, mas os considera possíveis, por exemplo, também para elementos fonêmicos (HILPERT, 2015).

A título de exemplo, propomos uma interpretação alternativa ao caso clássico de alofonia no PB, descrito na figura 7.

Figura 7 - Alofonia em perspectiva diassistêmica



Fonte: Produção própria.

De acordo com Câmara Jr. (1970), a alofonia é um fenômeno de variação caracterizado pela alternância de um fone por outro, seja por influência do contexto fonotático, seja por outras motivações. No caso representado na figura 6, vemos a alofonia por distribuição complementar entre as realizações [t] e [tʃ], associadas ao fonema /t/.

³⁸ No Brasil, a variação/competição já vem sendo debatida dentro do arcabouço teórico da GC em uma perspectiva "socioconstrucional" (MACHADO-VIEIRA; WIEDEMER, 2019, 2021, 2022), mas não necessariamente diassistêmica.

Por um olhar diassistêmico, é possível refinarmos a especificação deste fenômeno considerando os alofones como exemplares idiossincráticos, de modo que a chamada distribuição complementar passe a ser lida pelas restrições formais e /ou pragmático-linguísticas, tais como o contexto fonético (a anteposição à vogal alta anterior) e as particularidades referentes aos aspectos geográficos (a distribuição das formas em competição por diferentes comunidades linguísticas). Ainda, por meio das similaridades entre os idiofones [t] e [tʃ], dentre elas os atributos [+ Obstruintes/ Plosivas], [-Sonoro], [+Alveolar/Linguodental] e a restrição de ocupação da primeira posição consonantal de *onset* na estrutura silábica, chegamos a um denominador comum: o “diafonema” /t/.

A mudança também é um processo que pode ser enriquecido pela abordagem da GCD, conforme evidências empíricas (HÖDER, 2012; 2014). Explorando por que línguas em situação de contato linguístico estável e de longo prazo tendem a se tornar gradativamente mais semelhantes, Höder (2014) apresenta e debate achados que nos permitem compreender tais modificações no âmbito de seu modelo teórico. Para o autor:

Na GCD, esse tipo de mudança diacrônica [em decorrência de contato] pode ser modelado como uma redução do número total de idiossincrasias específicas da linguagem e, correspondentemente, um aumento no número de diaconstruções dentro do sistema multilíngue, pois menos idioconstruções são necessárias para dar conta de todas as idiossincrasias. (HÖDER, 2014, p. 36. Tradução e inserção nossas).

Vemos, assim, que a mudança linguística em decorrência de contato pode ser explicada (i) por meio da diminuição de idioconstruções com conseqüente ampliação de diaconstruções e (ii) por meio da diminuição de idioconstruções, ampliação de diaconstruções e, ainda, formação de novas idioconstruções. Essa hipótese foi confirmada pelo estudo de Höder (2012), que identificou a simplificação do sistema bilíngue sueco/latino pelo surgimento de pronomes relativos em sueco como resultado do contato com o latim durante os séculos XIV e XVI.

Neste estudo, observou-se que o sueco, língua que antes contava somente com orações relativas marcadas por subjunções, passou a exibir uma construção inovadora e estruturalmente semelhante à utilizada em latim, a qual exibia pronomes em início de cláusulas flexionados em gênero e número de acordo com o antecedente e em caso a depender de seu papel. Tal mudança foi proveniente do estabelecimento de uma estrutura básica de relativização adnominal (com e sem pronome) compatível semanticamente com as idioconstruções das amostras em contato, a qual, devido à frequência de uso considerável,

desencadeou não só a mudança linguística no sueco, como também uma aproximação entre esta língua e o latim (Cf. HÖDER, 2012).

A discussão a respeito das idio e diaconstruções também contempla o processo de aquisição de linguagem. Na tentativa de descrever e explicar a maneira como uma gramática emerge, Höder (2018) propõe duas hipóteses considerando os papéis da generalização, da frequência de uso e dos processos cognitivos de domínio geral, quais sejam: (i) a de que diaconstruções se estabelecem diretamente e (ii) a de que idioconstruções são percebidas gradualmente até formar abstrações diassistêmicas.

Primeiramente, é preciso considerar que essas hipóteses não são excludentes, mas complementares entre si. Desse modo, entende-se que o que começa como idioconstrução gradualmente pode vir a se transformar em uma diaconstrução (formação de novo nó na rede) por meio de processos seriados de abstração e generalização que geram formações de associações diassistêmicas (HÖDER, 2018). O conceito de *link* diassistêmico, caro a tais discussões, soma-se à tradição de estudos construcionistas relacionados à representação em rede (GOLDBERG, 1995; DIESSEL, 2015) e refere-se à “relação interconstrucional decorrente do contato linguístico em que construções de aspectos formais e/ou de sentido são analogicamente identificadas como semelhantes e processadas de modo mais integrado” (FREITAS Jr. *et al*, 2022, p. 617).

Conforme exploraremos mais aprofundadamente no capítulo seguinte, nesse processo, a identificação interlingual é acionada por consequência de equivalências estruturais e/ou funcionais co-ocorrentes na experiência emergente das necessidades comunicativas dos falantes multilíngues. Além disso, se considerarmos que o espaço hiperdimensional do componente diassistêmico é variável a depender das distâncias tipológicas dos *constructicons* em contato e que a criação de *links* está subordinada a esse fator (HÖDER, 2014; 2018), podemos compreender alguns aspectos de fenômenos multilíngues a partir de escalas gradientes.

Essa proposição trata-se, em essência, de graus mais ou menos altos de correspondências diassistêmicas entre (variedades de) línguas, a depender das convergências e divergências formais/funcionais que apresentam. À vista disso, poderíamos pressupor, por exemplo, que línguas historicamente relacionadas (e.g. português e espanhol) tenderiam a relações entre si baseadas em escalas de diassistematicidades de nível elevado, o que, talvez, não seja verificável entre línguas “distantes” (e.g. português e sueco)³⁹.

³⁹ Obviamente, essa afirmação é hipotética, apesar de relativamente previsível. No entanto, ela coloca uma questão instigante e potencial para a pesquisa em GCD: em que medida línguas com/sem aparente relação

É importante destacar que a proposta de arquitetura e os processos envolvidos na cognição emergente multilíngue que debatemos até aqui, apesar de baseados em idio e diaconstruções, é fundamentalmente construcionista, dado que tanto os padrões específicos quanto aqueles inespecíficos são construções diferidas somente por associações a contextos sociocomunicativos particulares (HÖDER, 2018). Por isso, tais postulados rejeitam limites linguísticos como um dado a priori, fornecendo novas possibilidades de interpretação para a organização construcional, assumindo a pluralidade e a naturalidade das situações de contato.

Em se tratando do contexto de aquisição de L2, tema protagonista deste estudo, esse é um aspecto de peso, uma vez que propicia a reanálise de conceitos clássicos da literatura aquisicional, como interlíngua, transferência e supergeneralização (SELINKER, 1972), como veremos no próximo capítulo.

2 CONTRIBUTOS TEÓRICOS PARA A APRENDIZAGEM DE L2

Nesta etapa, complementamos as discussões iniciadas no capítulo anterior, centrando, neste momento, nosso olhar sobre os aspectos teóricos a respeito de aquisição de L2, o processo sobre o qual se debruça a presente pesquisa. Compreendemos que a proposta da GCD, detalhada em 1.3, nos oferece bases para repensarmos questões tradicionalmente debatidas na literatura aquisicional, tais como as noções de “interlíngua”, “transferência”, dentre outras, oferecendo-lhes interpretações construcionais diassistêmicas, que melhor consideram os papéis da arquitetura e os processos do *constructicon* multilíngue.

Em vista disso, reconhecendo os contributos teóricos do modelo da GCD para a interpretação da aprendizagem de L2, argumentamos, neste capítulo, em favor de uma abordagem conceitual mais sólida. Para tanto, dividimos o capítulo em três seções, em que situamos a aprendizagem de L2 como multilinguismo emergente, a partir de Höder, Prentice e Tingsell (2021) e Freitas Jr. *et al* (2022); tratamos das noções de competição, *coverage* (cobertura) e preempção estatística à luz de Goldberg (2019); e procedemos a proposições a respeito dos novos horizontes para a noção de interlíngua, a partir das contribuições teóricas dos autores mencionados e de Hilpert (2015) e Höder (2018).

2.1 A aprendizagem de L2 como multilinguismo emergente

Entre as pesquisas que recentemente têm partido do aparato teórico da GCD, observamos aquelas ainda pouco numerosas cujo foco são os processos de aquisição/aprendizagem de línguas adicionais. Por este ainda se tratar de um campo relativamente novo na área da GC, não podemos afirmar que este debate esteja desenvolvido em ampla escala, apesar de o tema ser verificado em outras abordagens construcionais (ELLIS, 2013; DIVJAK; CALDWELL-HARRIS, 2019; GOLDBERG, 2019; FREITAS Jr; SOARES; NASCIMENTO, 2020, 2021; WANG, 2021).

Por isso, em busca de elucidarmos a compatibilidade deste modelo teórico com os objetivos da presente investigação, especificamente nesta seção, abordamos postulados e achados apresentados em Höder, Prentice e Tingsell (2021) e em Freitas Jr. *et al* (2022), dois estudos essenciais à discussão da aquisição de L2 em abordagem construcional diassistêmica.

O primeiro, como indicam os próprios autores, tem uma natureza mais teórica, voltada à apresentação e proposição do modelo da GCD; já o segundo, por outro lado, se concentra com mais preocupação na aplicação do modelo à análise de dados empíricos de aquisição de L2.

Inicialmente, é necessário contextualizar que a GCD não distingue, do ponto de vista cognitivo, os processos de aquisição de L1 e de L2 por considerar a inerência do contato mesmo em comunidades relativamente estáveis e dos processos mentais recrutados para representação de quaisquer tipos de conhecimentos linguísticos, que serão necessariamente multilíngues (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021)⁴⁰. As línguas, nessa abordagem, não se enquadram em *status* apriorísticos, pois isso representaria certa contradição aos postulados da teoria, sobretudo, (i) ao de que o processo de aprendizagem de linguagem implica reorganização do conhecimento linguístico geral (DIESSEL, 2019; ELLIS; WULFF, 2019) e (ii) ao de que não temos uma língua até termos duas (HÖDER, 2021, p. 34).

Mesmo sem diferir tais contextos de aquisição de linguagem, porém, a GCD fornece bases mais sólidas para a descrição e a interpretação do modo como aprendizes de línguas adicionais lidam com novas construções e seus aspectos gramaticais e pragmáticos, possibilitando a expansão dos conceitos de transferência/interferência, supergeneralizações e interlíngua (SELINKER, 1972; ODLIN, 1989), como apostam Höder, Prentice e Tingsell (2021). Considerando o processo de aquisição de L2 como um contexto de emergência de *constructicon* multilíngue, por se tratar inerentemente de uma situação de contato, destacamos dois postulados essenciais à discussão desse tema e, mais especificamente, à análise de produções/construtos de [(ESP)N(X)] não nativas a ser apresentada no capítulo 5:

- 1) Manifestações linguísticas não nativas podem refletir tanto prevalências de idioconstruções, quanto processamentos de eventuais *links* diassistêmicos;
- 2) O processo de aquisição de L2, nesse sentido, envolve não apenas a aprendizagem de novas construções, como também pressupõe certa reorganização do conhecimento linguístico pré-existente, isto é, da L1.

Entender esses dois postulados do modelo aquisicional proposto pela GCD pressupõe considerarmos os efeitos do entrenchamento, um mecanismo cognitivo descrito por Langacker (1987) como a capacidade de uma construção possuir um valor alto ou baixo de ativação/saliência representativa, a depender de sua frequência de ocorrência no *input* e sua consequente consolidação no *constructicon*. Assim, assumimos, então, que:

⁴⁰ Apesar disso, reconhece algumas particularidades, como veremos em 2.3. A não distinção entre os processos diz respeito às bases cognitivas que os respaldam, que são, teoricamente, as mesmas para ambos os casos.

Cada uso de uma estrutura tem um impacto positivo em seu grau de entrincheiramento, enquanto longos períodos de desuso têm um impacto negativo. Com o uso repetido, uma nova estrutura torna-se progressivamente entrincheirada, a ponto de se tornar uma unidade; Além disso, as unidades estão entrincheiradas de forma variável, dependendo da frequência de sua ocorrência. (LANGACKER, 1987, p. 59. Tradução nossa).

Essa capacidade cognitiva, nessa abordagem, é relevante diante das proposições de que (i) a aprendizagem de uma L2 não parte de um grau zero de conhecimento linguístico, sendo um processo que prevê integração com um componente pré-existente da L1 (ELLIS, 2006) e de que (ii) aprender construções novas, de um sistema distinto do já consolidado, excede o domínio da forma e do conteúdo ao se associar a fins comunicativos específicos (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021). Assim, a preocupação com o componente cognitivo é ressaltada, tendo em vista que aprender uma nova língua significa, essencialmente, fixar distinções (idioconstruções de cada uma das línguas) em uma rede composta, majoritariamente, por esquemas entrincheirados ainda com contornos inespecíficos (diaconstruções)⁴¹.

Em produções não nativas, assim, é comum haver mesclas, caracterizadas por “uma operação mental de natureza analógica (...) de modo a produzirem um padrão construcional agramatical, com marcas morfossintáticas dos protótipos mesclados” (NASCIMENTO; SOARES; FREITAS Jr., 2019, p. 149). Essas “inovações diassistêmicas” (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021, p. 41) demonstram etapas da organização do conhecimento multilíngue emergente caras à reinterpretação do processo de aquisição de L2. Hipoteticamente, podemos pressupor que a formação de diaconstruções via percepção e generalização de similaridades parciais implica em potencial maior produtividade desses esquemas diassistêmicos, que podem impactar tanto positiva quanto negativamente a apropriação de novas construções.

Entretanto, diante de casos assim, deve-se ter a acuidade de analisá-los em vista do que podem, ou não, representar. Principalmente, é necessário averiguar se tais usos correspondem a uma inovação individual de um aprendiz ou se são estáveis em um grupo, bem como se são resultantes de analogia, ou instanciações diretas de uma diaconstrução (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021). Sem dúvidas essas questões, às quais pretendemos fornecer respostas com evidências neste estudo, são relevantes para a discussão dos efeitos do entrincheiramento na emergência da gramática multilíngue em situação de

⁴¹ Dizemos isso, obviamente, mensurando as relações entre os sistemas da L1 e da L2, considerando este como componente emergente do que virá a se tornar o *constructicon* multilíngue. Há, no entanto, uma série de outras relações subdiassistêmicas no conhecimento linguístico que os aprendizes já apresentam (L1), tais como aqueles relativos às variáveis intralinguísticas de registros e modalidades.

aquisição de L2, visto que o grau de centralidade cognitiva das construções vem sendo apontado como um determinante para a seleção de um ou outro esquema no curso da comunicação, de acordo com os estudos de Bybee (1995) e Wiedemer e Oliveira (2019).

De um jeito ou de outro, essas noções endossam a premissa de que aprendizes de L2 dispõem de reforços constantes de informações contextuais entrincheiradas como parte do significado construcional, conforme prevê a hipótese geral do modelo da GCD, a qual integra, além da dimensão formal, as dimensões cognitiva e social como parte do conhecimento gramatical. Por isso, o entrincheiramento é apontado como gradual e reversível a depender da experiência (SCHMID, 2016), o que, em termos de *constructicon* multilíngue, significa dizer que as idioconstruções e diaconstruções podem estar mais ou menos entrincheiradas, isto é, exibir graus variáveis de ativação em uma escala de aprendizagem diassistêmica.

Nesse sentido, Höder, Prentice e Tingsell (2021) consideram não só o entrincheiramento, como também a sua contraparte, o “desentrincheiramento” já apontado como possibilidade por Langacker (1987), dada a gradiência do desenvolvimento da L2. O *input* da L2, desse modo é processado a partir de idioconstruções pré-existentes (L1), podendo seus *tokens* conduzem ao estabelecimento e à reorganização de todo o repertório multilíngue dos aprendizes. Assim, para os autores, essa configuração baseada em (des)entrincheiramentos se refletirá em uma arquitetura de:

- i. construções prévias fortemente entrincheiradas: diaconstruções do ponto de vista da realidade psíquica do aprendiz e idioconstruções do ponto de vista do contato;
- ii. idioconstruções recentemente aprendidas, portanto, restritas a contextos da L2; e
- iii. construções prévias afetadas.

A título de exemplo, podemos conjecturar uma situação de um brasileiro nativo de PB, aprendiz de espanhol como L2 (EL2). Como vimos discutindo, a compreensão da L2 demandará desse aprendiz a necessidade de processar novos *tokens* disponíveis no *input*, o que fará a partir de seu conhecimento linguístico prévio, que, *a priori*, não é ainda pragmaticamente restrito à L1 (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021). Devido à proximidade tipológica de grande parte dos *constructicons* do espanhol e do PB (SALINAS, 2005), é possível que um número considerável de esquemas pré-existentes possa funcionar como diaconstruções (após a formação de *link*) na emergência do *constructicon* multilíngue até certo tempo, não requerendo, em princípio, reorganizações tão profundas⁴² e promovendo

⁴² Obviamente, algumas formas, ainda que cognatas ou com alto grau de convergência formal, já representam uma reorganização no nó da rede multilíngue, ainda que em menor grau e somente no nível formal. Mas essa é uma outra discussão, diferentemente da que se propõe neste ponto.

associações diassistêmicas automáticas, como pode ser o caso de algumas construções lexicais cognatas (e.g. aluno vs. *alumno*; casa vs. *casa*; escola vs. *escuela*).

Por outro lado, este mesmo aprendiz se deparará com construções que não corresponderão àquelas integrantes de seu repertório prévio, ou que são relativamente semelhantes, como, por exemplo, a construção de objeto direto anafórico, que em PB pode se materializar por pronomes tônicos (e.g. eu vi *ele* ontem), ao passo que no espanhol essa parece ser uma restrição (e.g. **ayer vi a tu libro*)⁴³, ainda que ambas as línguas permitam expressões de clíticos, formas nulas e repetições de toda a construção [(ESP) N (X)], conforme apontam Dutra, Simoni e Lima (2016).

Diante dessa possível idioconstrução da L2, o aprendiz com uma experiência ainda limitada no que se refere ao uso desse padrão pode se tornar estatisticamente mais propenso a uma produção não nativa em espanhol com prevalências da idioconstrução mais semelhante e entrincheirada de sua L1, um típico caso de transferência. A esse aprendiz, assim, será necessária a aquisição de determinadas restrições pragmáticas específicas da L2, de modo que passe a reconhecer um subconjunto de propriedades relativas às semelhanças e diferenças dos pares de forma-sentido competidores.

É por esse motivo que, do ponto de vista da GCD, o processo de aprendizagem de L2 pressupõe reorganização do conhecimento linguístico pré-existente no plano cognitivo, seja por adição, por remoção ou por adaptação (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021). Quando aprendizes processam construções da L2 que não estabelecem relações com a L1, ou generalizam sobre a forma ou a função de idioconstruções e formam diaconstruções que “capturam” informações linguísticas irrestritas a contextos de uma ou de outra língua, podemos verificar a atuação do entrincheiramento por acréscimo de novas construções ao *constructicon* multilíngue. Em contrapartida, verificamos a emergência de um “novo *constructicon*”, na medida em que aspectos idioconstrucionais dirimidos pela formação e constante fortalecimento de diaconstruções representam êxito no processo de aprendizagem.

Para Höder, Prentice e Tingsell (2021), a mesma situação também ocorre com *links* interconstrucionais. Em sua concepção, o processo de aprendizagem de L2 gera adição, adaptação/transformação e remoção de *links* entre esquemas, quando, respectivamente, o

⁴³ Segundo Schwenter (2006) *apud* Dutra, Simoni e Lima (2016), “o objeto direto que caracteristicamente recebe a marcação diferencial do objeto é aquele que carrega os traços [+animado, +específico] (...) Este, não coincidentemente para o autor, é o mesmo tipo de referente que dá origem a um objeto direto foneticamente realizado em PB e nas variedades quitenha e paraguaia do espanhol. Por outro lado, o mesmo não ocorre em casos de objeto direto [-animado] (...) Novamente não coincidentemente, este é o contexto preferido para a ocorrência de objetos diretos anafóricos com formas nulas nas variedades recém mencionadas” (DUTRA; SIMONI; LIMA, 2016, p. 69).

input leva à associação formal/funcional de um pareamento a um esquema, ou faz com que o aprendiz reconheça distinções entre construções não percebidas em estágio anterior. Além disso, construções pré-existentes podem se tornar vulneráveis ao acréscimo e/ou à remoção de propriedades formais e funcionais, de modo a serem especializadas pragmaticamente, sendo ativadas por um princípio de complementaridade, análogo à distribuição complementar, ou se tornarem menos específicas, refletindo entrincheiramento e desentrincheiramento das correspondências simbólicas.

Essas concepções demonstram que a cognição multilíngue emergente de aprendizes de L2, para o modelo, molda-se em termos de idioconstruções e diaconstruções que lhes possibilitam a ativação de informações formais e de sentido dos pareamentos mais ou menos entrincheiradas.

No trabalho de Freitas Jr. *et al* (2022), são fornecidos indícios empíricos que falam a favor da viabilidade da hipótese da GCD para o processo de aquisição de L2 descrita em Höder, Prentice e Tingsell (2021), a partir de análises de produções escritas não nativas e de testes de aceitabilidade. Esse estudo demonstra que determinadas construções, quando armazenadas no *constructicon* multilíngue de aprendizes de PB e de inglês como L2, podem ser ora representadas e processadas a partir de supergeneralizações e prevalências idioconstrucionais (“transferência”, no modelo da interlíngua), ora terem seus processamentos facilitados por aspectos diaconstrucionais.

No que se refere aos dados de PBL2, Freitas Jr. *et al* (2022) focalizam o estado representativo do esquema [(ESP) N (X)] preenchido com determinantes definidos e indefinidos na cognição multilíngue emergente de 26 aprendizes de PBL2, sendo 9 estrangeiros (falantes de inglês) e 17 surdos (falantes de Libras), a partir da análise de 538 ocorrências percebidas em 50 textos escritos. Os resultados observados demonstraram produções compatíveis e incompatíveis da representação de determinantes à margem esquerda, sendo estes últimos reveladores de possíveis casos de prevalências de idioconstruções em ambos os grupos investigados.

Os autores apontam uma possível generalização a ser feita, haja vista a frequência de ocorrência entre ambos os grupos, tanto no que se refere aos usos não nativos convergentes com as regras combinatórias da L2 (84,23% para estrangeiros; 86,24% para surdos), quanto aos divergentes, comprometidos por algum fenômeno inibidor da gramaticalidade do esquema conforme os padrões do *input* (15,73% para estrangeiros; 14,44% para surdos).

Como advogam Freitas Jr. *et al* (2022), tais evidências fornecem bases para pensar a favor da abordagem aquisicional da GCD, visto que as línguas em contato (libras, inglês e PB)

apresentam a construção [(ESP) N (X)], o que favorece, no contexto da aquisição de PBL2, a emergência de *links* e justifica casos sem comprometimentos. Entretanto, em níveis menos esquemáticos, aspectos estruturais e idiossincráticos de determinantes fixam idioconstruções competidoras com as da L2, as quais, ao serem transferidas diretamente em casos específicos, fundamentam divergências representadas na escrita.

Outros indícios promissores oferecidos por Freitas Jr. *et al* (2022) dizem respeito ao processamento das diaconstruções [(X)VSN]_{ATIVA} e [(X)V_{AUX}Vpp]_{PASSIVA}, estabelecidas entre as idioconstruções [*It* VS] e [VS]_{Foc}, respectivamente, do inglês (*It occurred a non-release of the final stop...*) e do PB (*Hoje, chegou a hora de mudar...*), as quais impactam diretamente o desenvolvimento do IL2 por aprendizes brasileiros. Os autores, nesse caso, apresentam resultados de um estudo que visa à percepção da transferência de construções [VS] do PB para o IL2 e da supergeneralização do uso do expletivo *It*. Por meio de metodologia experimental *off-line*, averiguam o nível de aceitabilidade de usos agramaticais produzidos em IL2 por parte de 30 aprendizes brasileiros de níveis básico (10), intermediário (10) e avançado (10).

De acordo com os resultados debatidos, os índices altos de aceitabilidade em todos os níveis de proficiência (100% no básico; 75% no intermediário; 67% no avançado) de exemplares agramaticais instanciadores das diaconstruções [(X)VSN]_{ATIVA} e [(X)V_{AUX}Vpp]_{PASSIVA} indicam, empiricamente, a arquitetura multilíngue do *constructicon*. A interpretação de Freitas Jr. *et al* (2022) estipula que o alto grau de entrenchamento da idioconstrução da língua materna, [(X)VS] com determinado tipo verbal, bloqueia construções [SV] gramaticais na L2, sendo a supergeneralização do expletivo uma evidência para o processo de competição, o qual demonstra a dificuldade de os aprendizes fixarem as possibilidades e restrições construcionais, conforme propõe o modelo da GCD.

Em ambos os recortes, os autores perceberam, ainda, efeitos de preempção estatística, do *coverage* (cobertura) e da aprendizagem guiada pelo erro sobre as redes multilíngues emergentes, mostrando, para além da aplicabilidade da GCD, a rentabilidade de sua integração com outros debates tecidos na alçada da GCBU (em versão não necessariamente diassistêmica) para a discussão de fatores envolvidos em processos de aquisição de L2. Por isso, na próxima seção, revisitaremos as contribuições teóricas de Goldberg (2019) pertinentes à presente pesquisa.

2.2 Competição, *coverage* e preempção estatística

Até aqui apresentamos e discutimos os pressupostos da GCD buscando trazer à tona contribuições ao debate da aquisição de L2 em uma perspectiva baseada no uso. De modo a enriquecer nossa argumentação, nesta seção, abordamos determinadas ideias de Goldberg (2019) que, a nosso ver, convergem com o construto teórico da GCD na empreitada de descrever e interpretar mecanismos cognitivos relativos à representação de conhecimentos linguísticos no contexto de L2.

Como mencionado, independentemente do processo de aquisição em foco (L1 ou L2), a abordagem construcional baseada no uso entende que aprender uma língua significa dominar, cognitivamente falando, construções e regras de combinação e restrição entre construções de diferentes níveis em variados contextos pragmáticos, a fim de estabelecer uma comunicação viável com pares. Em condições típicas, no que se refere à apropriação de L1, tal processo ocorre gradual e naturalmente durante um período tenro da maturação do organismo em que crianças adquirem não somente os meios linguísticos convencionais de veicular formas e funções, como também seus fatores condicionantes, tais como significado, estrutura informacional, registros, dentre outros.

Em se tratando, porém, do contexto de aquisição de L2, como vimos na seção anterior, apesar de concebermos um conhecimento de mesma natureza da L1, tal processo exhibe marcas e estratégias específicas, não raras vezes oriundas de impactos do componente linguístico prévio, que o distingue consideravelmente do ponto de vista do reconhecimento de dimensões relevantes das convenções linguísticas figurantes no *input*. Em sua discussão sobre os efeitos de idade, acessibilidade cognitiva e criatividade na aprendizagem de uma L2, Goldberg (2019) apresenta que erros em construções complexas são mais recorrentes do que em construções menos complexas, formadas por uma única palavra.

Para a autora, possivelmente, isso ocorre porque *chunks* com mais de uma palavra são menos frequentemente correspondentes entre línguas do que palavras, que são mais facilmente traduzíveis. Com base nisso, aprendizes de L2 tendem a enfrentar desafios particulares quando distinções exigidas pelas construções da língua alvo são irrelevantes e/ou pouco produtivas em sua L1, o que os leva a ter um processo de aprendizagem que demanda maior esforço cognitivo e que é perpassado por fenômenos previsíveis.

Para Goldberg (2019), essas diferenciações correspondem, em sentido amplo, a condições cognitivas subjacentes a graus distintos de experiências linguísticas relacionadas

diretamente com a capacidade de generalizar sobre o material linguístico a que os aprendizes de L2 são expostos. Sua hipótese é a de que, nessas circunstâncias, esses falantes sejam menos suscetíveis aos efeitos da aprendizagem guiada pelo erro e da preempção estatística se comparados a nativos e, em virtude disso, são mais propensos a conservarem estruturas que não correspondem precisamente a convenções da língua alvo, mesmo em níveis altos de proficiência. Para ilustrar tal caso, a autora usa a expressão *Explain me this*, recorrente na fala de aprendizes não nativos de inglês, e bloqueada estatisticamente por falantes nativos, que utilizam categoricamente *Explain this to me*.

Podemos entender a noção de preempção estatística como “o efeito de bloqueio de uma determinada construção apresentado pelo nativo de uma língua, diante da seleção de outra construção frequentemente utilizada para a mesma função comunicativa” (FREITAS Jr.; ALONSO; OLIVEIRA, 2020, p. 136). Justamente por algumas distinções na experiência de aprendizes de L2, que muitas vezes contam com *inputs* menos robustos em relação a falantes nativos (CLARK, 2003; ORTEGA, 2014), a preempção estatística pode ser avariada, de modo que esses indivíduos não conseguem abstrair restrições sutis, mas necessárias a uma performance exitosa de determinadas construções. Essa, porém, é uma suposição minimamente instigante se considerarmos, por um lado, que aprendizes de L2 de altos graus de proficiência podem chegar a uma sensibilidade extremamente forte à preempção estatística (ROBENALT; GOLDBERG, 2016) e, por outro, que muitos aprendizes experientes, inclusive residentes há anos em países em que se falam a L2, não apresentam tal sensibilidade tão aguçada (GOLDBERG, 2019).

A noção de preempção estatística é fortemente relacionada à de competição, que julgamos cara a este trabalho. De acordo com Goldberg (2019), essa relação mostra-se viável, pois o que restringe a produtividade e a generalização de uma construção no momento de sua aprendizagem é a competição: um processo por meio do qual mais de uma formulação se apresenta ao falante no momento da produção. Assim, dizemos que a preempção estatística restringe a produtividade e a generalização de uma construção, na medida em que atua sobre a recorrência de uma forma competidora em relação à outra (GOLDBERG, 2019).

Certamente, ao tratarmos dessas questões, referimo-nos diretamente ao forte entrenchamento da L1 que, segundo a autora, será o responsável por distorções do espaço conceitual hiperdimensional, isto é, do *constructicon* multilíngue⁴⁴, que está em constante emergência. Aprendizes de L2, assim, passam a ter mais dificuldades para reconhecimentos

⁴⁴ Goldberg (2019) não faz uso do termo “*constructicon* multilíngue”, mas sim de “espaço conceitual hiperdimensional”. Para nós, entretanto, estes podem ser lidos como sinônimos no contexto de aquisição de L2.

de construções como pertencentes a uma cobertura cognitiva de exemplares (*coverage*), pois, além de serem em geral menos suscetíveis à preempção estatística, contam com representações prévias altamente entrincheiradas e responsáveis por deturpar semelhanças e distinções necessárias para o uso autônomo e inconsciente da L2, já que, como assinala Goldberg (2019), aprendizes tendem a perder diferenças e semelhanças sutis irrelevantes em sua L1.

Essa dificuldade de processar e armazenar um novo item como membro de uma categoria por intermédio de generalizações licenciadas por similaridades, variabilidades e frequências de uso, aliada aos efeitos do entrincheiramento da L1 e da redução da preempção estatística, reflete-se em competições entre construções ao longo do processo de aquisição de L2. Em outras palavras, o *coverage*, enquanto uma possibilidade representativa baseada em exemplares (BYBEE, 2003), que neste contexto se relaciona diretamente à formação aceitável de construções da L2, revela a maneira como aprendizes adultos são induzidos a associações entre construções por supergeneralizações e prevalência de aspectos da L1 em grande parte dos casos.

Produções não nativas, assim, tornam-se fontes de evidências para a hipótese de que a aquisição de linguagem, de modo geral, se baseia na representação cognitiva de construções em famílias (*coverages*) após um processo orientado por preempção estatística e por efeitos de frequência, como salienta Goldberg (2019) ao reinterpretar estudos como os de Antón-Méndez (2010) e Choi e Ionin (2017). Nesta pesquisa, consideramos que esses conceitos apresentados por Goldberg (2019) se imbricam estritamente aos postulados da GCD na análise da aquisição de L2, uma vez que legitimam a atuação das habilidades cognitivas gerais, em particular da analogia e da categorização (bases do processo de identificação interlingual), na abstração de conhecimentos linguísticos adicionais, sem prescindir de fatores pré-existentes e externos que impactam este processo.

Goldberg (2019) reflete a respeito do modo como as restrições são generalizadas (aprendidas) e bloqueadas por aprendizes de L2. Para isso, lança luz à noção de criatividade como um mecanismo cognitivo propenso à produção de construções, o qual abarca informações sobre como usá-las e não usá-las. Por isso, em sua defesa, a autora entende que o modelo da GCBU não prevê a criação de estruturas agramaticais, dado que a aquisição de construções implica, também, na aquisição de restrições de compatibilidades por aspectos contextuais. A criatividade, assim compreendida, fortifica a tese de que o *input*, apesar de não ser empobrecido, fornece bases sociocognitivas para o domínio da produção e do bloqueio.

Com base nessas proposições, mesmo ocorrências aparentemente estranhas na fala de adultos e de nativos podem ser interpretadas com base nas noções de *coverage* (cobertura) e preempção estatística. A título de exemplos, podemos recorrer a dois casos muito frequentes: *eu sabo*, na fala de crianças brasileiras em aquisição de PB como L1 e a forma **goed*, na de aprendizes brasileiros adultos de IL2.

Em relação à primeira, notamos uma ocorrência que poderia ser apontada como agramatical, já que os dados do *input* não oferecem tal exemplar às crianças em situação inicial de aquisição. Entretanto, se pensarmos no *coverage* (cobertura) de padrões de conjugação regulares a que crianças brasileiras são expostas com frequência, o qual lhe oferece uma gama do paradigma verbal de primeira pessoa do presente do indicativo (e.g. *eu falo*, *eu amo*, *eu escrevo*, *eu comento*, *eu sorrio* etc) configuradas pelo padrão [(S) $\sqrt{V+o}$ (X)], entendemos que a forma *eu sabo*, inicialmente, reflete a regularidade da cobertura.

Da mesma maneira ocorre com a forma competidora **goed* em detrimento de *went* na produção linguística de aprendizes brasileiros adultos de IL2, mas, neste caso, a orientação se dá pela cobertura do pretérito regular [(S) $\sqrt{V+ed}$ (X)], instanciado por usos como *played*, *wanted*, *invited*, *visited* etc.

Em ambos os casos, o que se coloca em pauta é o “conservadorismo via entrincheiramento” (GOLDBERG, 2019, p. 127). Por isso, será necessária a atuação da preempção estatística ⁴⁵ para a ativação da consciência da produtividade parcial de determinados padrões emergentes do uso, de modo que competidores como *eu sabo* e **goed* sejam estatisticamente bloqueados, cedendo espaço a representações cognitivas convergentes com o esperado.

De modo geral, é imprescindível situarmos que as interpretações oferecidas por Goldberg (2019) a respeito de *coverage* (cobertura), criatividade, competição e preempção estatística enriquece interpretações acerca de fenômenos anteriormente abordados sob rótulos formalistas do modelo da interlíngua. A partir dessas contribuições, bem como as de Höder, Prentice e Tingsell (2021) e Freitas Jr. *et al* (2022) e a de Hilpert (2015), que veremos adiante, na próxima seção estruturamos novos horizontes para o conceito de interlíngua — o qual, a nosso ver, não se mostra suficiente em vista de prerrogativas construcionais baseadas no uso.

⁴⁵ Esses dois conceitos, no entanto, apesar de se esbarrarem, são distintos para Goldberg (2019).

2.3 Novos horizontes para o conceito de interlíngua e seus processos

Os estudos em aquisição de L2 contam com uma vasta produção acadêmica no âmbito da Linguística Aplicada e da Teoria e Análise Linguística. Nessas pesquisas, comumente, destaca-se o conceito de “interlíngua” (SELINKER, 1972). De modo geral, este pode ser compreendido como “um sistema que vai sendo construído durante o processo de aprendizagem da LA, iniciado após período sensível de aquisição de linguagem” (SOARES, 2018, p. 57). Trata-se, assim, de uma interpretação do processo de aquisição de L2 baseada na noção de período crítico, posto que defende a ideia de que aprendizes adultos não seriam, de fato, capazes de “adquirir”⁴⁶ a nova língua (BROWN, 1994).

Assumida sob contornos formalistas, a interlíngua foi difundida como um modelo que considera a diminuição da capacidade de aquisição de uma L2, de tal modo que este sistema intermediário do aprendiz não poderia ser considerado representativo em mesmo nível e sob os mesmos processos que a gramática prévia, por comportar características e regras de funcionamento híbridas e sensíveis a fenômenos analógicos, em que se notam tendências de replicação de estratégias linguísticas e discursivas da L1 em busca do êxito em L2. De acordo com Selinker (1972), Ortega (2009) e Odlin (1989), dentre esses fenômenos, destacam-se transferências/interferências, hipercorreções/supergeneralizações e fossilizações.

O fenômeno de transferência/interferência, de modo simples, se caracteriza como “influência resultante das semelhanças e diferenças entre a língua-alvo e qualquer outra língua aprendida previamente [inclusive a L1]” (ODLIN, 1989, p. 26. Inserção nossa). Isso ocorre a partir do que já debatemos a respeito da identificação interlingual, ou seja, do processo de base analógica por meio do qual há “o julgamento de que algo na língua nativa e algo na língua alvo são semelhantes” (ODLIN, 2003, p. 454)⁴⁷. Definido dessa maneira, o modelo entende que esse fenômeno pode impactar tanto positiva quanto negativamente o desenvolvimento da L2 em aprendizes, na medida em que as correspondências entre a L1 e a L2 podem conduzir a transferências positivas e as divergências, a interferências em relação aos padrões gramaticais alvo, ocasionando supergeneralizações e fossilizações.

A partir dessa proposta, entendemos que a supergeneralização – “aplicação de regras em contextos em que não são necessárias, ou mesmo permitidas” (FREITAS Jr., 2011, p. 81)

⁴⁶ Cabe aqui a distinção formalista entre “aquisição” e “aprendizagem”, na qual não apostamos. A L2, neste modelo, seria “aprendida” num sentido que reforça a dicotomia.

⁴⁷ Como já discutimos anteriormente, o reconhecimento daquilo que é divergente também tem forte impacto no processo de identificação interlingual.

– pode levar a fossilizações na interlíngua. Entendemos que a fossilização, nesse sentido, refere-se:

(...) ao uso frequente, ao longo do desempenho da L2, de construções não apenas anômalas às construções da L2, mas também de difícil alteração no discurso do aprendiz, não importando o grau de exposição ao *input*. Trata-se de um conceito que se aproxima da noção de estabilização, embora trate especificamente de formas incorretas e explicáveis a partir de diversos princípios, dentre eles, pela transferência. Em outras palavras, a fossilização apontaria para a cristalização da interlíngua, o que é evidenciado pela dificuldade de que a gramática do aprendiz evolua em direção ao modelo a ser adquirido. (FREITAS Jr., 2011, p. 96).

A concepção de interlíngua e de seus processos, apesar de sua base formal, vem sendo adotada também em estudos de base funcional, como os de Baicchi (2015), Ellis (1997, 2013), Gries e Wulff (2005; 2009), Knop e Gilquin (2016), Freitas Jr. (2006; 2011) e Freitas Jr. *et al* (2018). De maneira geral, mesmo não assumindo a viabilidade do período sensível, essas investigações comprovam as hipóteses das transferências e supergeneralizações, bem como demonstram a interlíngua como um sistema linguístico emergente e particular, o qual denota que (i) a gramática de aprendizes é suscetível a influências externas e internas; (ii) os aprendizes de L2 consolidam suas aprendizagens em um *continuum* de complexidade; e (iii) as diferentes taxonomias de divergências, materializadas por supergeneralizações e transferências, salientam a pluralidade de estratégias particulares para o desenvolvimento da interlíngua, que se estabelece por meio de fases (CORDER, 1973; BROWN, 1994).

Consoante ao modelo teórico defendido nesta dissertação, principalmente aos debates levantados nas seções 2.1 e 2.2, acreditamos que o modelo da interlíngua não seja teoricamente suficiente para a discussão de um modelo baseado no uso e diassistêmico para a aquisição de L2. Isso não significa, contudo, que abandonamos as noções de transferência e supergeneralização, mas sim que as reinterpretemos em vista das proposições de Höder, Prentice e Tingsell (2021) e Goldberg (2019), como demonstraremos mais à frente ainda nesta seção. Por isso, concordamos com Soares (2018, p. 60. Grifos nosso), para quem:

Para abordagens teóricas baseadas no uso, os processos de transferência e de (super)generalização de padrões construcionais **integram o processo gradiente de emergência da L2 e mostram como um sistema complexo é sensível a vários fatores que o impulsionam em direção ou não ao alvo**. Esses processos são de **natureza analógica** e operam, em boa medida, mas não unicamente, sob influência da L1 ou da língua de uso cotidiano, com seus padrões que podem ser transferidos ou (super)generalizados pelo aprendiz durante o percurso de desenvolvimento da L2. (SOARES, 2018, p. 60. Grifos nossos).

Em *Constructions across grammars*, Hilpert (2015) nos fornece subsídios para a compreensão dos processos multilíngues em vista de prerrogativas construcionais baseadas no uso. Ancorado em Höder (2012), Hilpert e Östman (2016) e Boas e Höder (2018), o autor define situações bi/multilíngues como aquelas que envolvem a inter-relação entre mais de uma rede de construções. Com base nisso, propõe questões a serem pensadas ao longo da empreitada de reinterpretação do que conhecemos tradicionalmente por interlíngua, dentre as quais destacamos: (a) Construções de línguas distintas podem ser conectadas por meio de *links* diassistêmicos e, ainda, afetar umas às outras a depender da frequência?; e (b) Quais processos atuam na combinação dessas construções no instante em que são usadas por falantes bi/multilíngues?⁴⁸

Para ilustrar essa discussão, Hilpert (2015) recorre à proposta da GCD e se vale de uma série de exemplos e estudos teóricos a respeito de situações de aquisição de L2. Um desses recortes é o de aprendizes de alemão como segunda língua (AL2) nativos de inglês, os quais, para ele, aprendem não somente conhecimentos acerca do AL2, como também desenvolvem um conhecimento construcional de natureza metalinguística, devido às proximidades entre esta língua e a L1 percebidas pela identificação interlingual⁴⁹. Nesse sentido, para discutir formações de diaconstruções, Hilpert (2015) situa exemplos de construções nominais [(ESP) N (X)]⁵⁰ do inglês e do alemão, com os quais construímos o quadro a seguir:

Quadro 4 - Construções nominais em inglês e alemão

Exemplares de construções nominais na L1 (inglês)	Equivalentes de construções nominais na L2 (alemão)	Padrões diassistêmicos captados
<i>the cat</i>	<i>die katze</i>	[ESP + N]
<i>a new idea</i>	<i>eine neue idee</i>	[ESP + MOD + N]
<i>belgian chocolate</i>	<i>belgische schokolade</i>	[MOD + N]
<i>dogs that bark</i>	<i>hunde die bellen</i>	[Ø + N + MOD]
<i>our man in Havana</i>	<i>unser mann in Havanna</i>	[ESP + N + MOD]

⁴⁸ Acreditamos que já apresentamos respostas a tais questões na argumentação construída até aqui. No entanto, particularmente, nos parece oportuno recolocá-las com o intuito de fortalecer nossas proposições, já que nosso intuito nesta seção é trazer à baila contribuições de modelos teóricos construcionais baseados no uso para a retificação de premissas tradicionais.

⁴⁹ Para Hilpert (2015), a identificação interlingual não é totalmente previsível, na medida em que os falantes diferem em sua capacidade individual de traçar paralelos em seus repertórios multilíngues.

⁵⁰ O autor não utiliza esta notificação formal, mas se refere a *noun phrase*.

<i>the jobless</i>	<i>die arbeitslosen</i>	[ESP + N]
<i>theirs</i>	<i>Ihres</i>	[Ø + N + Ø]

Fonte: Adaptado de Hilpert (2015)

A partir de tais dados e da consideração do aparato teórico da GCD, principalmente no que se refere à formação de diaconstruções (ver figura 5, na subseção 1.3.2), Hilpert (2015), resumindo a proposta de Höder, sugere que a identificação interlingual entre construções nominais do inglês e do alemão, duas línguas tipologicamente próximas, pode formar uma diaconstrução no *constructicon* multilíngue de aprendizes nativos de inglês de AL2. O mesmo ocorreria, por exemplo, com construções lexicais equivalentes, com *prepositional phrases* e com pares fonéticos (e.g. *Pfeffer*<ALEMÃO> e *Pepper* <INGLÊS>), destacando a ampla gama de idioconstruções que podem ser mapeadas em termos de diaconstruções.

Em relação a construções nominais, como verificamos no quadro 4, Hilpert (2015) ainda menciona a distinção que se verificaria entre aprendizes anglófonos de AL2 e aprendizes fracófonos de IL2. Para ele, este segundo grupo tende a cometer mais erros de utilização de artigos em construções nominais do inglês, sobretudo em contexto genérico, produzindo sentenças como *I like to listen to **the** classical music* (HILPERT, 2015) como reflexo de aspectos entrincheirados da construção nominal do francês e da tentativa de evitar, talvez por baixa percepção estatística dos dados do *input*, exemplares gramaticais na L2 interpretados/ supergeneralizados como inapropriados.

Tendo isso em vista, mostra-se coerente a ideia de que a identificação interlingual não se limita a pares linguísticos de alta convergência tipológica, posto que aprendizes de L2, com certa regularidade e consciência, buscam paralelos entre suas L1 e a L2 que estão aprendendo. Admite-se, então, que falantes bi/multilíngues sejam capazes de estabelecer associações que capturam semelhanças e diferenças entre seus conhecimentos linguísticos prévios, os quais podem preponderar, e as línguas-alvo.

Assumindo tal hipótese, Hilpert (2015), consoante Höder, considera que a aprendizagem de L2 leve tanto a diaconstruções excessivamente permissivas, quanto aquelas que são mais restritivas. Em relação a isso, Höder (2012) trata da questão da economia, apostando na ideia de que falantes bi/multilíngues, inclusive aprendizes de L2, tendem a progredir a um estágio de maximização das semelhanças entre as gramáticas em contato — o que pode, a nosso ver, ora induzir desvios na produção linguística em L2 (por manutenção de aspectos idioconstrucionais), ora levar a usos convergentes com as regras de funcionamento e combinação de construções da língua alvo (por associações diassistêmicas bem sucedidas).

É importante destacar que, tal qual a concepção de interlândia, o modelo da GCD reconhece as diferenças entre a aquisição de L1, que geralmente ocorre na primeira infância, e de L2, que geralmente ocorre em ambientes de instrução explícita. Deste ponto de vista, apesar de considerar que o conhecimento linguístico de aprendizes de L2 e de falantes nativos tem o mesmo *layout* representativo (uma rede de construções), também se reconhece que o resultado da aprendizagem de L2 possa comportar fenômenos peculiares (FREITAS Jr. *et al.*, 2022), entendendo que o processo de aprendizagem de construções de uma L2 é influenciado pela rede de construções prévias (HILPERT, 2015; NASCIMENTO; SOARES; FREITAS Jr., 2020).

Como, então, reconsiderar a visão de interlândia nesta abordagem e o que priorizar nesta busca por novos horizontes epistemológicos para o tratamento do processo de aprendizagem de L2? Primeiramente, como dissemos, não se trata de abandonar cegamente as contribuições de um modelo amplamente difundido já há longa data nos estudos linguísticos. Trata-se, somente, de uma adequação da interpretação dos processos envolvidos na emergência de uma nova língua a partir da experiência multilíngue de aprendizes consoante prerrogativas sociocognitivistas.

Dessa maneira, em busca de uma sistematização coerente com nossa fundamentação teórica, propomos a seguinte correlação⁵¹:

Quadro 5 - Novas perspectivas interpretativas para a interlândia

<p>Conceito prévio Proposta da Interlândia</p> <p>(Cf. SELINKER, 1972; ODLIN, 1989; BROWN, 1994)</p>	<p>Explicações com base na proposta dos MBU</p> <p>(Cf. GOLDBERG, 2019; HILPERT, 2015; HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021)</p>
Interlândia	<i>Constructicon</i> multilíngue (para Höder), ou espaço conceitual hiperdimensional (para Goldberg).
Supergeneralização / Hipercorreção	Implicaturas de <i>coverage</i> e preempção estatística e de entrenchamento por conservadorismo.
Fossilização	
Transferência	“Positivas” → propensão a formações de <i>links</i> diassistêmicos.

⁵¹ Reconhecemos que há mais distinções a serem apontadas, mas, neste momento, levantamos aquelas que mais nos interessam para o contexto deste estudo.

	“Negativas” → manutenção/prevalência de idioconstruções (ou aspectos idioconstrucionais); conservadorismo via entrincheiramento.
--	--

Fonte: Produção própria.

Entendendo que, em nosso *constructicon*, as construções são aninhadas em *clusters*, ou seja, conjuntos de *coverages* (GOLDBERG, 2019), bem como que as redes de aprendizes de L2 se sobrepõem em um só *constructicon* multilíngue (HÖDER; PRENTICE; TINGSELL, 2021), nos parece viável apostarmos na organização do quadro 5. Primeiramente, à luz das discussões tecidas neste capítulo, a concepção de interlíngua não se mostra suficiente, haja vista o que debatemos a respeito da arquitetura e dos processos de constituição do *constructicon* multilíngue/ espaço conceitual hiperdimensional, que não se adequam a perspectivas formalistas⁵², tais como a de período crítico (do qual procede a dicotomia aquisição *vs.* aprendizagem) e interferências.

Do ponto de vista cognitivo, interpretar a noção de manutenção/prevalência de construções do repertório da L1 por entrincheiramento como mais adequada à de transferência fala a favor da hipótese da arquitetura construcional diassistêmica. Nesse sentido, o que Odlin (1989) chama de transferência “positiva” e “negativa” (interferência) pode ser interpretado, respectivamente, por propensões a formações de links diassistêmicos por alto grau de analogia das similaridades formais e funcionais, ou por manutenção/prevalência de aspectos idiossincráticos das construções da L1 e da L2.

Ainda, compreendendo a relevância do *coverage*, da preempção estatística e do entrincheiramento por conservadorismo na teoria proposta por Goldberg (2019), que discutimos na seção 2.2, podemos encontrar subsídios para a interpretação de supergeneralizações/ hipercorreções e fossilizações no *constructicon* multilíngue de aprendizes de L2. Nesse caso, esses fenômenos podem ser aprofundados em termos do que se sabe sobre o funcionamento da mente de maneira geral, já que as noções estipuladas por Goldberg (2019) não se limitam ao contexto de L2, mas se aplicam, de modo amplo, ao funcionamento da cognição humana.

Assim, tais reformulações na maneira de se compreender os processos de aquisição de L2, escopo desta pesquisa, mostram-se fundamentais para uma discussão mais abrangente

⁵² É importante entender que isso não significa dizer que a abordagem construcional não lida com forma linguística, ou mesmo que não haja um componente formal neste referencial teórico em que apostamos. Ao mencionarmos “formalismo” fazemos menção ao aparato da linguística gerativa que integra a proposição do modelo da interlíngua desde Selinker (1972).

dessa capacidade humana no quadro dos MBU, especialmente, no da GCD. No próximo capítulo, prosseguimos nossa empreitada a partir de uma proposta de revisão da literatura.

3 PARA NÃO REINVENTAR A RODA

No capítulo anterior, apresentamos a corrente teórica em que nos baseamos para a construção desta dissertação. Visto que ainda não temos notícias de investigações sobre a aquisição de [(ESP) N (X)] em abordagem construcional diassistêmica, não devemos desconsiderar achados de pesquisas anteriores, as quais certamente podem nos conduzir hoje a uma melhor visualização dos fenômenos comprometedores dessa construção em produções não nativas, oferecendo-nos insumos descritivos dos quais não podemos prescindir na estruturação de nossas hipóteses e na abordagem de nossos dados.

Por essa razão, neste capítulo, nos voltamos a uma breve revisão de literatura acerca desses estudos que tanto descrevem características linguísticas de tais construções nas línguas de que trata nossa pesquisa (o PB e o Inglês), quanto abordam construções nominais em contextos de aquisição de L2. Para tanto, o capítulo se divide em duas partes complementares, apresentadas, respectivamente, nas seções a seguir.

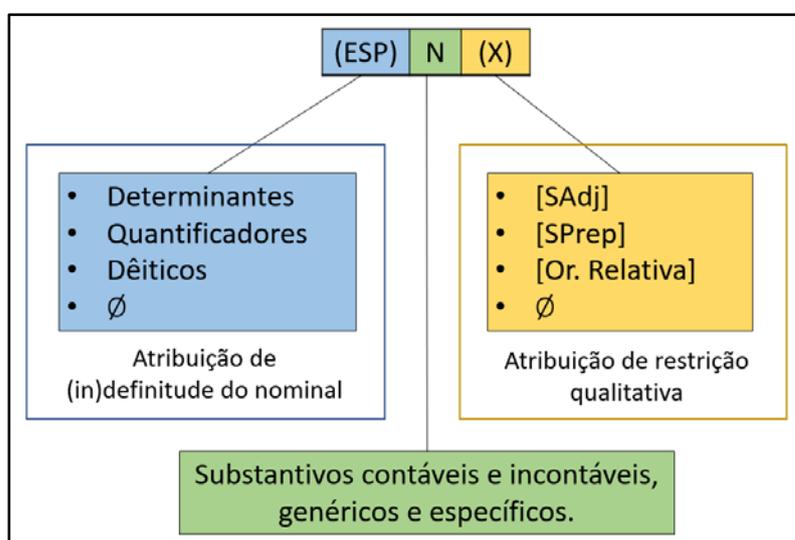
3.1 *Insights para a análise do constructicon multilíngue*

Como lidamos com duas línguas diferentes que entram em contato em contexto de aquisição de L2, julgamos por bem apresentarmos as principais características de forma e de sentido/especificação pragmática das construções [(ESP) N (X)] em cada uma delas. Essa é uma etapa de notada relevância para nossa pesquisa, uma vez que visamos à discussão do *constructicon* multilíngue diante das noções de idioconstrução e diaconstrução. Por isso, descrevemos as distinções interlinguísticas que subsidiam nossas proposições, para melhor compreendermos o processo de identificação interlingual.

Assim, nesta primeira parte de nossa revisão de literatura, retomamos sumariamente alguns estudos descritivos das gramáticas em contato, ressaltando convergências e divergências morfossintáticas e pragmático-discursivas. É importante destacarmos que não nos limitamos a estudos pautados em modelos baseados no uso, mas procuramos trazer à baila, também, achados de pesquisas em outras teorias linguísticas, acreditando em suas contribuições descritivas.

A construção nominal com que lidamos, mais frequentemente referendada como sintagma nominal (SN), já há algum tempo, vem sendo debatida com certa recorrência, tanto em estudos descritivos, quanto em estudos aquisicionais em L1 e L2 (ABREU, 2020; GONÇALVES, 2001; 2011; LIMA-SALLES; PIRES, 2011). No PB, tal construção é caracterizada como um grupo de alta produtividade, uma vez que integra subpartes de quase todas as construções de níveis maiores, como demonstramos anteriormente na Figura 9, ao tratarmos de *links* sintáticos. Por ser tão produtiva, essa construção resguarda uma gama de possibilidades de preenchimentos de seus *slots*, como podemos ver na representação abaixo.

Figura 8 - Escopo de [(ESP) N (X)] no PB



Fonte: Produção própria.

Baseado em estudos funcionalistas, como os de Castilho (2010) e Neves (2000), o diagrama demonstra que o escopo da construção nominal protagonista desta pesquisa é amplo tanto no quesito de forma, quanto no de sentido. Basicamente, observamos que não há restrições quanto à tipologia de item nominal, que pode ter diferentes atributos semânticos, tais como [\pm contável], [\pm genérico] e [\pm animado]. À margem direita, encontramos o espaço da atribuição de restrição qualitativa, em que sintagmas adjetivais, preposicionais e oracionais relativos podem ou não atuar como qualificadores atributivos, especificando os nominais em termos de sua referência conceitual (MATEUS *et al*, 2003). À margem esquerda, um *slot* que vem atraindo atenção especial de estudos em sintaxe e semântica (CHIERCHIA, 1998; BAKER, 2003; BOSKOVÍĆ, 2008; BRITO, 1993), encontramos o espaço de itens especificadores monomorfêmicos que delimitam o nominal a depender de suas naturezas semântico-pragmáticas.

De acordo com Castilho (2010), em PB, os especificadores ocupantes da margem esquerda compreendem artigos definidos (1a) e indefinidos (1b), pronomes demonstrativos (2) e possessivos (3), quantificadores (4), expressões qualitativas (5) e delimitadoras (6), como demonstram os exemplos abaixo, respectivamente:

1. [[ESP N X] [**A**]_{Art. Def. Fem. Sing.} [Dissertação]_{Nome. Fem. Sing.} [do João]_{Modificador}] está ficando bacana!
- a. [[ESP N X] [**Um**]_{Art. Indef. Masc. Sing.} [livro]_{Nome. Masc. Sing.} [de Castilho]_{Modificador}] ajudou João.
2. [[ESP N Ø] [**Esta**]_{Pron. Dem. Fem. Sing.} [Dissertação]_{Nome. Fem. Sing.}] é interessante!
3. [[ESP N X] [**Minha**]_{Pron. Poss. Fem. Sing.} [Dissertação]_{Nome. Fem. Sing.} [sobre GCD] vai sair!]
4. [[ESP N Ø] [**Muitos**]_{Quant. Masc. Pl.} [artigos]_{Nome. Masc. Pl.}] foram lidos para a pesquisa]
5. [[ESP N X] [**O primor da**]_{Expressão qualitativa} [Dissertação]_{Nome. Fem. Sing.} comprova suas hipóteses]
6. [[ESP N X] [**Um tipo de**]_{Expressão delimitadora} [pesquisa]_{Nome. Fem. Sing.} como essa é um primor]

Como identificamos, há pelo menos seis possibilidades de especificação de nomes em PB via preenchimento do *slot* ESP. Uma característica relevante para este estudo é que, nesta língua, a relação entre especificadores e nominais é muito estreita no nível procedural, o que fica evidente por meio de marcas morfofonologicamente variáveis em categorias gramaticais de gênero e número (NEVES, 2000). Em situação de aquisição de L2, tal característica pode significar uma dificuldade particular para aprendizes nativos de línguas cujos sistemas morfológicos não coincidem com o do PB (NASCIMENTO, 2020), como os de que tratamos nesta pesquisa.

Além desses itens, é possível, ainda, que o esquema [(ESP) N (X)] não necessite de especificação por razões de definitude intrínseca em determinados casos. Liga-se, assim, a essa construção o padrão [Ø N], mais conhecido na literatura como “nominal nu” (MÜLLER, 2002). Em relação a esse padrão, Rosa (2018) apresenta contribuições à descrição do PB, em que, segundo ela, pode ocorrer em quatro contextos sintático-semânticos: em posição de sujeito de predicados episódicos, habituais, individuais e de nível (7); em posição de objeto, tendo a leitura taxonômica como preferida (8); em posição de sujeito com restrição às sentenças episódicas (9); e em posição de objeto, não levando necessariamente a uma leitura taxonômica (10).

7. a. $[\emptyset_N]$ **Brasileiros**] não aguentam mais o governo genocida.
 b. $[\emptyset_N]$ **Linguistas**] gostam de análises de dados.
 c. $[\emptyset_N]$ **Gatos**] são animais independentes.
 d. $[\emptyset_N]$ **Rinocerontes**] estão extintos.
8. a. O João compra $[\emptyset_N]$ **flores**] todo dia para sua mãe.
 b. O João comprou $[\emptyset_N]$ **flores**] ontem.
 c. O João gosta de $[\emptyset_N]$ **flores**]
9. a. $[\emptyset_N]$ **Criança**] se machuca bastante na escola.
 b. $[\emptyset_N]$ **Cachorro**] é inteligente.
10. a. O João lê $[\emptyset_N]$ **jornal**] todo dia.
 b. O João leu $[\emptyset_N]$ **jornal**] ontem.
 c. O João lê $[\emptyset_N]$ **jornal**].

Apesar de os exemplos acima poderem ser divididos em quatro categorias distintas, como propõe Rosa (2018), de modo geral, notamos que o que parece motivar a emergência de construções nominais sem o preenchimento da margem esquerda é a interpretação dos núcleos como exemplares [+ genéricos] e [+ massivos], aludindo à categoria e não a uma entidade específica. Mesmo diante da hipótese de que usos de nominais nus são sensíveis ao tipo de predicado e à interpretação de quantidade (Cf. hipótese do significado uniforme descrito por Carlson (1997) e Chierchia (1998)), parece prudente afirmarmos que seu uso está condicionado a propriedades pragmáticas não universais, isto é, variáveis entre as línguas. Um exemplo disso é a distinção do PB, que é a única língua do tipo [-arg, +pred] (Cf. CHIERCHIA, 1998) que comporta o singular nu além do plural nu (mais frequente).

No quadro da Semântica formal, há uma ampla tradição de estudos que lidam com o fenômeno do nominal nu em diferentes línguas naturais, inclusive em uma perspectiva comparativa. O que grande parte deles têm debatido acerca do PB converge na ideia de que construções desse tipo ocorrem com menos restrições do que em outras línguas românicas, o que a aproxima do inglês, sobretudo no que se refere aos plurais nus (PIRES DE OLIVEIRA,

2012; SCHMITT; MUNN, 1999; 2002). Isso, no entanto, não pode ainda ser apontado como um consenso empírico (MÜLLER; OLIVEIRA, 2004)⁵³.

Em uma perspectiva construcional, como a aqui defendida, podemos argumentar que essas especificações, como vimos na representação hierárquica da rede de construções nominais do PB (Figura 1), se estabelecem no nível dos subesquemas da rede de [(ESP) N (X)]. Considerar essa proposta de descrição implica, assim, na interpretação de que a classe dos especificadores assume um papel relevante no plano do significado impresso em *tokens* de [(ESP) N (X)], tendo em vista que a seleção por um ou outro item possível de ocupar este *slot* parece ser norteadas por pistas pragmáticas relacionadas à codificação específica e pretendida da informação contida no nominal.

Ainda que essa hipótese de haver uma propriedade discursiva relacionada à seleção de especificadores de construções nominais seja viável (LYONS, 1999), diferenças tipológicas entre as línguas refletem-se em estratégias formais e semânticas intrínsecas na atribuição de definitude e de outras propriedades a nomes. O Inglês, por exemplo, distancia-se do PB em determinados aspectos, de modo que podemos analisar outras configurações idioconstrucionais em níveis mais baixos da rede da suposta diaconstrução [(ESP) N (X)].

Com relação ao inglês, pesquisas descritivas têm demonstrado que construções nominais apresentam convergências e divergências com o PB (NITSCH, 2017). Dentre as convergências, notamos o caráter irrestrito do nominal ocupante do *slot* N (CARTER; McCARTHY, 2015), a possibilidade de preenchimento de ESP por determinantes (11), quantificadores (12), pronomes (13) e expressões delimitadoras (DOWNING; LOCKE, 2006) (14) e a alta produtividade de nominais plurais nus (WRIGHT, 2014) (15).

11. a. Joaquin bought [(ESP N] **the** car].
 b. Joaquin bought [(ESP N] **a** car].
12. Samara ate [(ESP N] **some** cookies].
13. [(ESP N] **My** life] flashed before my eyes.

⁵³ Müller e Oliveira (2004) apresentam argumentos gerativistas contrários à aproximação entre o PB e o Inglês no que se refere aos nominais nus. Como nosso estudo se enquadra em uma vertente teórica distinta, optamos por não nos aprofundarmos nesse debate, de modo que não venhamos cair na incoerência de desviar nosso foco. Ainda assim, a quem interessar, deixo as palavras da autora: “The authors argue that both bare singulars and bare plurals in BP have the same properties as English bare plurals. First, they do not behave like regular indefinite DPs as far as their scope interactions are concerned. Second, BNs are never specific. Third, BNs are not ambiguous between a generic and an existential reading – their readings are dependent on the predicate they are part of. And, finally, BNs in BP, like English bare plurals, are not canonical types” (MÜLLER; OLIVEIRA, 2004, p. 24).

14. $[\text{[ESP N]}]$ **A type of** new variant] of coronavirus is already circulating across the country.

15. $[\text{[Ø N]}]$ **Teachers**] are life coaches.

Os exemplos denotam que a utilização ou não de especificadores em inglês está condicionada a fatores de ordem informacional, apresentando uma relação estreita com o grau de novidade do referente no discurso. Dessa maneira, uma sentença de singular nu, tal como $^{*}[\text{[Ø N]}]$ *girl is happy*, seria agramatical, dado que o grau de genericidade do referente nominal não é alto o suficiente para figurar em uma construção nominal nu nesta língua. Por outro lado, usos nativos podem comportar $[\text{[ESP N Ø]}]$ *the girl is happy*, $[\text{[Ø N]}]$ *girls are happy* e $[\text{[ESP N Ø]}]$ *the girls are happy*, respectivamente, em contextos de recuperação anafórica de um referente específico, de referência massiva à categoria e de semântica transitória entre o contexto massivo e a recuperação anafórica de um conjunto de entidades (WRIGHT, 2014).

Essas condicionalidades idiossincráticas ao inglês são apontadas no estudo seminal e já referendado de Chierchia (1998) a respeito da expressão morfofonológica da definitude em construções nominais. Da mesma maneira que observamos em PB, para o autor, em inglês, há necessidade de determinantes definidos ou indefinidos diante de nomes singulares, por um lado, e sua dispensabilidade para nomes genéricos e específicos em determinados contextos, por outro, o que fortalece a hipótese de formação de uma potencial diaconstrução nominal que emerge na gramática de falantes bilíngues dessas línguas.

No entanto, como os exemplos acima demonstraram, especificamente em relação ao padrão nominal nu, percebem-se diferenças significativas do ponto de vista pragmático, o que nos leva a acreditar que o padrão $[\text{Ø N}]$, em inglês, não é necessariamente restrito em vista da genericidade, mas em função do aspecto [+ massivo] do núcleo da construção (ex. 15). Em razão disso, diferente do PB, que admite singulares nus, o inglês é uma língua em que $[\text{Ø N}]$ só é viável desde que N apresente a restrição de [+ plural] (CHIERCHIA, 1998; MÜLLER; OLIVEIRA, 2004).

Além disso, outra informação significativa sobre os especificadores em inglês é o fato de a maioria das classes não marcarem formalmente relações de concordância em gênero e número com o nominal, como ocorre em PB. A respeito disso, podemos visualizar os seguintes contrapontos:

- i. Os determinantes, por exemplo, apresentam-se invariáveis em categorias gramaticais, podendo acompanhar, sem modificação morfológica alguma, nomes masculinos, femininos, singulares e plurais;

- ii. Os quantificadores, enquanto uma classe gradiente e, ao que aparenta, sem compor um grupo paradigmático em termos de forma, seguem a mesma regra dos determinantes;
- iii. Os pronomes demonstrativos (dêiticos) são os únicos que apresentam variação na categoria gramatical de número (e.g. *this boy*Ø ~ *these boys*; *that boy*Ø ~ *those boys*).

Compreendidas como representações de marcas idioconstrucionais, essas características que diferem o inglês do PB nos níveis do construto e de micropadrões podem representar significativa dificuldade no uso de construções [(ESP) N (X)] do PBL2 por aprendizes anglófonos e se refletirem, em maior ou menor escala, em casos de competição, manutenção (transferências) e supergeneralizações, como veremos adiante.

A organização das informações apresentadas nesta seção é uma necessidade premente para a compreensão dos resultados aos quais chegamos nesta pesquisa, os quais serão apresentados no capítulo 5. Tê-las bem compreendidas, certamente, facilita a interpretação do que há de convergente e divergente entre a língua materna dos indivíduos selecionados para composição do estudo (o inglês) e a língua alvo (o PB), ou seja, daquilo que pode ser interpretado e apontado como correspondências diassistêmicas e interferências por prevalências idioconstrucionais.

Certos de que as contribuições de pesquisas anteriores não se encerram na alçada da descrição linguística de [(ESP) N (X)], na próxima seção revisamos alguns estudos que se dedicaram à análise do comportamento dessa construção em produções não nativas.

3.2 O objeto e o processo: o que demonstram alguns estudos?

Estudos anteriores acerca da produção de [(ESP) N (X)] em textos escritos em L2 têm demonstrado que essa é uma construção bastante suscetível a ser representada com algum tipo de comprometimento em produções não nativas, principalmente no tocante ao *slot* (ESP). Esses problemas verificados em usos não nativos, até então tratados amplamente como casos de interferências de L1 na literatura aquisicional, constituem fontes de dados para acessar a maneira como aprendizes de L2 adquirem, processam e usam a relação entre especificadores e nominais das línguas que estão aprendendo⁵⁴. Por isso, nesta seção, revisamos brevemente

⁵⁴ A nosso ver, servem também para sustentar a hipótese de que a gramática é um constructicon multilíngue.

alguns desses estudos que salientam e descrevem a natureza de tais fenômenos, propondo taxonomias formuladas a partir de tendências observadas.

Começaremos esta etapa recuperando um estudo de caso realizado por Ferrari (1990)⁵⁵, no qual se analisam marcas de transferências da L1 (língua de sinais brasileira⁵⁶) no PB escrito, estabelecendo uma relação com interferências do inglês em produções em PB de aprendizes anglófonos. Essa pesquisa inicial mapeou e descreveu quatro tipologias de fenômenos: a) omissão de verbo de ligação; b) inadequação no uso de preposições; c) inadequação no uso de tempo e aspecto verbais; d) uso inadequado de artigos. Em relação a esta última, Ferrari (1990) identificou três subcategorias regulares em ambos os grupos de aprendizes, cuja divisão podemos ver com exemplos no quadro 6.

Quadro 6 - Usos inadequados de artigos mapeados por Ferrari (1990)

Categoria	Exemplos Aprendizes surdos	Exemplos Aprendizes anglófonos
Omissão	“[Ø Mês] de fevereiro é gostoso.”	“Não há curso de português agora [em Ø Universidade do Sul da Califórnia].”
Uso em contexto não requerido	“... mergulho no mar ou piscina, toma [o sol].”	“... ele é o homem que escreve artigos sobre [a música] nos jornais do Brasil.”
Desvio quanto ao gênero	“... [o estação] do verão” “... fui almoçar [numa restaurante].”	“Agora eu estou buscando [um passagem] para o Brasil.”

Fonte: Adaptado de Ferrari (1990, p. 4).

Apesar de não contemplar determinados aspectos que serão considerados em nossa análise de dados, ou mesmo de não seguir enquadramento teórico equivalente⁵⁷, coincidentemente, os fenômenos observados por Ferrari (1990) em seu estudo de caso são os mesmos de que tratamos nesta dissertação, embora sob um viés construcional diassistêmico. É importante destacar que o contexto dessa pesquisa converge com um momento histórico brasileiro em que comunidades surdas ainda não usufruíam do reconhecimento da Libras

⁵⁵ Agradeço imensamente à Prof.^a Dra. Lilian Vieira Ferrari, com quem muito aprendi sobre Linguística Cognitiva na graduação, por ter se lembrado de mim quando conseguiu recuperar este estudo que já não se encontra mais disponível *on-line* e por ter compartilhado comigo.

⁵⁶ À época denominada “Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros”.

⁵⁷ Afinal, a proposta do trabalho era outra: buscou-se descrever e comparar casos de interferências sem, necessariamente, recorrer à representação cognitiva.

e, portanto, o tratamento do PB como L2 para esse público era um assunto controverso, o que ressalta o valor dos achados e das comparações de Ferrari (1990). Nesse sentido, seu contributo primordial foi a constatação de que estratégias cognitivas utilizadas por brasileiros surdos e por ouvintes estrangeiros no uso de PBL2 tendem a ser semelhantes, haja vista as marcas de transferências arroladas à representação de artigos no esquema [(ESP) N (X)].

Assim como o estudo de Ferrari (1990) percebeu três tipos de problemas relativos ao uso de artigos, estudos atuais acerca de produções escritas de aprendizes surdos em PB têm averiguado a permanência de problemas gerais envolvendo o *slot* (ESP) de construções nominais. Fazemos menção aos trabalhos recentes de Lopes (2018), Almeida e Araújo (2019), Nascimento, Freitas Jr. e Soares (2019), Nascimento (2020) e Nascimento, Freitas Jr. e Soares (2020), que identificam e propõem uma categorização para os fenômenos comprometedores de construções gramaticais e lexicais, de modo geral.

Em uma perspectiva formalista, baseado na versão lexicalista da teoria gerativa, o estudo de Lopes (2018) investiga o processo de aprendizagem da categoria de determinantes do PB por aprendizes surdos de escolaridade superior. Apostando nas hipóteses de que o desenvolvimento de determinantes se consolida de forma mais proveitosa entre surdos de nível superior e de que o contato com um *input* mais complexo tende a favorecer a aprendizagem da classe dos determinantes do PB, Lopes (2018) observa que essa categoria linguística, no curso da aprendizagem de L2, apresenta-se em diferentes estágios interlinguísticos.

De acordo com Lopes (2018), a aprendizagem de determinantes do PB por aprendizes surdos de escolaridade superior passa pela apropriação relativa e gradual dos atributos formativos dessa classe em PB, a saber: a definitude, a especificação de gênero e número e as funções dêiticas e anafóricas. Os resultados quantitativos apresentados pela pesquisadora aludem à divisão entre produções de sintagmas determinantes (DPs) e de nominais nus convergentes e divergentes com os padrões gramaticais do PB. No plano das divergências, Lopes (2018) observa uma expressão percentual significativa de apagamentos de determinantes ao longo do processo de aprendizagem/percepção da definitude⁵⁸, bem como de não-convergência na apropriação das especificações de gênero e número dos DPs do PB⁵⁹, a qual é explicada recorrendo-se às distinções formativas entre essa categoria sintagmática da L1 e da L2.

⁵⁸ “(...) (a) língua de sinais é natural” (LOPES, 2018, p. 92).

⁵⁹ “(...) porque o cognição” (LOPES, 2018, p. 92).

Em relação ao apagamento de determinantes na escrita em PB de aprendizes surdos, podemos citar, ainda, o estudo de Almeida e Araújo (2019), que teve como objetivo a elucidação de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre esse fenômeno, à luz do quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista. Analisando 40 produções textuais, as autoras controlaram casos de emprego e não emprego de itens determinantes à esquerda de nominais, considerando que a “variante agramatical”, isto é, o não uso desses itens quando necessários na língua alvo, seria motivada tanto pela interferência da L1, quanto por outros fatores de ordem extralinguística. Um dos resultados merecedores de destaque foi a percepção de que os apagamentos seriam desfavorecidos em se tratando de aprendizes cuja aquisição de L1 tenha ocorrido naturalmente na primeira infância e daqueles com escolaridade de nível superior.

No que se refere aos fatores linguísticos propriamente, Almeida e Araújo (2019) perceberam, com base em análises de produções não nativas, uma forte influência (i) do atributo semântico de animacidade do nominal nuclear do sintagma, (ii) de sua informação gramatical de número, (iii) da presença de um modificador preso ao núcleo nominal no que estamos chamando nesta pesquisa de *slot* (X) e (iv) do contexto de paralelismo sintático-semântico. Em seus achados, o apagamento de determinante demonstra-se motivado pelos atributos [-Animado], [+Plural] e [Presença de sintagma atributivo à margem direita], sendo essas condições apontadas pelas pesquisadoras como indícios para a análise desse fenômeno linguístico em produções de aprendizes surdos como um componente sistemático e motivado para além das diferenças interlinguísticas pressentidas entre a L1 e a L2.

Já no quadro da GCBU, a partir de análises de produções escritas em PBL2 por aprendizes surdos adultos, o estudo de Nascimento, Soares e Freitas Jr. (2019) apresenta uma taxonomia de 8 fenômenos recorrentes que prejudicam usos de construções do PB em textos dos gêneros relatos de acontecimentos e postagens de *Facebook*. Entre essas categorias, problemas envolvendo itens gramaticais somaram maior percentual (60,8%), sendo 32,8% de apagamentos, 18,7% de inserções indevidas e 9,3% de incompatibilidades morfofonológicas e/ou morfossintáticas.

Apesar de as ocorrências de apagamentos detectadas em Nascimento, Soares e Freitas Jr. (2019) não terem se restringido unicamente ao uso da construção nominal [(ESP) N (X)], visto que ocorreram, também, apagamentos de preposições, pronomes relativos e complementizadores, as generalizações levantadas são pertinentes a esta pesquisa. De acordo com os autores, problemas identificados em produções não nativas são provenientes por processos cognitivos analógicos (identificação interlingual) que refletem o modo como

aprendizes de L2 conceptualizam conhecimentos linguísticos adicionais e acessam estratégias de representações coerentes em uma escala gradiente. Esses processos são descritos na pesquisa como mesclagem construcional, supergeneralização, interferência da L1, interferência da oralidade da L2 e interferência da memória gráfico-visual.

Nascimento, Soares e Freitas Jr. (2019), assim, resumem um conjunto de atuações específicas da habilidade analógica que subjazem fenômenos perceptíveis no uso de uma L2, propondo uma visualização dimensiva do processo que não se limita à noção de transferência. Inclusive, no *corpus* investigado pelos autores, tanto em relatos de acontecimentos, quanto em postagens de *Facebook*, a maior incidência foi a hipercorreção/supergeneralização, que apresentou, em cada caso, 43% e 52% de impacto.

Considerar que, diante de uma L2, aprendizes apresentam dificuldades de aplicação de regras gramaticais já compreendidas via experiências com *inputs*, de tal modo que se materializam, na escrita, como representações envolvendo itens gramaticais comprometidos por apagamentos, inserções indevidas e incompatibilidades é certamente um indício crucial à interpretação de estágios aquisicionais de novas construções, os quais, hoje, podemos interpretar à luz de uma abordagem diassistêmica e do que se sabe sobre *coverage* e preempção estatística.

Perante a necessidade de expandir a investigação desses processos, outras pesquisas procederam, visando a um maior detalhamento do fenômeno de apagamentos em produções não nativas. Especificamente sobre esse problema na escrita de surdos, estudos como os de Nascimento (2020) e Nascimento, Freitas Jr. e Soares (2020) indicam que a classe dos especificadores, mesmo que não seja a única afetada, é a mais frequente em diferentes contextos sintáticos. Nessas pesquisas, os usos comprometidos de [(ESP) N (X)], mais diretamente do subesquema [Determinante N (X)], o mais frequente em termos de representações divergentes, são explicados com base da influência dessa construção na Libras e da supergeneralização.

Nascimento (2020), por exemplo, analisa 189 ocorrências de apagamentos de especificadores, articuladores, morfemas, verbos funcionais, construções elementares e verbos abrigadas em 10 produções escritas de crianças surdas, as quais comprometem produtos gramaticais das construções [Base verbal + Sufixo], [Lexema + Sufixo], [(ESP) N (X)], [N Prep N], [SVO], [SV_{AUX}.V X] e [S V_{Funcional} X] do PB. Em seu estudo, o autor defende a hipótese de que diferenças tipológicas entre a Libras e o PB não são suficientes para explicação dos apagamentos sistemáticos e recorrem, por isso, à suposição de que aprendizes teriam menos propensão ao recrutamento dos processos cognitivos de domínio geral por baixa

experiência com o *input* escrito da L2, possivelmente motivada por carência de metodologias de ensino adequadas.

Complementando os achados de Nascimento, Soares e Freitas Jr. (2019), Nascimento (2020) destaca os problemas relativos à representação de [(ESP) N (X)] em textos de crianças surdas usuárias de Libras como L1, percebendo, aliás, que determinantes definidos e indefinidos constituem o tipo de especificador mais recorrentemente avariado em detrimento de quantificadores, pronomes e expressões qualificadoras e delimitativas. Reconhecendo o caráter básico dessa construção nominal, a análise do expressivo percentual de apagamentos de especificadores à periferia esquerda de nominais fez com que Nascimento (2020) interpretasse esse fenômeno como um inibidor do reconhecimento e do uso de outras construções do PB, elementares à formação de um enunciado, tais como construções de estrutura argumental.

Em estudo publicado, Nascimento, Freitas Jr. e Soares (2020) recuperam os resultados de Nascimento (2020) com vistas a um aprofundamento maior na questão dos apagamentos de especificadores. Primeiramente, os autores enxergam que o apagamento de determinantes é variável no que se refere ao papel participante, sendo a posição de sujeito de construções argumentais mais sensível ao fenômeno (68,7%), seguida pelas posições de OD (17,1%) e de complemento oblíquo (14%). Além disso, não só interferências da L1, supergeneralizações e déficits no recrutamento de processos cognitivos de domínio geral sobre o *input* da L2 são apontados como fatores condicionantes dos apagamentos, como também a própria camada semântica da construção [(ESP) N (X)], pouco percebida pelos aprendizes, sobretudo no que concerne à relação de definitude que (ESP) confere à construção.

Os autores propõem, ainda, que apagamentos de especificadores podem ser motivados por baixa saliência de sentido e de visualidade (baixa massa gráfica)⁶⁰ que em geral apresentam, se comparados aos núcleos nominais. Assim, para eles, “parece haver baixa percepção de especificadores, dificultando a representação do padrão [Especificador + N + Complementizador] por acionamento de *chunking*.” (NASCIMENTO, FREITAS Jr., SOARES, 2020, p. 114). Por essa razão, os autores intuem que esses aprendizes de L2, de modo geral, ainda tenham fracas representações de [(ESP) N (X)] do PB armazenados como *chunks*, sendo representações escritas uma fonte de indícios para tal pressuposição.

⁶⁰ Em particular, para aprendizes surdos, a questão da visualidade é extremamente importante, tendo em vista a maior propensão destes indivíduos a acessarem informações linguísticas majoritariamente por meio da modalidade visual.

Outras pesquisas nos fazem observar que problemas de representação do *slot* ESP em contexto de uso de L2 não são restritos às produções de aprendizes surdos. Um desses estudos é o de Gonçalves, Nascimento e Wiedemer (no prelo)⁶¹ que detectam problemas envolvendo o uso de artigos em produções em inglês como segunda língua (IL2) de aprendizes brasileiros crianças, jovens e adultos. Esses problemas se materializam tanto por meio de preenchimento inadequado do *slot* com um determinante definido, quanto por meio de apagamento desse item em contexto requerido na L2, conforme os dados abaixo (19) e (20) a seguir.

19. a. *I live in *[the Brazil]. Have many beaches.* (Aprendiz criança);
 b. **[The Canada] is a beautiful country. It is cold.* (Aprendiz adolescente);
 c. *I traveled to *[the Rio Grande do Sul] in the last year with my wife.* (Aprendiz adulto).
20. a. *Beauty and the Beast is *[Ø movie] I love.* (Aprendiz criança);
 b. *I love to go to Cabo Frio. This is *[Ø beach] that you need to go.* (Aprendiz adolescente);
 c. *OutBack was good. That was *[Ø restaurant] that we ate, my friend.* (Aprendiz adulto).

Fonte: Gonçalves, Nascimento e Wiedemer (no prelo).

Rediscutindo as noções de interferência e supergeneralização em nomenclaturas construcionais diassistêmicas, os autores atribuem às idioconstruções do PB a responsabilidade por tais usos truncados, pressupondo que estas, devido a seu alto grau de entrincheiramento e a seus aspectos intrínsecos na marcação da definitude nominal, prevalecem na competição com os usos da L2 que para contextos como os expressos em (19) e (20) recrutaria, respectivamente, os padrões [Ø (X) N] e [the (X) N]. Assim, se por um lado, Gonçalves, Nascimento e Wiedemer (no prelo) notam efeitos da interferência idioconstrucional nos dados de inserção indevida de especificador, por outro, apontam casos de supergeneralizações da idioconstrução da L2 de nominal nu nos casos de apagamentos, posto que estes não encontram contraparte gramatical nas configurações da L1 nestes mesmos contextos morfossintáticos e semânticos em que a construção é utilizada em (20).

⁶¹ O trabalho se intitula: “Indícios da cognição emergente multilíngue na produção escrita em inglês como L2: rediscutindo interferências e supergeneralizações”. Trata-se de um trabalho de conclusão de curso de graduação em Letras: Português-Inglês (UERJ/FFP), de autoria do primeiro autor, que foi orientado pelos dois últimos mencionados. A previsão de publicação do artigo é dezembro do presente ano.

Zhang (2020) também apresenta contribuições interessantes às quais podemos recorrer para a análise do comportamento do padrão [(ESP) N (X)] em produções de estrangeiros ouvintes. A autora investiga a maneira como aprendizes chineses, ou seja, nativos de uma língua sem sistema formal de determinantes, lidam com usos de determinantes definidos em PBL2, visando, inclusive, analisar possíveis impactos pragmático-discursivos, tais como os contextos genéricos e específicos de uso da construção nominal. Partindo de metodologia quanti-qualitativa, Zhang (2020) coletou dados de entrevistas individuais realizadas com alunos chineses de graduação da universidade de Macau, os quais apresentavam nível intermediário em PB.

Com base na análise desse *corpus* de fala, a pesquisadora notou uma expressão mais significativa de determinantes definidos em relação aos indefinidos, além de uma tendência baixa à omissão desse item em contextos de uso em que é requerido em PB e alta à utilização imprópria. Os resultados da pesquisa de Zhang (2020) esclarecem que determinantes definidos do PB são corriqueiramente representados com equívocos na produção oral de aprendizes chineses. Como seus aprendizes eram de nível intermediário, a autora percebeu, por um lado, uma redução significativa no fenômeno de apagamento de determinantes definidos e, por outro, um aumento da utilização excessiva desses itens em contextos genéricos, em que se preferiria o nominal nu na língua alvo.

Esses resultados de Zhang (2020), além de demonstrarem que fenômenos envolvendo a representação de especificadores na periferia esquerda não ocorrem só na escrita, são oportunos à discussão do raciocínio analógico da identificação interlingual no curso da aquisição de L2, assim como dos efeitos da preempção estatística. Ao se encontrarem em um nível em que já conseguem distinguir marcas idiossincráticas das construções [(ESP) N (X)] da L1 e da L2, os aprendizes chineses em debate parecem se esforçar para evitar o apagamento de determinantes definidos (categoria que não integra seu repertório linguístico prévio), mas, mesmo conscientes disso, são suscetíveis a supergeneralizações, o que, em última instância, denota tanto um tipo de impacto da L1, quanto uma maneira muito particular de conceptualização do funcionamento de determinantes definidos na L2 por baixa sensibilidade estatística acerca do nominal nu nesta língua.

Além dessas pesquisas, há outras que vêm percebendo fatores semelhantes atrelados à representação da periferia esquerda de construções nominais em contexto de produções não nativas. Ionin e Montrul (2010), por exemplo, fornecem contribuições instigantes para pensarmos sobre produções não nativas de [(ESP) N (X)] e sua aquisição por aprendizes adultos. Neste trabalho, mesmo com base em uma teoria formalista, os autores se debruçam

na análise do comportamento de determinantes diante de nomes em produções de aprendizes de IL2 cuja língua materna é o espanhol. A partir disso, identificaram casos em que as características morfosintáticas e semânticas dos especificadores definidos *el* e *los* interferem na produção de [Ø N] no inglês, gerando padrões atípicos que são, a nosso ver, intuitivamente bloqueados por nativos pelo fator de preempção estatística.

Como o estudo observa, o espanhol se trata de uma língua em que o determinante plural *los* pode ser utilizado como especificador de nomes de referência genérica, diferente do inglês, que opta pela preservação do padrão nominal neste contexto, de acordo com o que vimos na seção anterior. Por isso, é gramaticalmente coerente dizer [*los peros*] *son mamíferos*, mas não [*the dogs are mammals*], pois o inglês opta pelo plural nu em contextos de especificação genérica: *dogs are mammals* (IONIN; MONTRUL, 2010).

Apesar disso, como identificam Ionin e Montrul (2010), mesmo aprendizes hispanofalantes de IL2 de alto grau de proficiência, podem incorrer na produção de sintagmas com essa característica, o que espelha casos de alto grau de entrenchamento do padrão correspondente na L1. A pesquisa de Ionin e Montrul (2010), dentre outras coisas, nos possibilita pensar de que maneira características translinguísticas de ordem informacional do padrão [(ESP) N (X)] podem acarretar em desvios interpretados como supergeneralizações, que defenderemos se tratar de uma prevalência idioconstrucional devido à ausência de monitor estatístico⁶² de detalhes do *coverage* da L2.

Abordando e expandindo essa questão da informatividade de determinantes e suas implicaturas em produções não nativas de [(ESP) N (X)], Snape (2013) aponta que, além dos casos de interferências identificados por Ionin e Montrul (2010), a distinção interlinguística de genericidade nominal pode levar, ainda, a incidências de omissão e substituição de determinantes quando a L1 é um sistema sem materializações morfológicas de artigos (e.g. japonês e algumas línguas de sinais). Visando à testagem de como aprendizes de L2 adquirem essa semântica complexa de determinantes e de como se dá, nesse processo, a classificação da escala de genericidade vista entre definidos, indefinidos e nominais nus, Snape (2013) submeteu um experimento *off-line* de julgamento de gramaticalidade de sintagmas determinantes do inglês a 24 aprendizes nativos de japonês e a 18 aprendizes nativos de espanhol, todos de nível avançado segundo o TOEIC⁶³.

⁶² Ao utilizarmos o termo “monitor estatístico” em algumas passagens, não estamos fazendo menção ao modelo monitor de aquisição de L2 (KRASHEN, 1982). Estamos, tão somente, nos referindo à noção de preempção estatística desenvolvida em Goldberg (2019).

⁶³ Teste de Inglês para Comunicação Internacional. É um teste padronizado de leitura e audição que fornece um método mais preciso para avaliar a proficiência em língua inglesa.

O intuito do experimento, que ainda foi submetido a um grupo controle de 35 falantes nativos de inglês, era investigar se ambos os grupos de aprendizes dessa língua como L2 eram capazes de julgar (i) se expressões genéricas de tipo natural (de referência à espécie) eram aceitáveis apenas em casos de determinante singular definido e de nominais nus, bem como (ii) se sentenças genericamente quantificadas eram aceitáveis apenas em casos de singular indefinido e plural puro, conforme a proposta de Carlson (1977a e b). Os resultados do experimento de Snape (2013) não confirmam a hipótese de que aprendizes de IL2 que vêm de uma L1 com codificações formais de determinantes distintas são mais inclinados a dificuldades no uso correto do artigo em detrimento de aprendizes nativos de uma língua sem artigos, como defendem Ionin e Montrul (2010).

Ainda que ambos os grupos do estudo de Snape (2013) tenham identificado a distinção entre a genericidade no nível de [(ESP) N (X)] e no nível da sentença, os aprendizes japoneses apresentaram mais dificuldades para a interpretação de que o singular definido pode se referir a tipos bem definidos, o que, na visão de Lardire (2009), é atribuído à ausência de recursos morfológicos da L1 para codificar genericidade no nível da construção nominal. Os aprendizes espanhóis, por outro lado, foram capazes de reanalisar o recurso de sua L1 para a L2 e apresentaram um desempenho mais satisfatório na identificação, possivelmente, em virtude de terem, em seu conhecimento linguístico prévio, um sistema formal de determinantes.

Essas discussões sobre genericidade e informatividade são pertinentes ao contexto da presente pesquisa, conforme veremos a seguir. Um de seus efeitos, inclusive percebido em nossos dados, pode incidir sobre representações de [(ESP) N (X)] comprometidas por alguma incompatibilidade morfossintática motivada, caracterizada como um problema de ordem representativa do especificador, o qual persiste mesmo que aprendizes não nativos reconheçam sua necessidade de uso (SNAPE, 2013). Abarcando casos de substituição de um especificador por outro competidor (e.g. usos de quantificadores em vez de determinantes, ou vice-versa), bem como ocorrências de especificadores adequados sem expressão de categorias gramaticais relevantes na língua alvo (e.g. *aquela menina*), esse problema também representa, a nosso ver, uma evidência diassistêmica em aquisição de L2.

Com base nesta breve revisão de literatura, de modo geral, podemos dizer que as pesquisas revisitadas aludem a generalizações produtoras a respeito da atuação do componente pragmático da L1 sobre produções não nativas de construções nominais. A partir delas, intuímos que pelo menos três fenômenos podem afligir a representação não nativa do *slot* especificador da construção [(ESP) N (X)], a saber, (i) preenchimentos impróprios, (ii)

apagamentos e (iii) combinações discordantes. Cada um desses problemas nos concede bases para a defesa de uma arquitetura construcional multilíngue diassistêmica, pois, somados ao conjunto de produções acertadamente representadas, respaldam discussões sobre indicativos de entrincheiramento de idioconstruções e graus de diassistematicidade.

Isso posto, consideramos que o olhar para esses estudos nos permite não só uma dimensão mais ampla de achados sobre o comportamento da construção nominal estudada em contexto de aquisição de L2, como também nos propiciou mais propriedade teórica para firmarmos nossas hipóteses e escolhas metodológicas, das quais trataremos no próximo capítulo.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS E ETAPAS DA PESQUISA

Nos capítulos anteriores, debatemos os pressupostos teóricos deste estudo e procedemos a uma breve revisão de literatura a respeito dos problemas recorrentes nas representações da construção nominal [(ESP) N (X)] em produções não nativas, focalizando os três fenômenos frequentemente percebidos em especificadores: apagamento, preenchimento impróprio e combinação discordante. De acordo com Freitas Jr. *et al* (2022, p. 622), esses rótulos abarcam, respectivamente, casos como: (i) “(...) estudar fora Ø país”; (ii) “(...) mês de o dezembro”; (iii) “(...) o crianças”, os quais representam maneiras particulares de assimilação e uso de especificadores à esquerda de nominais no *constructicon* multilíngue.

Pressupondo que esses fenômenos também ocorrem com certa regularidade no conjunto de dados com os quais trabalhamos na presente pesquisa, chegamos a uma etapa crucial: a apresentação dos procedimentos metodológicos seguidos na estruturação da pesquisa, bem como de suas etapas. Este capítulo, assim, objetiva apresentar a hipótese, o *corpus* utilizado, os participantes da pesquisa, os procedimentos empreendidos na coleta de dados, o tipo e os critérios de análise.

4.1 Dos problemas de pesquisa e da hipótese

Esta pesquisa parte de problemas gerais a respeito da análise linguística de produções escritas em L2, as quais já vimos observando há algum tempo em trabalhos anteriores (FREITAS Jr. *et al*, 2018; NASCIMENTO; FREITAS Jr.; SOARES, 2019, 2020; NASCIMENTO, 2020). A grande incidência de casos de agramaticalidade ou inovação diassistêmica, verificados em textos de aprendizes adultos, surdos e estrangeiros, permite-nos pensar algumas questões a respeito de como ocorrem os processos de aprendizagem de uma L2, assim sumarizadas por Soares (2018, p. 91): “Como os aprendizes processam, armazenam e acessam o PB para compreensão e produção escritas? Como identificam padrões de forma e significado no material escrito em PB, oferecido pela escola e por seu entorno?”.

Amparados nessas perguntas de pesquisa, de modo amplo, a hipótese segundo a qual a nossa investigação se molda corresponde à proposta básica do modelo da GCD debatida anteriormente, na seção 1.3 e no capítulo 2. Basicamente, apostamos na viabilidade da ideia

de que o conhecimento multilíngue de aprendizes de L2 emerge por meio de idioconstruções e diaconstruções, em um processo gradiente e suscetível a efeitos variáveis de preempção estatística, *coverage* e aprendizagem guiada pelo erro.

Como já mencionamos em passagens anteriores, lidamos com duas línguas distintas em nosso estudo: o inglês e o PB, respectivamente L1 e L2 dos participantes da pesquisa. Isso faz com que, no contexto desta investigação, a hipótese geral da GCD se traduza, de modo mais direto, em conjecturas pautadas nas características de [(ESP) N (X)] apresentadas no capítulo 3.

Primeiramente, acreditamos ser possível uma identificação analógica/ interlingual no par Inglês-PB, de modo que se forme, na cognição emergente dos aprendizes, uma diaconstrução que pode favorecer, em alguns contextos, o processamento e a produção gramatical de *tokens* de especificação nominal da L2. Então, um aspecto a ser averiguado é a procedência, ou não, dessa diaconstrução e em que medida ela é realística aos aprendizes, no sentido de ser tomada como um fator positivo, capaz de facilitar usos coerentes e compatíveis com as possibilidades de combinação e restrições (Cf. GOLDBERG, 2019) da construção nominal do PB.

Se por um lado consideramos a emergência de uma diaconstrução no *constructicon* multilíngue a partir dos exemplares disponíveis aos aprendizes, por outro, nosso interesse em investigar de que maneira aprendizes percebem e usam idiosincrasias da L2 em níveis mais baixos da rede construcional de [(ESP) N (X)] nos leva à hipotetização da emergência e fixação de idioconstruções de cada uma das duas línguas. Nesse caso, estaríamos diante de implicações cognitivas atreladas ao armazenamento da construção nominal da L2, as quais podem configurar casos de prevalência/manutenção das idioconstruções da L1 e supergeneralizações, por influência de *coverage*, preempção estatística e entrincheiramento por conservadorismo, das regras de uso das idioconstruções da nova língua ou mesmo da diaconstrução.

Consideramos, além disso, que os fenômenos de representação equivocada de especificadores à periferia esquerda de nominais sejam coincidentes com o que já se verifica em outras pesquisas baseadas em *corpora* de aprendizes de L2 (FREITAS Jr. *et al*, 2022; NASCIMENTO, 2020; NASCIMENTO; FREITAS Jr.; SOARES, 2019, 2020; FREITAS Jr. *et al*, 2018; SOARES, 2018). Essa tem sido uma premissa bastante produtiva entre as pesquisas que se dedicam ao estudo dos processos de aquisição de L2 no construto teórico da Linguística Cognitivo-Funcional e com a qual pretendemos colaborar a partir de nossos resultados.

Parece-nos viável, assim, acreditar na ideia de que produções não nativas de [(ESP) N (X)] se materializam, na escrita dos aprendizes estrangeiros ouvintes de PBL2, a partir de seus estatutos cognitivos, isto é, seus graus de saliência e acesso na cognição emergente. Em outras palavras, o *output*, nesse caso, pode ser tomado como ponto de partida à interpretação de representações específicas abstraídas do *input* ou por formação de idioconstruções, ou de diaconstruções.

Exposta a hipótese de nosso estudo, procedemos ao detalhamento do banco de dados escolhido, da amostra selecionada e seus procedimentos de coleta, assim como dos perfis sociolinguísticos dos aprendizes, na seção a seguir.

4.2 Do *corpus*, dos procedimentos de coleta de dados e dos participantes

Vimos até aqui dizendo que nossas análises partem de produções escritas em PBL2 confeccionadas em contextos pedagógicos de instrução explícita. Desse modo, é importante especificarmos exatamente de onde esses textos foram retirados, quais foram os procedimentos para a sua coleta e quem são seus produtores, o que faremos nesta seção.

Os materiais analisados integram o conjunto de textos pertencentes ao *corpus* do Núcleo de Estudos sobre Interlíngua] da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NEIS-UFRJ), cujo endereço eletrônico é: <https://corpusneis.wixsite.com>⁶⁴.

O *corpus* NEI] consiste de um banco de dados que reúne textos escritos em PBL2 por aprendizes brasileiros surdos de faixas etárias infantil e adulta e por aprendizes estrangeiros adultos, falantes nativos de inglês e de francês, com vistas à oferta de um material para investigação da aprendizagem do PB a partir da escrita desses indivíduos (FREITAS Jr. *et al*, 2018). Coletados por integrantes do NEI]-UFRJ, esses textos encontram-se organizados pelas seguintes etiquetas:

- i. Grupos de aprendizes (brasileiros surdos e estrangeiros ouvintes);
- ii. Faixas etárias (crianças, adolescentes e adultos surdos, por um lado, e adultos estrangeiros, por outro);

⁶⁴ Este *corpus* ainda não se encontra disponível totalmente na *web* em domínio público. Esta é uma etapa em elaboração por parte dos integrantes do NEIS-UFRJ. No entanto, os textos podem ser solicitados para uso em pesquisa a partir do endereço de e-mail: neis@letras.ufrj.br.

- iii. Escolaridades (níveis fundamental, médio e superior, inclusive pós-graduação, em curso ou concluídos);
- iv. Gêneros e tipos textuais (de acordo com o solicitado nas tarefas geradoras de dados);
- v. Situacionalidades de produção escrita, sendo todos eles oriundos de contextos de ensino-aprendizagem de PBL2, ou em nível de extensão universitária⁶⁵, ou em nível de graduação e pós-graduação⁶⁶.

A escolha por esse banco de dados seguiu a proposição de Charaudeau (2011, p. 14), para quem “o *corpus* participa de uma abordagem heurística, pois propõe um certo caminhar intelectual a partir de hipóteses de base para descobrir ‘fatos e ideias’, isto é, para interpretar”. Como a situação de contato linguístico em foco nesta Dissertação é o contexto de aquisição de L2, julgamos por bem aderirmos a um *corpus* que nos fornecesse produções escritas em PBL2, o que não é muito fácil de se encontrar.

Para a composição desta pesquisa, selecionamos 25 textos escritos à mão por 9 aprendizes estrangeiros anglófonos (i.e. falantes nativos de inglês) de idade adulta, sendo estes pertencentes aos gêneros ‘comentário crítico’ e ‘mensagem’, produzidos em respostas aos seguintes enunciados:

Enunciado 1 (Tarefa do gênero ‘comentário crítico’):

No áudio que você escutou em sala de aula, o narrador relata um acontecimento ocorrido no restaurante em que trabalha. Em seguida, menciona que “O arroz com feijão é tão forte e é associado à família, ao carinho, ao amor. Claro que também é associado ao trabalhador (...)”. A partir disso, produza um comentário crítico em que você explique e responda à seguinte questão: Há uma relação entre alimentos e culturas?

Enunciado 2 (Tarefa do gênero ‘mensagem’):

Nesta unidade, você aprendeu sobre a cultura culinária brasileira. Muito do que vimos, certamente foi novidade para você. Então, como tarefa final, você deve escrever uma mensagem para um familiar que se encontra em seu país de origem, para lhe contar sobre os usos e costumes dos brasileiros já percebidos por você. Não se esqueça de abordar a questão da diversidade cultural na culinária, que vimos nesta etapa de nosso curso.

Na tabela 1, a seguir, visualizamos a composição da amostra utilizada nesta pesquisa, especificamente no que se refere ao quantitativo de textos fornecidos pelos participantes e ao número de palavras produzidas⁶⁷.

⁶⁵ Projetos de ensino de PBL2 para estrangeiros (PEC-G) e para surdos.

⁶⁶ Principalmente, na Faculdade de Letras - UFRJ.

⁶⁷ Esse número é relevante para a demonstração de que os aprendizes, em si, mantiveram-se em uma média.

Tabela 1 - Composição da amostra analisada

Participante	Quantidade de textos na amostra	Número de palavras por aprendiz
ITI20MG	03	270
ISI20FJ	03	188
ISI23FJ	03	388
IJI22MJ	03	158
IRI19MG	02	163
IHI19MJ	03	163
IAI19MG	02	193
IJI20FJ	03	216
IKI19FG	03	232

Fonte: Produção própria.

Predominavam nesses textos as sequências descritiva, argumentativa e narrativa, sendo as duas primeiras em maior grau e a última, em menor. Esses materiais de aprendizes estrangeiros foram produzidos por alunos de uma mesma turma do curso de português para estrangeiros, oferecido pelo Departamento de Letras Vernáculas via Programa Estudantil Convênio de Graduação (PEC-G) da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2019.

É importante destacar que os procedimentos de coleta desses dados para abrigo no *corpus* NEI] seguiram um protocolo coerente com o estimado por código de ética para pesquisas científicas. Os participantes voluntários preencheram fichas de perfis sociolinguísticos (ANEXO A) e termos de consentimento livre e esclarecido (ANEXO B). Além disso, apesar de todos os materiais analisados nesta pesquisa terem sido produzidos em contexto de sala de aula, somente aqueles textos que não contaram com quaisquer tipos de intervenção pedagógica foram considerados viáveis para investigação.

No tocante aos perfis sociolinguísticos desses aprendizes, foram controladas as informações de gênero, idade, nacionalidade e línguas maternas. Tais especificações podem ser vistas no quadro a seguir, cujo propósito é apresentá-las de modo sistemático.

Quadro 7 - Perfis sociolinguísticos

Participante	L1	Nacionalidade	Gênero	Idade
ITI20MG	Inglês	Gana	M	20
IRI19MG	Inglês	Gana	M	19
IAI19MG	Inglês	Gana	M	19
IKI19FG	Inglês	Gana	F	19
ISI20FJ	Inglês	Jamaica	F	20
ISI23FJ	Inglês	Jamaica	F	23
IJI20FJ	Inglês	Jamaica	F	20
IJI22MJ	Inglês	Jamaica	M	22
IHI19MJ	Inglês	Jamaica	M	19

Fonte: Produção própria.

A princípio, esses perfis não são tomados aqui como essenciais à discussão de nossos objetivos, uma vez que nos inserimos no quadro epistemológico da GCD e não no de uma abordagem que necessariamente prevê uma atribuição de peso a variáveis extralinguísticas, como a Sociolinguística. Entretanto, podem fornecer indícios auspiciosos ao analisarmos, posteriormente, os resultados individuais em comparação aos achados gerais da amostra, em estudo posterior. Posto isso, independentemente do grau de implicação, consideramos válida a menção aos perfis sociolinguísticos apresentados como possíveis contributos à análise nesta etapa da pesquisa.

Na próxima seção, contemplamos com maior detalhamento o tipo e os critérios escolhidos para compor a análise de dados, a ser apresentada no capítulo 5.

4.3 Do tipo e dos critérios de análise

A abordagem dos dados que instanciam a diaconstrução [(ESP) N (X)], identificados nas produções que compuseram nossa amostra, seguiu um tratamento por meio do qual foi possível descrever tanto a complexidade dos problemas percebidos, quanto suas relevâncias estatísticas. Por isso, optamos por uma análise quali-quantitativa, posto que integra o olhar

dimensivo representado por noções probabilísticas das tendências observadas e o olhar de caráter mais interpretativo e subjetivo a respeito das ocorrências (DIEHL, 2004).

Diante da hipótese de que as produções escritas comportam usos licenciados por diaconstruções e idioconstruções, consideramos válidos tanto exemplares gramaticalmente convergentes com o esperado na língua alvo, quanto detentores de problemas no especificador de construções [(ESP) N (X)]. Sendo assim, procedemos à contabilização de todos os *tokens* da construção nominal presentes nos 25 textos, os quais foram balizados a partir de critérios de modo a nos auxiliar a uma melhor visibilidade dos dados em termos de seus comportamentos e distribuições.

Os critérios elencados como relevantes para a ocasião da presente pesquisa foram pensados em torno das principais características que implicam em usos convencionais e comprometidos de especificadores à periferia esquerda de nominais, considerando de modo direto as contribuições de pesquisas anteriores, algumas das quais revisitadas no capítulo 3. Dessa maneira, estruturamos o controle dos critérios vistos no quadro 8, a seguir.

Quadro 8 - Critérios de análise

	Critérios morfosintáticos e semântico-pragmáticos	Produções convergentes com os padrões da L2	Produções comprometidas em seus slots (ESP)
1°	Tipologia de especificador.	Aplicado	Aplicado
2°	Animacidade no nominal nuclear.	Aplicado	Aplicado
3°	Estatuto informacional da construção.	Aplicado	Aplicado
4°	Papel participante da construção no contexto de uso.	Aplicado	Aplicado
5°	Presença/Ausência de sintagma atributivo no <i>slot</i> (X).	Aplicado	Aplicado
6°	Tipologia de (X), quando preenchido.	Aplicado	Aplicado
7°	<i>Locus</i> do problema em questão.	Não aplicado	Aplicado

Fonte: Produção própria.

Analisados de modo conjunto, esses critérios morfosintáticos e semântico-pragmáticos esclareceram o mapeamento de usos não nativos de [(ESP) N (X)] por parte dos participantes que compuseram nossa amostra. O intuito primário era investigar possíveis

tendências e regularidades presentes tanto em produções convergentes, quanto em produções comprometidas, de modo a obter insumos para a descrição linguística e proposição de generalizações a respeito das representações da construção nominal no *constructicon* multilíngue.

Naturalmente, para que esse percurso fosse exitoso, em ambos os casos, controlamos a natureza do especificador utilizado⁶⁸ dentro das possibilidades admitidas no PB (1° critério), as quais foram mencionadas na seção 3.1. Esse critério de forma, além de ter facilitado as comparações ensejadas neste estudo, promoveu a percepção dos tipos de subesquemas mais frequentemente utilizados pelos aprendizes, assim como daqueles que mais facilmente poderiam ser apontados como *chunks* menos fortalecidos na *constructicon* multilíngue individual e coletiva dos grupos analisados.

Além disso, em respeito ao aspecto diversificado da construção em foco, sobre o qual também já falamos, mostrou-se promissor considerar a animacidade do nominal (2° critério), o estatuto informacional (3° critério) e o papel participante (4° critério) da construção em seus respectivos contextos funcionais. Especialmente em relação ao 3° critério, analisamos o grau de genericidade e aspectos da definitude dos nominais, pois entendemos que:

(...) a categoria gramatical de definitude corresponde a um traço formal associado a expressões nominais que sinalizam se o referente da sentença é ou não identificável. Normalmente, essa categoria é expressa através do contraste entre um artigo definido ou indefinido ou outros determinantes, tais como possessivos e demonstrativos, embora possa ser expressa por outros meios, como ordem vocabular, presença ou ausência de numeral, etc (CALLOU *et al*, 2000, p. 82).

Assim, os construtos foram descritos em termos de [+/- animados], [+/- novos], [+/- velhos], [+/- inferíveis], bem como dos papéis participantes de argumento (complementos nominais, predicativos, sujeitos e/ou complementos verbais diretos, indiretos e oblíquos) e de adjunto (nominais e verbais). Com base nesses critérios morfossintáticos e semânticos, foi possível delinear fatores que interferem nas necessidades ou não de uso de especificadores na L1 e na L2, uma condição indispensável à abordagem em que estamos ancorados.

Ainda, no plano da forma, por meio do 5° e do 6° critérios, procuramos investigar se a presença ou ausência de um sintagma de natureza atributiva à margem direita da construção nominal, no *slot* (X), poderia ou não ter alguma relação com a representação da especificação à esquerda. Por meio disso, notamos algumas predisposições comportamentais das construções utilizadas com problemas em (ESP), o que pode significar um indício de que

⁶⁸ Quando mencionamos natureza ou tipologia da especificação, consideramos também os nominais nus ([Ø N]), sendo, portanto, a ausência formal significativa para nós.

estes se tratam, em um nível mais amplo, de dificuldades gerais sobre a demarcação semântica de itens nominais.

Por fim, quanto ao 7º e último critério, o qual somente se aplicou às produções divergentes, indicamos o domínio do problema que acomete [(ESP) N (X)]. Neste tópico, mapeamos de que maneira as informações formais e semânticas da L2 não são processadas adequadamente, refletindo-se, na escrita dos aprendizes, ora em cancelamentos de especificadores necessários à demarcação da definitude ou preenchimentos desnecessários do *slot* à esquerda de nomes genéricos, ora em problemas de concordância de gênero e/ou número.

Diante dessas descrições, percebemos que a definição de tais critérios nasce do olhar empírico e qualitativo para as ocorrências. Como podemos refletir, trata-se de fatores que além de favorecerem a descrição, também podem ter alguma relação, de ordem mais ou menos impactante, com os fenômenos estudados. Ademais, esse rigor analítico caracteriza-se como imprescindível para sugestões de *design* do *constructicon* multilíngue, dado o caráter baseado no uso do modelo da GCD, que, como vimos no capítulo 1, tem suas premissas teórico-metodológicas construídas em uma perspectiva cognitivo-funcional.

Após a análise dos dados à luz desses critérios, procedemos à categorização e ao tratamento quantitativo e qualitativo dos resultados com vistas à observação mais apurada dos aspectos de [(ESP) N (X)] em produções de aprendizes anglófonos de PB. Esses resultados são apresentados e discutidos no próximo capítulo.

5 RESULTADOS, DISCUSSÕES E CONTRIBUIÇÕES

Neste último capítulo, apresentamos os resultados de nossa análise de dados realizada conforme o aparato teórico-metodológico explicitado nos capítulos anteriores. A partir das observações orientadas por critérios, propomos algumas discussões de modo a endossar a compatibilidade do construto teórico da GCD com a investigação de fenômenos recorrentes no processo de aquisição de L2, em particular, no que se refere à representação da construção [(ESP) N (X)] no *constructicon* multilíngue dos participantes. Por conseguinte, dividimos esta etapa em subseções que melhor orientam a compreensão de nossas proposições construídas com base na empiria com que lidamos no decorrer da pesquisa.

Em primeiro momento, na seção 5.1, apresentamos os resultados, averiguando as regularidades percebidas no *corpus* fornecido pelos aprendizes que integraram este estudo. Em seguida, na seção 5.2, a partir das observações, lançamos luz a generalizações sobre o *constructicon* multilíngue emergente, sua complexidade e alguns processos cognitivos diassistêmicos que podem ser considerados como licenciadores de determinados usos.

5.1 Resultados

Nas 25 produções de aprendizes anglófonos analisadas, identificamos 312 ocorrências de [(ESP) N (X)]. Desse quantitativo, 251 (80.44%) *tokens* foram convergentes, isto é, produzidos de acordo com as restrições idiossincráticas do PB relativas à combinação entre especificadores e nominais, e 61 (19.55%) comprometidos por fenômenos de apagamentos, preenchimentos impróprios e combinações discordantes. Tratamos de cada um desses grupos nas subseções 5.1.1 e 5.1.2 a seguir.

5.1.1 Das produções convergentes

No contexto desta pesquisa, como vimos debatendo até aqui, consideramos que não só produções equivocadas de aprendizes de L2 representam fontes de evidências para a

interpretação do *constructicon* multilíngue, como também produções compatíveis com o esperado na língua alvo (FREITAS Jr. *et al*, 2022). Conforme defendemos, tal consideração é feita a partir do reconhecimento do papel de escalas gradientes de generalização do conhecimento linguístico plurilíngue e dos fatores de *coverage* e preempção estatística, ambos já debatidos no capítulo 2.

Portanto, nesta primeira subseção, nos debruçamos sobre produções configuradas no esquema [(ESP) N (X)] que, apesar de não serem específicas do inglês, foram identificadas nos textos dos aprendizes anglófonos de que tratamos como convergentes. Demonstramos, ainda, que os critérios de análise utilizados são capazes de revelar um comportamento regular, o qual, a nosso ver, pode ser apontado como indício de formação de *link* diassistêmico no *constructicon* multilíngue emergente.

Em relação às 251 ocorrências convergentes, as quais somam maioria da amostra, dentre as possibilidades de preenchimento de (ESP) na construção nominal de que tratamos, percebemos uma tendência maior de uso de determinantes definidos e indefinidos, que juntos totalizaram um percentual de 85.60% (215). Na Tabela 2, apresentamos os valores das ocorrências de tipos de especificadores em produções convergentes.

Tabela 2 - Frequência de (ESP) convergentes

Tipo de especificador	Frequência	
	Bruta	Percentual
Pronome demonstrativo	8	3.10%
Pronome possessivo	5	1.90%
Determinante definido	176	70.10%
Determinante indefinido	39	15.50%
Intensificador	2	0.70%
Numeral	1	0.30%
Quantificador	20	7.90%
Total	251	100%

Fonte: Produção própria.

Como falamos e observamos na tabela 2, os usos de determinantes nas produções convergentes são mais frequentes do que os demais tipos de especificadores, o que se mostra compatível com a proposição de maior frequência do *chunk* [*the/a/an* + N] em inglês (HILPERT, 2015). Ainda, com base nos valores encontrados, podemos notar que, dentre a

classe dos determinantes, os definidos exibem um percentual maior de uso por parte dos aprendizes anglófonos.

Essa observação dialoga com estudos anteriores que demonstram uma direcionalidade na aquisição de artigos tanto da L1 quanto da L2, sendo mais comumente notada a apropriação inicial dos definidos, os quais costumam ser mais utilizados do que seus correspondentes indefinidos por aprendizes adultos (ROBERTSON, 2000; WHITE, 2003; LARDIRE, 2004; MAYO, 2009). Haveria, assim, a mesma sistematicidade de uma aquisição regular de uma língua, ou seja, a aprendizagem inicial de objetos mais concretos e depois, mais abstratos.

Além disso, tomando por base os critérios apresentados no capítulo 4, percebemos algumas tendências a respeito do comportamento das construções [(ESP) N (X)] produzidas sem comprometimento de aceitabilidade. Para melhor visualização, situamos os dados convergentes abaixo⁶⁹.

1. [**O arroz com feijão**] é tão forte e é associado à familiar associado ao carinho e associado ao amor. Claro que também é associado ao trabalho porque o arroz e feijão é a comida brasileira que todo mundo gostam (...) (Aprendiz anglófono IA119MG; Corpus NEI/UFRJ);
2. A afirmativa acima quer dizer, em todas as reuniões seja família, carinho, amor e trabalhar, [**a comida típica que eles servam**] ou as comidas bastante servam estão o arroz com feijão. (...). (Aprendiz anglófono IT120MG; Corpus NEI/UFRJ);
3. O Brasil possui um tipos diferentes das cominas, porém maiorias d[os **povos aqui no Brasil**] comem arroz com feijão para jantar e almoçar. Isso parece muito estranho, não é? (...). (Aprendiz anglófono IT120MG; Corpus NEI/UFRJ);
4. Eu acho que essa afirmativa acima é estereótipo. Então eles são falando só famílias com trabalhos menores comem [**o arroz com feijão**]? (Aprendiz anglófono IS123FJ; Corpus NEI/UFRJ);
5. [**Um grupo** [das pessoas]] foram ao restaurante e quiseram pedir as comidas para os filhos. Os pais falaram o garçon que eles quiseram bastante feijão com arroz especialmente para os filhos. Isso explica a importancia do prato porque qualquer lugar uma pessoa vai que vai pedir esse prato. (Aprendiz anglófono IS120FJ; Corpus NEI/UFRJ).

No tocante à informatividade da construção, por exemplo, observamos na amostra uma maior propensão de os produtos coerentes, de modo geral, codificarem informação nova (123/49.00%), ao invés de informação velha (78/31.00%) ou inferível (50/19.92%), como

⁶⁹ Os dados que apresentaremos de agora em diante neste capítulo contam com várias ocorrências de [(ESP) N (X)] nas produções escritas em L2. A ênfase que damos em cada um deles (i.e. sua marcação em **negrito**) não significa que não tenhamos contabilizado os demais casos. Trata-se, somente, de um realce didático, com fins ilustrativos para a discussão.

demonstram os dados 1, 2 e 3, respectivamente. Também de modo regular, quanto ao grau de genericidade, tais produções se caracterizaram por menos e mais genéricas (dados 4 e 5), em uma escala de 75.90% (190) e 24.10% (61) dos casos, respectivamente, o que demonstra uma possível preferência dos aprendizes por nominais mais específicos, possivelmente motivada pelo repertório pragmático de seu *constructicon* base ou de contexto comunicativo imediato, que, como vimos, tende a aderir ao uso de determinante quando se trata de um referente [-Genérico] [+Novo] (CHIERCHIA, 1998; WRIGHT, 2014). Na ocasião, o uso do determinante definido é contextualmente convergente entre a L1 e a L2, contribuindo com bases para a formação de *link* diassistêmico por identificação interlingual (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021).

A análise da animacidade do nominal, aparentemente, corrobora essa interpretação, posto que os valores também se dividem, sendo 82.47% (207) [-Animados] contra 17.52% (44) [+Animados]. Por um lado, esses números chamam atenção a uma regularidade que merece destaque em nossa descrição, de modo que podemos refletir e contrapor, a partir das análises das produções comprometidas a serem apresentadas em 5.1.2, se construções [(ESP) N (X)] da L2, com o núcleo portador do atributo semântico [+Animado], representam alguma dificuldade particular aos aprendizes anglófonos. Por outro, olhando, por exemplo, para o dado 6 abaixo, o qual sintetiza as características gerais dos poucos casos de nominais animados identificados, estabelecendo uma correlação com os critérios de informatividade e genericidade, parece-nos prudente identificar que o uso coerente de determinante definido em destaque segue estratégias compatíveis e gerais da L1 que podem estar sendo mantidas inconscientemente por esse grupo de aprendizes na produção em PB.

6. Todos os país têm alguma coisa que é tipical daquele país. É mesma coisa em Brasil com arroz com feijão. Essa é uma comida que quase todos os brasileiros comam. Esse é uma comida que unir [as pessoas]. (...). (Aprendiz anglófono IKI19FG; Corpus NEI/UFRJ).

Analisando cautelosamente a ocorrência em destaque no dado acima, averiguamos que se trata de um exemplar de [(ESP) N (X)] cujo núcleo é [+Animado] e que codifica informação velha, ou seja, que já integra o referente em foco (“os brasileiros”), na medida em que aparenta possuir baixo grau de genericidade. Casos assim foram consideravelmente comuns no *corpus*, não sendo, portanto, uma particularidade do exemplo acima. Esses aspectos conjuntos configuram um contexto morfossintático e semântico coincidente com a L1 no que tange à utilização de determinantes definidos diante de nomes animados comuns,

dado que o referente, neste caso, diz respeito a entidades específicas de uma classe (STOWELL, 1991).

Em relação à distribuição de usos de [(ESP) N (X)] por papel participante assumido nos contextos investigados, percebemos basicamente ocorrências em todas as possibilidades permitidas no PB, como demonstram os dados abaixo.

7. *Olá mãe, eu espero que você esteja bem. Eu estou escrevendo o email falar sobre a importância cultural d[**o arroz com feijão**]* ADJUNTO ADNOMINAL para o povo brasileiro. (Aprendiz anglófono IJ122MJ; *Corpus NEI/UFRJ*);

8. *O narrador falou sobre o acontecimento entre uma mãe e seu filho. Duas estava n[**um restaurante**]* ADJUNTO ADVERBIAL e estavam pedindo comida para comer. (Aprendiz anglófono IHI19MJ; *Corpus NEI/UFRJ*);

9. *Esta comida é muito barato, [**um real**]* APOSTO, então está conversação mostra a relevância nutricional e social do prato, e ajuda uma revelação para preservar os direitos do povo para comer. (Aprendiz anglófono IJ120FJ; *Corpus NEI/UFRJ*);

10. *O arroz com feijão é tão forte e é associado à familiar associado a[**o carinho**]* COMPLEMENTO NOMINAL e associado a[**o amor**] COMPLEMENTO NOMINAL. Claro que também é associado a[**o trabalho**] COMPLEMENTO NOMINAL porque o arroz e feijão é a comida brasileira que todo mundo gostam (...). (Aprendiz anglófono IAI19MG; *Corpus NEI/UFRJ*);

11. *Um grupo das pessoas foram a[**o restaurante**]* COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL e quiseram pedir as comidas para os filhos. Os pais falaram o garçon que eles quiseram bastante feijão com arroz especialmente para os filhos. Isso explica a importância do prato porque qualquer lugar uma pessoa vai que vai pedir esse prato. (Aprendiz anglófono ISI20FJ; *Corpus NEI/UFRJ*);

12. *Qualquer pessoa pode comer [**o arroz com feijão**]* OBJETO DIRETO especialmente desde é muito barato. Então duas pessoas pobres e rico podem comer isso sem um problema (...). (Aprendiz anglófono ISI23FJ; *Corpus NEI/UFRJ*);

13. *Os pais falaram o garçon que eles quiseram bastante feijão com arroz especialmente [para **os filhos**]* OBJETO INDIRETO (...) (Aprendiz anglófono ISI20FJ; *Corpus NEI/UFRJ*);

14. *Olá mãe, eu espero que você esteja bem. Eu estou escrevendo o email falar sobre a importância cultural do arroz com feijão [para [**o povo brasileiro**]]* COMPLEMENTO RELATIVO. (Aprendiz anglófono IJ122MJ; *Corpus NEI/UFRJ*);

15. (...) *Isso parece [**muito estranho**]* PREDICATIVO DO SUJEITO não é? Sim, pra mim no início eu achei mesmo coisa (...) (Aprendiz anglófono IT120MG; *Corpus NEI/UFRJ*).

16. *Arroz com feijão é um prato principal no Brasil. [**Essa sentença**]* SUJEITO é verdade. Todos os lugares, especificamente, os restaurantes ofrem feijão com arroz no seus cardápios (...). (Aprendiz anglófono IHI19MJ; *Corpus NEI/UFRJ*).

Apesar de termos notado essa abrangência de contextos sintáticos nas produções convergentes de [(ESP) N (X)], algumas ressalvas do ponto de vista da frequência merecem destaque, haja vista a maior proeminência de determinados papéis participantes em detrimento de outros. A tabela 3, a seguir, apresenta tais distribuições.

Tabela 3 - Papéis participantes detectados em produções convergentes

PAPEL PARTICIPANTE	FREQUÊNCIA	
	BRUTA	PERCENTUAL
Sujeito	60	23.90%
Adjunto adnominal	55	21.90%
Adjunto adverbial	42	16.73%
Complemento verbal (objeto direto)	40	15.93%
Predicativo do sujeito	30	11.95%
Complemento nominal	15	5.97%
Complemento verbal (relativo)	04	1.59%
Complemento verbal (objeto indireto)	03	1.19%
Aposto	01	0.39%
Complemento verbal (circunstancial)	01	0.39%
Total	251	100%

Fonte: Produção própria.

A partir da leitura da tabela acima, conseguimos notar que os papéis participantes predominantes foram, em ordem decrescente: sujeito, adjunto adnominal, adjunto adverbial, objeto direto e predicativo do sujeito. De acordo com Downing e Locke (2006), tais papéis são também os mais frequentemente assumidos por construções nominais em inglês, demonstrando tanto um alto grau de entrenchamento, quanto uma maior propensão ao estabelecimento exitoso de analogia com a L2. Dessa maneira, essa percepção das posições sintáticas de exemplares de [(ESP) N (X)] convergentes pode demonstrar contextos funcionais desse padrão de maior saliência não só semântica, como também visual (ELLIS, 2006), o que seria motivado pela frequência colocacional das construções nominais tanto da L1 (mais entrenchadas), quanto da L2, em construções maiores.

Quanto à presença/ausência de um sintagma atributivo à direita do nominal, a análise revelou que a maior parte das ocorrências convergentes não apresentou uma estrutura complexa, ou seja, não contou com o preenchimento da margem (X), como demonstram os dados 17 e 18.

17. *Com o passar do tempo, eu percebi que esse não é apenas [uma comida] (...)* (Aprendiz anglófono IKI19FG; Corpus NEI/UFRJ);

18. *A afirmativa acima quer dizer, em todas [as reuniões] (...)*. (Aprendiz anglófono ITI20MG; Corpus NEI/UFRJ).

Como percebemos nestes dados, ambos os exemplares da construção nominal [(ESP) N (X)] não apresentam encaixamento de sintagma à direita com função atributiva. Essa característica foi bastante regular nas produções convergentes, compreendendo um percentual de 70.10%. Em menor escala, percebemos casos de produção de [(ESP) N (X)] com a margem (X) preenchida (75/29.90%), conforme os exemplos abaixo.

19. *Além disso, o arroz com feijão tem [um valor **nutricional**], por isso 96% dos povos aqui no Brasil comem arroz com feijão todos os dias. Também na cultura brasileira, arroz com feijão é um dos elementos importantes e merece mais atenção.* (Aprendiz anglófono ITI20MG; Corpus NEI/UFRJ);

20. *O narrador encontrou [uma mulher **que quis comprar comida**] pro seus filhos mas ela não conseguiu comprar. Porém ele quis ajudá-la mas isso aconteceu de todas [as comidas **aqui no Brasil**], ela escolheu arroz com feijão. Sabe por quê? Porque, além de nutricional valor do arroz com feijão e também [uma **identidade da famílias brasileiras**].* (Aprendiz anglófono ITI20MG; Corpus NEI/UFRJ).

Na ocorrência destacada em (19), percebemos que o *slot* de delimitação à direita encontra-se preenchido por um sintagma adjetival (*nutricional*), assim como em (20) observamos, respectivamente, seu preenchimento por uma cláusula relativa restritiva/sintagma oracional (*que quis comprar comida*), por um sintagma adverbial (*aqui no Brasil*) e por um sintagma preposicional (*da famílias brasileiras*). Entre essas possibilidades de adjuntos adnominais, notamos uma prevalência de SAdj (36.00%) e de SPrep (32.00%) e pouca recorrência de orações relativas (18.66%) e de SAdv (6.66%). Junto ao baixo percentual de construções [(ESP) N **AAdn**] nos dados convergentes, essa observação parece indicar que os aprendizes anglófonos:

- i. tendem a direcionar sua atenção a adjuntos do tipo adjetivo, talvez na tentativa de não produzirem um padrão de ordem invertida ([ADJ N]) por monitoramento (MOTA; ZIMMER, 2005); e
- ii. ainda se encontram em um nível de proficiência em que usos mais complexos de [(ESP) N **AAdn**] são, ainda, pouco automatizados (MCLAUGHLIN, 1987).

Tais observações endossam a hipótese de que, em relação ao uso da L2, esses aprendizes contem com *links* fracos com o *cluster* da construção usada em inglês (L1) já com uma boa cobertura (GOLDBERG, 2019).

Além disso, esses critérios aplicados sobre as produções de [(ESP) N (X)] corroboram a proposição do perfil geral das construções convergentes, o que nos será útil nas seções posteriores, para fins de comparação e de conjectura de *links* diassistêmicos. Tal perfil mais frequente é demonstrado no quadro 9, a seguir.

Quadro 9 - Perfis dos componentes produzidos com convergência

Características	Mais utilizado	Moderadamente utilizado	Raramente utilizado
Slot especificador	Preenchido por determinante definido	Preenchido por determinante indefinido	Preenchido por pronomes, quantificadores e nominais nus.
Nominal	Atributos semântico-pragmáticos [-Animado], [Novo] e [Específico]	Atributos semântico-pragmáticos [+Animado], [Velho] e [Genérico]	Atributos semântico-pragmáticos [+Animado], [Inferível] e [Genérico]
Slot (X)	∅	Preenchido por adjunto adnominal (Predominantemente adjetivos e locuções adjetivas)	Preenchido por adjunto adnominal (Predominantemente orações relativas e adjuntos adverbiais)
Posições sintáticas da construção	Sujeito; Adjunto Adnominal; Objeto Direto; Predicativo do sujeito.	Complemento nominal; Predicativo do sujeito.	Agente da passiva; Aposto; Complemento circunstancial.

Fonte: Produção própria.

Os dados demonstraram a viabilidade de um gradiente conforme o modelo exposto no quadro 9 (da esquerda para direita). Podemos analisar que esses aprendizes, de modo geral, exibem maior domínio da construção nominal do PB com as seguintes características: [Determinante definido + N_{[+ANIMADO] [+NOVO] [+ESPECÍFICO]} + ∅]_[Suj.; AAdn.; OD; PS]. Em seguida, moderadamente, observamos as subespecificações [Determinante indefinido + N_{[+ANIMADO] [+VELHO] [+GENÉRICO]} + Adj./SPrep]_[CN; PS]. Por fim, com menor frequência, [Pron./Quant./∅ + N_{[+ANIMADO] [+INFERÍVEL] [+GENÉRICO]} + OR/AAdv.]_[AP; Ag. Pass.; CC].

Com base nas análises das ocorrências, identificamos alguns indícios que falam a favor da hipótese de que aprendizes anglófonos de PB são orientados pragmaticamente por seus conhecimentos prévios na tentativa de obterem êxito em suas produções de [(ESP) N (X)] na L2. Tendo em vista o perfil mais frequentemente percebido na amostra de produções convergentes, podemos pensar que tais indivíduos aprendem primeiro aspectos mais essenciais de construções, estabelecendo associações com seu *constructicon* base, e depois os *links* sintáticos, representando uma suposta ordem de aprendizagem (DIESSEL, 2019).

Entretanto, essa ideia não exclui a possibilidade de analisarmos associações diassistêmicas características de manutenção/prevalência de aspectos idioconstrucionais.

Na próxima subseção, nos deteremos à análise das produções comprometidas, assumindo, para tanto, os mesmos critérios utilizados para apreciação desses produtos convergentes.

5.1.2 Das produções divergentes

Como mencionamos anteriormente, no início da seção 5.1, identificamos 61 ocorrências de [(ESP) N (X)] não correspondentes aos padrões gramaticais do PB, o que representa um percentual de 19.55% total da amostra analisada. Essas produções, das quais trataremos nesta subseção, demonstram a atuação sistemática de fenômenos de apagamentos, combinações discordantes e preenchimentos impróprios de especificadores em construções nominais, como podemos analisar nos destaques feitos em (21).

21. (...) *É associado para [todos [Ø classes de [as pessoas]]]. Entretanto esse é para cebrar o brasileiro entre o rico e o pobre. (Aprendiz anglófono IKI19FG; Corpus NEI/UFRJ).*

Nesse trecho, observamos no mesmo dado a atuação simultânea dos três fenômenos detectados. A combinação discordante, por exemplo, é verificada no uso de “todos” e não de sua forma flexionada no feminino para concordar com o nome nuclear da construção. Já o apagamento é visto na omissão de um determinante definido plural “as” na composição do grupo nominal ‘todas as classes de X’. E o preenchimento impróprio é pressentido na especificação, em termos de definitude, em “as pessoas”, não sendo mantido pelo aprendiz o uso do nominal nu típico em PB para este contexto genérico subsidiado pela expressão codificada por [(ESP) N (X)].

Nossa defesa na presente investigação é que tais fenômenos – de modo geral, previsíveis em produções de aprendizes de L2, como debatemos na revisão de literatura – não ocorrem ao acaso, mas são, em princípio, motivados por fatores sociocognitivos que caracterizam a rede diassistêmica emergente (Cf. FREITAS Jr. *et al*, 2022). Apesar de esses três fenômenos demonstrarem que o uso, o processamento e a aprendizagem de especificadores à esquerda de nominais por aprendizes não nativos estão avariados em alguma medida, devemos perceber algumas distinções do ponto de vista da frequência de ocorrências

de tipos nas produções dos indivíduos anglófonos que compõem nossa amostra. Olhando para a tabela 4, assim, notamos a discriminação dos respectivos valores absolutos e percentuais.

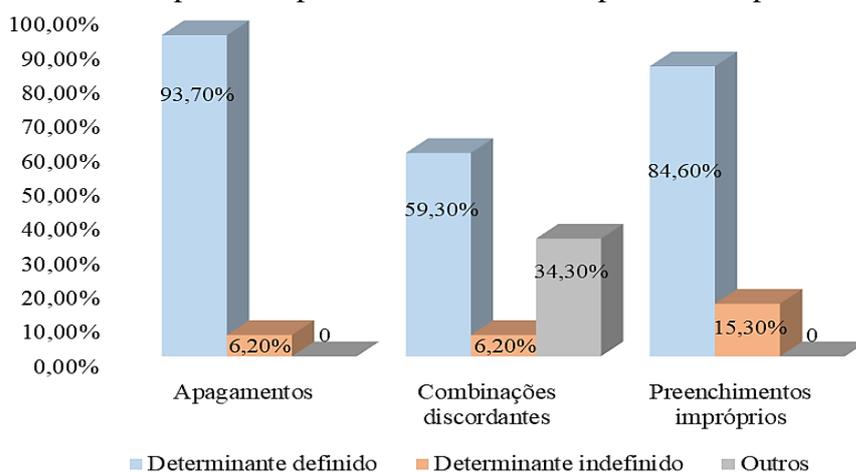
Tabela 4 - Fenômenos comprometedores de (ESP)

FENÔMENO OCORRENTE EM <i>SLOT</i> (ESP)	FREQUÊNCIA	
	NÚMERO	PERCENTUAL
Combinações discordantes	32	52.45%
Apagamentos	16	26.22%
Preenchimentos impróprios	13	21.31%
Total	61	100%

Fonte: Produção própria.

Conforme o esperado, o fenômeno de combinações discordantes soma a maioria dentre as produções comprometidas (52.45%) em detrimento dos apagamentos e dos preenchimentos impróprios, que se mantiveram próximos, com 26.22% e 21.31%, respectivamente. Além disso, uma análise apurada dos tipos de especificadores mais prejudicados revela, ainda, a tendência do subesquema [**Determinante definido** N (X)]⁷⁰ como o mais suscetível à produção incompatível com a L2 em todos os tipos de fenômenos, como podemos ver no gráfico a seguir.

Gráfico 1 - Tipos de especificadores mais comprometidos por fenômenos



Fonte: Produção própria.

A partir desses valores, detectamos que, apesar de serem os mais utilizados no conjunto de produções convergentes, como vimos na subseção anterior, os determinantes

⁷⁰ O que foi altamente previsível, haja vista ser este o tipo de maior frequência de ocorrência nas produções deles

definidos são os especificadores mais frequentemente percebidos em construções [(ESP) N (X)] comprometidas na escrita dos aprendizes anglófonos em questão, representando 93.70% dos apagamentos, 59.30% das combinações discordantes e 84.60% dos preenchimentos impróprios. Além desse indício, a leitura do gráfico 1 nos aponta outras particularidades desse grupo de produções incompatíveis com as normas da L2, tais como:

- I. a baixa frequência de problemas envolvendo determinantes indefinidos, que se manteve 6.20% em apagamentos e combinações discordantes e 15.30% em preenchimentos impróprios⁷¹; e
- II. o fato de outros especificadores terem sido somente constatados em casos de combinações discordantes, cuja abrangência cobriu, ainda, pronomes demonstrativos (12.50%), pronomes possessivos (3.10%) e quantificadores (18.70%), acoplados na série denominada “outros”, cujo percentual geral foi de 34.20%.

Sem dúvidas, esses achados são de grande importância para a discussão do que esses fenômenos representam em uma análise diassistêmica. O fato, por exemplo, de os apagamentos e os preenchimentos impróprios terem se restringido ao contexto de uso de determinantes definidos e indefinidos alude categoricamente a problemas gerais com a percepção da categoria ‘definitude nominal’ na L2, como vemos abaixo.

22. (...) *Isso vai ajudar com o saúde das [todas Ø pessoas] do brasileiro especialmente crianças.* (Aprendiz anglófono ISI23FJ; *Corpus NEI/UFRJ*).

23. *Eu acho que essa afirmativa acima é [Ø estereótipo]. Então eles são falando só famílias com trabalhoes menores comem o arroz com feijão?* (...) (Aprendiz anglófono ISI23FJ; *Corpus NEI/UFRJ*).

24. (...) *E [o bastante] das brasileiros compram arroz com feijão pra seus filhos no jantar e almoçoam.* (Aprendiz anglófono ITI20MG; *Corpus NEI/UFRJ*).

25. *Querido Dominic, o Brasil possui [um tipos diferentes] das cominas, porém maiorias dos povos aqui no Brasil comem arroz com feijão para jantar e almoçoar.* (Aprendiz anglófono ITI20MG; *Corpus NEI/UFRJ*)⁷².

As ocorrências realçadas nos dados acima representam casos de apagamentos de determinantes definidos (22) e indefinidos (23), bem como de preenchimentos impróprios destes mesmos itens (24 e 25, respectivamente). Em cada um desses exemplos, podemos defender motivações pelo viés da orientação pragmática/convencional da L1 (Cf. HÖDER;

⁷¹ Esse fator pode estar relacionado aos poucos dados mapeados.

⁷² Interpretamos a ocorrência em destaque como um caso de preenchimento impróprio e não como combinação discordante. A principal razão para termos considerado-o dessa maneira foi a justificativa dada pelo próprio aprendiz no contexto da correção em sala de aula, na qual ele expunha o desejo de falar “tipos diferentes de comida”.

PRENTICE; TINGSSELL, 2021; FREITAS Jr. *et al*, 2022) no que tange à informatividade, o que pode impactar diretamente no reconhecimento e no uso de meios para expressar definitude e genericidade de nominais na L2, conforme demonstram estudos de base formalista, como os de Ionin e Montrul (2010) e Snape (2013), revisados no capítulo 3.

No caso dos apagamentos, por exemplo, percebemos que a omissão do determinante “as” em (23) parece ser subsidiada pela influência da construção nominal do inglês, que se materializaria, neste contexto, sem o uso de determinante antecedendo ao nome genérico: *all people*, e não *all the people* (CHIERCHIA, 1998). Diferente do inglês, o PB é uma língua em que expressões com pronomes indefinidos em suas formas plurais não dispensam o uso do artigo em sua sincronia vigente, que se torna essencial à expressão da definitude (BECHARA, 2009; FANTE, 2015). Parece, assim, haver uma prevalência do *coverage* da L1, ocasionando no que chamamos de manutenção de aspectos idioconstrucionais.

Ainda, percebemos que o contexto precedente, em que se verifica o uso de ‘das’, ou seja, o fenômeno de preenchimento impróprio, corrobora a ideia da baixa ativação da preempção estatística sobre o *input* (supergeneralização), especificamente, os detalhes funcionais deste padrão da L2. Parece-nos prudente, então, apontarmos em (22) uma prevalência de aspectos convencionais da idioconstrução [(ESP) N] da L1 na produção em L2, caracterizando uma manutenção visível pelo apagamento do determinante definido e fortalecendo a hipótese de que aprendizes começam a construir generalizações a partir de seus conhecimentos prévios e, sobretudo, de ordem sociopragmática (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021; FREITAS Jr. *et al*, 2022).

Olhando para (23), percebemos outra questão envolvida no apagamento do determinante indefinido “um”. Ao invés de produzir um construto do subesquema [Determinante indefinido N (X)], que seria gramatical e cabível ao contexto morfossintático em questão, o aprendiz produz equivocadamente o subesquema de nominal nu da L2, não por orientação de seus conhecimentos prévios da L1, já que, como vimos anteriormente, o inglês não admite nominais nus singulares ainda que o nome comporte um atributo massivo/genérico (Cf. MÜLLER; OLIVEIRA, 2004). Nesse caso, novamente o que aparentemente está em jogo é uma obliteração do *coverage* relativo ao funcionamento da construção [(ESP) N (X)] na L2, visto que podemos intuir a interpretação parcial do grau de indefinitude do termo “estereótipo” no contexto por parte do aprendiz, que, possivelmente por baixo contato com *input* pertinente de nominais nus do PB, torna-se suscetível ao uso que seria bloqueado estatisticamente da produção nativa (GOLDBERG, 2019).

Há ainda a possibilidade de o aprendiz ter considerado o termo “estereótipo” como um adjetivo. Conforme Soares (2018), essa propriedade de determinados nominais de poderem ora ser utilizados como substantivos, ora como adjetivos, implica comumente supergeneralizações por parte de aprendizes de L2. Essa é uma alternativa promissora, tendo em vista que a interpretação dessa palavra como um adjetivo não imporá restrições quanto ao preenchimento do *slot* (ESP) com um determinante e demonstraria, de certo modo, como aprendizes lidam com detalhes das categorias que integram o *coverage* da L2 de forma refratada.

Seja por competição, seja por supergeneralização, (22) e (23) evidenciam a dificuldade apresentada por aprendizes anglófonos de lidarem com a definitude na L2 (FREITAS Jr. *et al.*, 2022), algo que foi bastante saliente na amostra. Por serem menos propensos à preempção estatística a respeito da distribuição de exemplares de [(ESP) N (X)] no *coverage* da língua alvo, conforme a hipótese de Goldberg (2019), há maior chance de aprendizes adultos produzirem construtos com apagamentos, os quais evidenciam distorções ainda não superadas no *constructicon* multilíngue emergente.

Os casos de preenchimentos impróprios de determinantes definidos (24) e indefinidos (25), que espelham a atuação de um fenômeno de efeito reverso ao apagamento, parecem endossar essa hipótese. Em ambas as ocorrências, os aprendizes não utilizam o nominal *nu* e optam pelos subesquemas definido e indefinido, especificados erroneamente e respectivamente por “o” e “um” nos casos em questão. Podemos, ainda, dizer que o exemplar em (24) também se trata de uma supergeneralização por entrincheiramento conservador, ao passo que (25) indica uma manutenção da idioconstrução inglesa (*The ~ some types of students*).

Ao utilizar [*o bastante*] em vez de [\emptyset *bastante*], plausivelmente, o aprendiz é guiado pelo processo de entrincheiramento conservador e supergeneraliza o uso do primeiro exemplar em outros contextos morfossintáticos e semânticos em que este se mostra viável (e.g. “Meredith bebeu *o bastante* para ficar bêbada antes da meia noite”). Assumindo que seja este o caso, como fazemos aqui, somos capazes de apontar certa dificuldade na realização de uma análise distributiva-funcional (TOMASELLO, 2003) sobre os *tokens* de [(ESP) N (X)] da L2, especificamente no que se refere à definitude que licencia seus subesquemas na rede construcional. Com isso, vemos mais um indício da atuação da supergeneralização no processo de consolidação da gramática multilíngue dos aprendizes anglófonos de nossa amostra.

Em (25) (*um tipos diferentes*), percebemos um indicativo da competição entre os padrões [Determinante N_{PL}]_{TRANSITÓRIO} e [\emptyset N_{PL}]_{MASSIVO}, em que a idioconstrução da L1

prevalece no *constructicon* multilíngue por ser mais entrincheirada, provocando uma distorção na escrita em L2. Isso se reflete na inserção indevida de “um” no esquema nominal no plural do PB (o qual não é permitido na L1), devido à motivação do esquema de semântica transitória do inglês (WRIGHT, 2014). Além disso, reparemos que a escolha pelo artigo indefinido em sua forma invariável (e não “uns”) também fortalece a hipótese da transferência neste caso, tendo em vista as principais características morfológicas dos determinantes em inglês.

No tocante aos casos de combinações discordantes, fenômeno de maior expressão percentual, deparamo-nos com ocorrências dos seguintes tipos:

26. (...) *porque 94% d[o brasileiros] comum este prato todos os dias. É também importante para as pessoas que ficam longe da pátria como [isso prato] fazem sentir nostálgicas.* (Aprendiz anglófono IJ120FJ; *Corpus NEI/UFRJ*);

27. (...) *Aqui no Brasil, [muitas crime] no país que esta acontecendo todos esses atos n[a país] não é bom. Acho que e governo ajuda trabalho de pesquisa e atraveso se desenvolve e ajuda [a país].* (Aprendiz anglófono IRI19MG; *Corpus NEI/UFRJ*);

28. *[Meu opinião] acho que [muito atenção] deve ser dada o trabalho de pesquisa porque é atraveso de seu trabalho o país se desenvolve e ajuda a comunidade a ajudar as pessoas com suas vidas. (...).* (Aprendiz anglófono IRI19MG; *Corpus NEI/UFRJ*);

29. *Arroz com feijão é [uma prato] que tem [muitos nutrições] que é bom por saúde. Eu gosto de comer feijão com arroz e quando eu volto pra casa você cozinha isso todos os dias por mim. Abraços, J.* (Aprendiz anglófono IJ122MJ; *Corpus NEI/UFRJ*).

De (26) a (29), notamos uma série de combinações discordantes entre especificadores e nominais em construtos de [(ESP) N (X)]. Como identificamos, esse fenômeno causador de agramaticalidade na L2 compromete usos de determinantes definidos (26 e 27) e indefinidos (29), além de pronomes demonstrativos (26) e possessivos (28) e quantificadores (27, 28 e 29), cujos valores já foram explicitados no gráfico 2. Tal fenômeno revela bem a preponderância da idioconstrução [(ESP) N] do inglês, uma vez que, nesta língua, como discutido anteriormente, os especificadores não se modificam morfológicamente em concordância com nominais (DOWNING; LOCKE, 2006).

De acordo com essas evidências, o atributo invariável dos especificadores de construções nominais do inglês, sendo mais entrincheirado no *constructicon* dos aprendizes anglófonos, ocasiona maior dificuldade de escolher, dentre tantas formas competidoras disponíveis na L2, a melhor alternativa a ser utilizada em dado contexto funcional (Cf. SOARES, 2018). Assim, ainda que esses aprendizes expressem o reconhecimento da

necessidade de preenchimento do *slot* (ESP) em tais contextos, os usos dos itens possíveis na L2 são obliterados, em maior grau, por manutenção de aspectos idioconstrucionais da L1, o que certamente justifica o fato de as combinações discordantes representarem a maioria das produções incompatíveis.

Nesta pesquisa, tratamos esse atributo invariável dos especificadores em inglês como um atributo idioconstrucional no nível do construto. Essa consideração, além de compatível com o modelo teórico assinalado para o desenvolvimento desta investigação, remete-nos, inclusive, à discussão dos níveis de generalização da rede multilíngue emergente. Lidamos neste caso, mais especificamente, com a manutenção de um componente idioconstrucional de nível hierárquico mais baixo na estocagem coerente de um padrão parcialmente correspondente na L2 em nível de abstração maior, postos os desdobramentos que atingem necessariamente a percepção e formação de *coverages* multilíngues pragmaticamente especificados. Não se trata, assim, unicamente do reconhecimento do que pode (ou não) ocorrer a partir das distinções interlinguísticas, mas antes – e sobretudo – do modo como tais diferenças evocam representações escritas pouco convencionais na L2, interpretadas, neste viés, como produtos de conflitos multilíngues sociocognitivos.

Notamos, ainda, que os critérios sobre os quais discorremos no capítulo anterior foram relevantes na análise dos comportamentos morfossintáticos e semânticos das produções incompatíveis. Dessa maneira, a partir dos valores presentes na tabela 5, somos capazes de formular tendências das construções [(ESP) N (X)] prejudicadas de que vimos falando ao longo desta subseção, o que se mostra relevante tanto para esta pesquisa, quanto para pesquisas posteriores.

Tabela 5 - Resultados por critérios de análise

Critérios		Fenômenos e expressões brutas e percentuais		
		Apagamento (16/100%)	Combinação discordante (32/100%)	Preenchimento impróprio (13/100%)
Animacidade (N)	[-Animado]	10/62.50%	25/78.12%	07/53.84%
	[+Animado]	06/37.50%	07/21.87%	06/46.15%

Informatividade (N)	[+Novo]	05/31.25%	08/25.00%	07/53.84%
	[+Velho]	07/43.75%	19/59.37%	04/30.70%
	[+Inferível]	04/25.00%	05/15.62%	02/15.38%
Função sintática de [(ESP) N (X)]	AA _{dn}	03/18.75%	08/25.00%	09/69.23%
	OD	02/12.50%	09/28.12%	02/15.38%
	Suj.	05/31.25%	07/21.87%	01/7.69%
	CR	01/6.25%	01/3.12%	-
	OI	02/12.50%	01/3.12%	-
	AA _{dv}	01/6.25%	03/9.37%	01/7.69%
	PS	01/6.25%	02/6.25%	-
	CN	01/6.25%	01/3.12%	-
Locus do fenômeno	Especificação/d efinitude	16/100%	-	11/84.61%
	Concordância (gênero)	-	25/78.12%	-
	Concordância (número)	-	04/12.50%	01/7.69%
	Concordância (gênero e número)	-	03/9.37%	01/7.69%
Margem (X)	Ausente	10/62.50%	23/71.87%	09/69.23%
	Presente	06/37.50%	09/28.12%	04/30.76%
Tipo de Modificador em (X)	SN	02/12.50%	02/6.25%	02/15.38%
	SAdj	-	01/3.12%	01/7.69%
	SP	03/18.75%	05/15.62%	01/7.69%

	SOr.	01/6.25%	01/3.12%	-
--	------	----------	----------	---

Fonte: Produção própria.

Em relação à animacidade do nominal, observamos a recorrência de núcleos [-Animados], os quais foram percentualmente mais perceptíveis em casos de apagamentos (62.50%) e combinações discordantes (78.12%) e, apesar dos valores acirrados, nos preenchimentos impróprios (53.84%). Conforme debatemos em nossa revisão de literatura, a inanimacidade nominal vem se constituindo um fator relevante na análise de apagamentos de especificadores de construções nominais (Cf. ALMEIDA; ARAÚJO, 2019), e a descoberta aqui apresentada não só corrobora o papel deste atributo semântico no fenômeno de apagamento, como também demonstra suas implicações e seu papel condicionante nos fenômenos de combinação discordante e de preenchimento impróprio, em maior e menor grau, respectivamente.

A respeito desse critério, devemos considerar também a correlação que se estabelece entre o conjunto de produções convergentes e divergentes como um indício relevante. De maneira geral, notamos que construções [(ESP) N (X)] com núcleos [+Animados] são percentualmente menos presentes nos textos da amostra, o que tende a evidenciar um comportamento geral de construtos não nativos de autoria de aprendizes anglófonos participantes desta pesquisa. Possivelmente, essa é uma observação que pode ser atrelada à temática geral das produções, portanto, uma questão contextual.

Quanto à informatividade da construção, constatamos diferenças percentuais pertinentes à discussão. Se por um lado os apagamentos e as combinações discordantes ocorreram com mais frequência em exemplares codificadores de informação velha (43.75% e 59.37%, respectivamente, nos contextos de apagamento e combinações discordantes), por outro, os preenchimentos impróprios foram mais incidentes em casos de veiculação de informação nova, com uma expressividade de 53.84%, nos contextos de preenchimento impróprio. Ainda, verificamos que construções nominais de informação inferível foram mais frequentemente prejudicadas por apagamentos (25%) em oposição ao observado nas combinações discordantes (15.62%) e preenchimentos impróprios (15.38%), que se mantiveram próximos.

Com base nesses achados acerca da informatividade, podemos intuir que o fato de os apagamentos e as combinações discordantes serem mais regulares em construções [(ESP) N (X)] de informação velha liga-se diretamente à baixa no monitoramento estatístico por parte

dos aprendizes, justamente pela disponibilidade/saliência do conteúdo pragmático no contexto. Seguindo o mesmo raciocínio, os preenchimentos impróprios seriam mais sucessivos em contextos de informação nova pelo bloqueio de padrões nominais nus, ocasionado pela interpretação supergeneralizada e guiada pelo *coverage* da L1 de que a novidade de um constituinte seria condição básica e suficiente para a marcação da definitude por meio de um especificador na L2.

Essa proposição leva-nos ao critério que abrange os *locus*/domínios dos problemas envolvendo especificadores de construções nominais. Em relação aos apagamentos e aos preenchimentos impróprios, predominam os prejuízos atrelados à especificação/definitude, com percentuais de 100% e 84.65%. Já no que se refere às combinações discordantes, examinamos dificuldades relacionadas às categorias gramaticais de gênero e número do PB; dessas, a noção de gênero foi a que representou maior dificuldade aos aprendizes (78.12%), seguida, em menor grau, por problemas envolvendo a categoria de número (12.50%) e cumulativamente de gênero e número (9.37%). Esses valores nos auxiliam a perceber as diferentes camadas pragmáticas da L2, especificamente da construção [(ESP) N (X)], de maiores dificuldades para os aprendizes anglófonos em cada fenômeno, o que certamente nos fornece indícios para proposição da arquitetura do *constructicon* multilíngue.

O mapeamento de tais domínios semânticos é substancial à proposição das representações de [(ESP) N (X)] na rede multilíngue, na medida em que nos fornece subsídios para discutir graus de interpretação da generalidade diassistêmica e de especificidades idioconstrucionais nos níveis subesquemáticos e usuais/factíveis. Assim, observar que apagamentos estão categoricamente atrelados a problemas de expressão de definitude, que comprometimentos de variações gramaticais referem-se em maior grau a combinações discordantes e que preenchimentos impróprios revelam impasses tanto de definitude (mais proeminentemente) quanto de categorias gramaticais (menos proeminentemente) nos auxilia a compreender o impacto dos fenômenos de que tratamos não só na alçada da descrição linguística.

Quanto aos papéis participantes, como visualizamos na terceira faixa da tabela 4, constatamos comportamentos distintos entre os fenômenos. Em relação aos apagamentos, observamos que o papel de sujeito é o mais frequente (31.25%), seguido por adjunto adnominal (18.75%) e objeto direto (12.50%), como ilustram os exemplos de (30) a (32).

30. *O narrador falou sobre o acontecimento entre uma mãe e seu filho. [Ø Duas]SUJEITO estava num restaurante e estavam pedindo comida para comer. (...)* (Aprendiz anglófono IHI19MJ; *CorpusNEI*/UFRJ).

31. *Mas no Brasil o prato, arroz com feijão, é muito importante para povo de todos [Ø classes sociais]_{ADJUNTO ADNOMINAL} (...)* (Aprendiz anglófono ISI20FJ; *Corpus NEI/UFRJ*).

32. *Se não, muitos estudantes vão descontinuar [Ø faculdade] OBJETO DIRETO POR causa disso. (...)* (Aprendiz anglófono ISI23FJ; *Corpus NEI/UFRJ*).

Nas combinações discordantes, reparamos um percentual constante nessas mesmas funções, que se mantiveram na casa dos 20%. Contudo, há de se reparar que, diferentemente dos apagamentos, no caso desse fenômeno, a escala do papel participante mais prejudicado se estabelece na seguinte ordem: objeto direto (28.12%), adjunto adnominal (25%) e sujeito (21.87%), como demonstram os exemplos (33), (34) e (35) abaixo.

33. (...) *É também importante para as pessoas que ficam longe da pátria como [isso prato] OBJETO DIRETO fazem sentir nostálgicas (...)* (Aprendiz anglófono IJI20FJ; *Corpus NEI/UFRJ*);

34. *Todos os países têm alguma coisa que é típica [daquele país] ADJUNTO ADNOMINAL (...)* (Aprendiz anglófono IKI19FG; *Corpus NEI/UFRJ*);

35. *Meu opinião acho que [muito atenção] SUJEITO deve ser dada o trabalho de pesquisa porque é através de seu trabalho o país se desenvolve e ajuda a comunidade a ajudar as pessoas com suas vidas.* (Aprendiz anglófono IRI19MG; *Corpus NEI/UFRJ*).

Uma observação interessante que conseguimos visualizar na tabela 5 é que tanto as combinações discordantes quanto os apagamentos foram detectados em outras posições sintáticas de expressão percentual menor. Podemos dizer, então, que se tratam de fenômenos irrestritos a contextos morfossintáticos específicos, apesar de termos percebido as tendências expostas. Aparentemente, não é este o caso dos preenchimentos impróprios, os quais só foram identificados em quatro funções sintáticas, nesta ordem de impacto: adjunto adnominal (69.23%), objeto direto (15.38%), sujeito (7.69%) e adjunto adverbial (7.69%) (exemplos 36, 37, 38 e 39).

36. (...) *Mas e todos as famílias que gostam arroz com feijão. Além disso a trabalho [da uma pessoa] ADJUNTO ADNOMINAL não vai dar tempo comer (...)* (Aprendiz anglófono IRI19MG; *Corpus NEI/UFRJ*);

37. (...) *A família está o primeiro lugar onde pessoas podem aprender [o diferentes coisas] OBJETO DIRETO sobre cultura. (...)* (Aprendiz anglófono IHI19MJ; *Corpus NEI/UFRJ*);

38. (...) *Porque [o brasileiros] SUJEITO acham que arroz com feijão dar eles uma identidade sociedade na família, no trabalho e arroz também. (...)* (Aprendiz anglófono IRI19MG; *Corpus NEI/UFRJ*);

39. (...) E [*o bastante*] ADJUNTO ADVERBIAL das brasileiros compram arroz com feijão pra seus filhos no jantar e almoçam. (...) (Aprendiz anglófono ITI20MG; *Corpus NEI/UFRJ*).

Mesmo não tendo ocorrido nos outros papéis participantes como os demais fenômenos mapeados, os preenchimentos impróprios também apresentam maior recorrência em adjuntos adnominais e objetos diretos, uma característica que o assemelha aos apagamentos e às combinações discordantes. De modo geral, essas evidências são compatíveis com as de estudos anteriores, como os de Nascimento (2020) e Nascimento, Freitas Jr. e Soares (2020), revisados no capítulo 3. Acreditamos, assim, que estes perfis relativos aos papéis sintáticos de produções não nativas prejudicadas compõem um comportamento mais geral, na esfera da cognição, orientado por relações simbólicas conflitantes no âmbito do *coverage*.

A análise da presença/ausência de sintagma atributivo na margem (X), um fator apontado como relevante para a investigação dos fenômenos acometedores da margem esquerda de construções nominais (ALMEIDA; ARAÚJO, 2019), permitiu-nos identificar uma tendência partilhada nos três fenômenos. Observando que os índices de ausência de qualificador à direita foram de 62.50%, 71.87% e 69.23% respectivamente em construções representadas com apagamentos, combinações discordantes e preenchimentos impróprios de (ESP), é plausível apontar que, no caso dos aprendizes anglófonos que integram nossa amostra, o critério [AUSÊNCIA DE SINTAGMA ATRIBUTIVO À DIREITA] parece se qualificar como condicionante de representações comprometidas junto aos demais.

Se pensarmos que sintagmas mais complexos, ou seja, com preenchimentos simultâneos em ambas as margens do item nominal, são percentualmente menos afetados pelos fenômenos de apagamento, combinação discordante e preenchimento impróprio de especificadores, do ponto de vista interlinguístico, podemos compreender alguns aspectos idioconstrucionais caros à discussão a que nos propomos nesta dissertação. Devemos considerar que em inglês há uma tendência idiosincrática de não marcar modificação nominal à direita da mesma maneira que em PB, o que caracteriza a construção básica como [(ESP) N Ø] (WRIGHT, 2014). Portanto, é natural que os construtos sem preenchimento de (X), a exemplo de (40), (41) e (42), sejam estatisticamente mais frequentes na amostra, tanto no quadro das produções convergentes, quanto no das divergentes.

40. (...) *Arroz com feijão é uma prato que tem muitos nutrições que é bom por [saúde.]* (...) (Aprendiz anglófono ITI20MG; *Corpus NEI/UFRJ*);

41. (...) *porque 94% d[o brasileiros] comum este prato todos os dias.* (Aprendiz anglófono ITI20MG; *Corpus NEI/UFRJ*);

42. (...) *Estou falando isso porque, esse não é restrito para um grupo de pessoas é associado para todos classes d[as pessoas] (...).* (Aprendiz anglófono IKI19MG; Corpus NEI/UFRJ).

Ainda assim, apesar de essa informação nos fazer esperar que sintagmas complexos seriam aqueles que possivelmente veiculariam mais problemas, tendo em vista o achado de Almeida e Araújo (2019) apresentado anteriormente, os resultados, na verdade, demonstram o contrário. Os valores percentuais de construções nominais com a margem direita preenchida representadas com problemas de ESP (43, 44 e 45) foram, respectivamente, 37.50%, 28.12% e 30.76% para apagamentos, combinações discordantes e preenchimentos impróprios, valores relativamente baixos e estáveis na amostra.

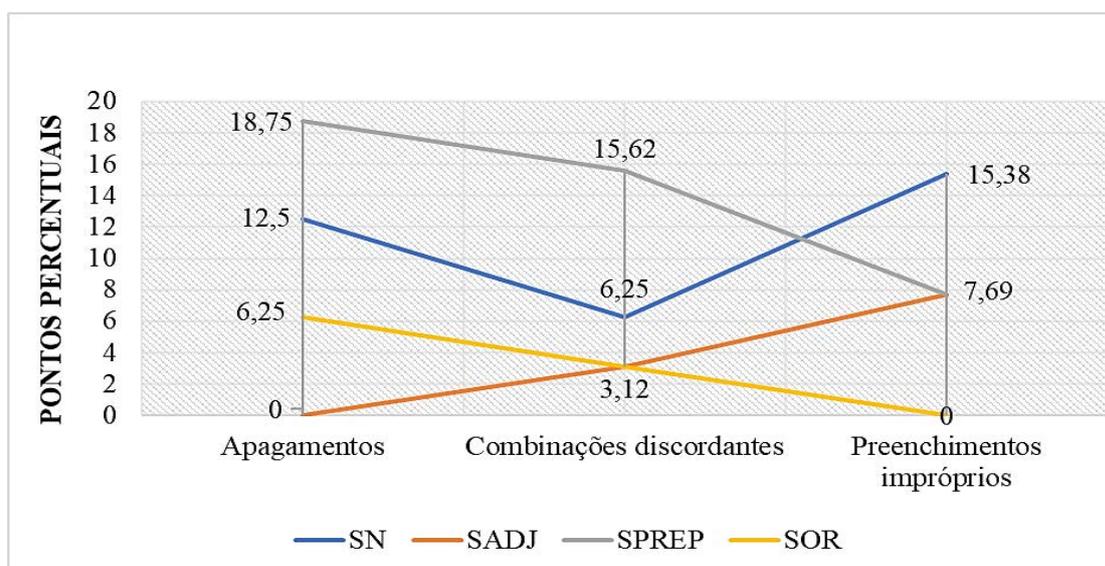
43. (...) *é muito importante para povo de [todos classes [sociais]] (...)* (Aprendiz anglófono ISI20FJ; Corpus NEI/UFRJ).

44. (...) *Isso vai ajudar com o saúde d[as todas [pessoas] [do brasileiro]] especialmente crianças.* (Aprendiz anglófono ISI23FJ; Corpus NEI/UFRJ).

45. (...) *Arroz com feijão é [uma prato [que tem muitos nutrições [que é bom por saúde]]]* (Aprendiz anglófono IJI22MJ; Corpus NEI/UFRJ).

No que se refere aos casos de preenchimento de (X), registramos o uso de quatro tipos de sintagmas nesta posição no âmbito das produções comprometidas: nominal, adjetival, preposicional e oracional, vistos nos exemplos acima. O gráfico abaixo apresenta suas distribuições por categorias de fenômenos.

Gráfico 2 - Preenchimento de (X) - Dados divergentes.



Fonte: Produção própria.

A leitura do gráfico 2 possibilita a percepção de tendências relativas ao preenchimento de (X) no conjunto de produções divergentes prejudicadas por apagamentos, combinações discordantes e preenchimentos impróprios de ESP. Podemos, assim, concluir que:

- i. nos apagamentos, SPreps são os mais frequentes (18.75%), seguidos por SNs (12.50%);
- ii. nas combinações discordantes, SPreps também são mais expressivos, com 15.62%; e
- iii. nos preenchimentos impróprios, os protagonistas são os SNs, com 15.38%.

Além disso, também nos parece oportuno dedicar atenção às curvas observadas, as quais demonstram que os SPreps e SOr são mais estáveis em apagamentos e combinações discordantes, com uma leve declinação em preenchimentos impróprios, bem como o fato de os SNs serem mais suscetíveis em apagamentos e preenchimentos impróprios e de SAdj ser mais expressivo a este último fenômeno. Tais tendências dizem muito sobre a distribuição de tais fenômenos, contribuindo para a descrição da qual não podemos prescindir na interpretação diassistêmica.

De modo geral, a análise apresentada nos oferece um mapeamento das ocorrências de construções divergentes e corrobora o entendimento dos fenômenos de apagamento, combinação discordante e preenchimento impróprio de especificadores nominais. Por isso, na próxima seção, voltaremos nosso olhar a generalizações a respeito de idioconstruções e *links* diassistêmicos às quais podemos lograr a partir do debate construído até aqui neste capítulo.

5.2 Arquitetura construcional multilíngue, complexidade e processos cognitivos diassistêmicos

Anteriormente, apresentamos, descrevemos e debatemos os resultados das análises de usos da construção [(ESP) N (X)] por parte dos aprendizes anglófonos participantes de nosso estudo. Diante dos objetivos desta pesquisa, tais informações se fazem necessárias à elaboração de generalizações a respeito dos processos de formação do *constructicon* multilíngue dos aprendizes de L2, dado que a proposição de uma arquitetura construcional composta por diferentes amostras de línguas distintas, na ocasião de uma investigação pautada no modelo da GCD, pressupõe o conhecimento daquilo que falantes multilíngues de fato têm cognitivamente representado.

Dessa forma, nesta seção, buscamos trazer à tona as motivações por trás do observado em termos de resultados quantitativos e qualitativos, com vistas a responder ao questionamento central do trabalho: de que maneira a formação de diaconstruções/ *links* diassistêmicos e a prevalência de idioconstruções podem impactar produções não nativas, seja de forma positiva, seja de forma negativa?

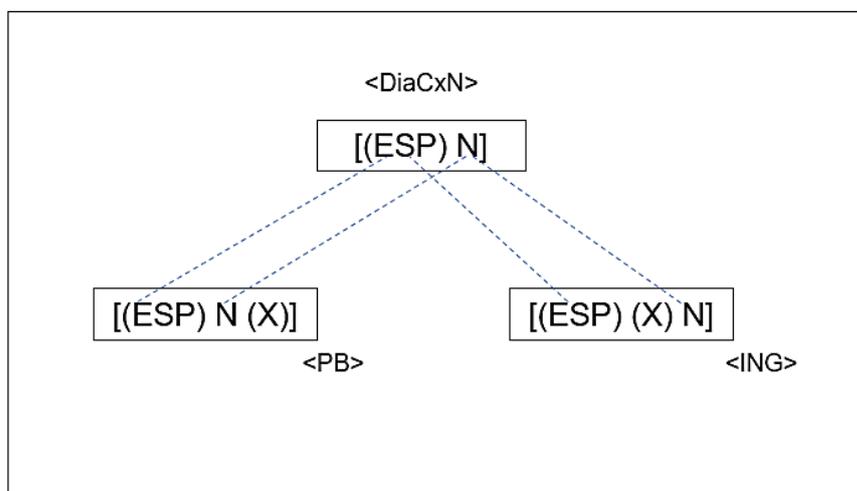
Primeiramente, é preciso mencionar similaridades e distinções entre os padrões nominais na L1 (o inglês) e na L2 (o PB) dos aprendizes, o que faremos respaldados pelas informações apresentadas sumariamente na seção 3.1. Como vimos, o inglês se trata de uma língua em que a constituição morfossintática e semântica de padrões nominais ora se aproxima, em níveis mais gerais, ora se distancia, em níveis mais baixos, ao PB, no que se refere ao recrutamento de itens para a ocupação do *slot* (ESP) em construções nominais.

Consoante Downing e Locke (2006), Wright (2014) e Carter e McCarthy (2015), percebemos que o inglês é coincidente com o PB quanto à presença de especificadores em seu sistema linguístico, havendo distinções no plano morfológico desses itens, que geralmente são invariáveis, e no plano pragmático-discursivo atrelado à generacidade do nominal, que influencia diretamente no uso de construções preenchidas ou de nominais nus.

A breve retomada dessas informações nesta seção cumpre com o papel de aclarar as comparações que podem vir a ser indícios da formação de categorias – convergentes e divergentes – na gramática multilíngue, caracterizada pelo contato Inglês-PB e por processos seriados de identificação interlingual e analogia (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021; BYBEE, 2010). Assim, devemos mensurar informações de níveis altos e baixos de abstração, ou seja, que compreenda a interpretação dos esquemas e das microconstruções nominais de cada língua.

Em um nível de abstração maior, por exemplo, é viável supor que a posição estrutural de especificadores, bem como sua função pragmática, se encarrega de formar, ao menos, um *link* diassistêmico por meio da identificação interlinguística, como demonstra a figura 09.

Figura 9 - Representação da atuação da identificação interlingual



Fonte: Produção própria.

Assumindo a possibilidade de ser este o caso, poderíamos supor que os índices altos de usos convergentes com o PB que debatemos em 5.1.1 seriam, plausivelmente e de alguma maneira, subvencionados por este *link*, promotor de ‘associações permissivas’ (HÖDER, 2018). Isso nos parece viável, uma vez que, de acordo com Snape (2008), Ionin e Montrul (2010) e Freitas Jr. *et al* (2022), ter disponível na L1 um conjunto de itens procedurais que se encaixam à esquerda de construções nominais para expressão da definitude e generacidade é um fator potencial para facilitação do processamento dos *tokens* de [(ESP) N (X)] em L2.

Além dessa constatação que endossa a força da relação entre especificadores e nominais como um caráter interlinguístico neste caso, a nosso ver, a percepção de que os aprendizes de nossa amostra tendem a utilizar poucos construtos gramaticais com um sintagma atributivo em (X) também parece ser uma evidência que fala a favor da viabilidade da formação deste *link* diassistêmico. Os aprendizes, neste caso, em nível intermediário de proficiência, podem estar agindo com maior monitoramento a respeito do bloqueio estatístico da L2 em relação ao uso de modificadores à direita da mesma maneira que fazem convencionalmente em sua L1.

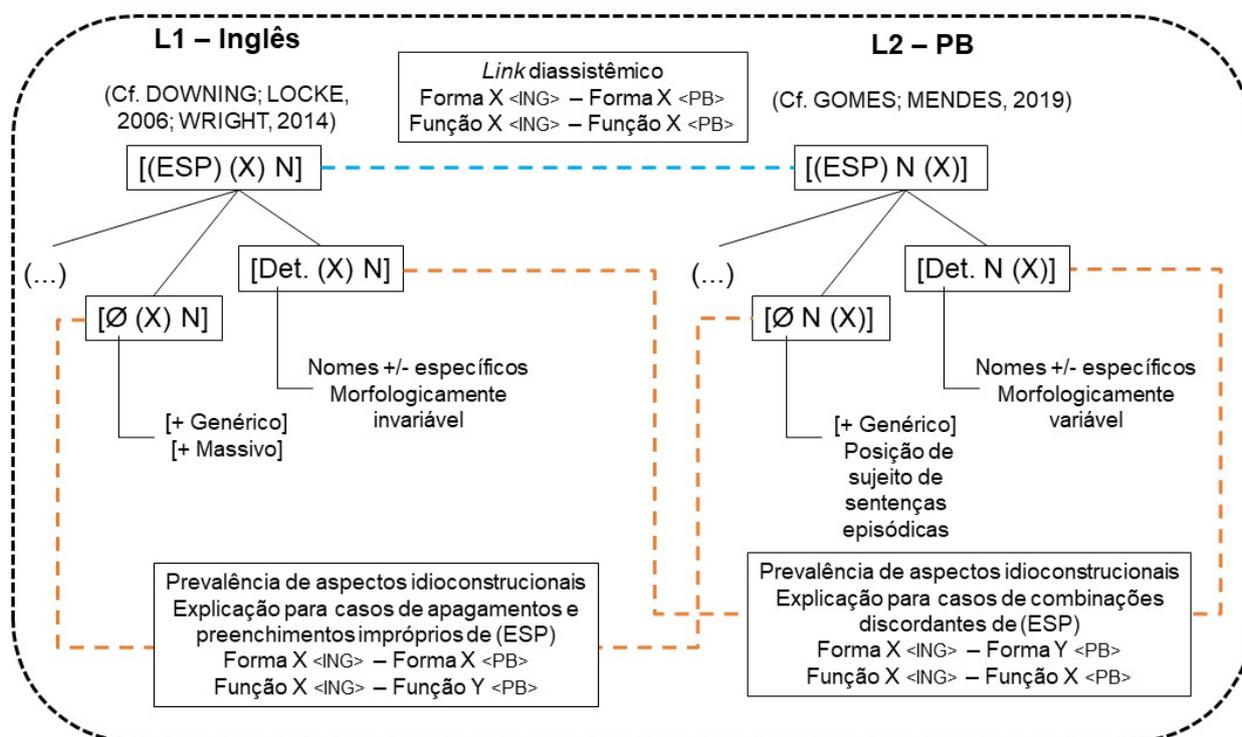
Esse efeito, possivelmente de aprendizagem guiada pelo erro (GOLDBERG, 2019), além de dirimir o volume percentual de casos de [ESP N AAdn], ou mesmo de [ESP AAdn N]⁷³, conseqüentemente endossa as bases para a formação de uma diaconstrução com a configuração formal [(ESP) N], disponível em ambas as línguas. Dessa forma, teríamos a emergência de um padrão abstrato que conjuga tanto detalhes do *input* (e.g. a posição

⁷³ Casos assim, apesar de previsíveis em vista do que sabemos da L1, não foram mapeados.

estrutural à esquerda e a função pragmática correlata), quanto dos resultados da preempção estatística em relação aos dados da L2 (e.g. o bloqueio da inserção de um (X) anteposto ao N, a exemplo da idioconstrução da L1).

Descendo o nível da rede, começamos a constatar possíveis atributos idioconstrucionais subespecificados que podem ser apontados como motivadores dos problemas de apagamento, combinação discordante e preenchimento impróprio identificados. Neste caso, é possível que as distinções de forma e significado entre os subesquemas $[\emptyset N]$ e $[\text{Determinante } N]$, principalmente, sejam indicadas como idioconstruções que, em competição, prevalecem sobre seus correspondentes abstratos, o que justificaria o percentual dos problemas observados em relação à definitude (uso vs. não uso de especificador) e à expressão morfológica de gênero e número apresentada na seção anterior. A representação a seguir demonstra nossa proposta de interpretação da rede multilíngue de construções nominais dos aprendizes participantes da pesquisa.

Figura 10 - Proposta de *constructicon* multilíngue dos aprendizes do estudo



Fonte: Produção própria.

De acordo com a figura 11, em relação aos apagamentos e aos preenchimentos impróprios, apostamos na ideia de que o choque entre as idioconstruções $[\emptyset N]_{<PB>}$ e $[\emptyset N]$

<ING> seja a justificativa. Em primeiro lugar, como discutido anteriormente, nominais nus são orientados por regras pragmático-discursivas que seguem lógicas diferentes entre o inglês e o PB, dentre elas o fato de a L1 necessariamente exigir que o nominal porte cumulativamente as características semânticas [+ PLURAL] e [+ MASSIVA] (Cf. CARTER; MCCARTHY, 2015), o que não é imprescindível na L2 (Cf. GOMES; MENDES, 2019). Nestes casos, parece-nos prudente afirmar que tais sutilezas pragmáticas fazem prevalecer aspectos idioconstrucionais essenciais que distinguem as línguas em contato nesta ocasião a respeito do uso de [Ø N] no nível do subesquema, caracterizando o que Höder (2018) chama de ‘associações restritivas’.

Apesar da disponibilidade desta forma em ambas as línguas, o que seria contexto propício ao desenvolvimento de *link* diassistêmico, a especificação pragmática do componente idiossincrático de que nos fala Höder (2012; 2019) tem um grau de entrincheiramento expressivamente elevado (Cf. GOLDBERG, 2019), de modo que aprendizes não consigam ainda associar ambas as idioconstruções a uma única abstração formal. Dessa interação específica no *constructicon* multilíngue, surgem usos que refletem casos de “choques construcionais” (FREITAS Jr.; NASCIMENTO, 2020), caracterizados por padrões pouco usuais, com tendências a marcas morfossintáticas dos protótipos mesclados.

Frente a isso, os casos de apagamentos e preenchimentos impróprios, ou seja, de problemas envolvendo a categoria ‘definitude’ e sua relação com especificadores em construções [(ESP) N (X)], vêm à tona na escrita, representando casos típicos de manutenção da L1: o resultado de um processo de competição construcional do qual saem prevalentes as idioconstruções que integram o repertório linguístico prévio de aprendizes e suas camadas sociopragmáticas (FREITAS Jr. *et al*, 2022).

Segundo a mesma lógica, observamos que os casos de combinação discordante também podem ser explicados a partir do mesmo processo, neste caso, envolvendo aspectos idioconstrucionais no nível do construto. Como vimos, em inglês, determinantes não variam morfologicamente ao estabelecerem relações de concordância com nominais na construção [(ESP) N], sendo mantida a característica uniforme, o que não é verificado em PB, uma língua de morfologia nominal rica acionada em casos de relações sintagmáticas de harmonização entre (ESP) \longleftrightarrow N na construção nominal.

Desse modo, é natural que aprendizes anglófonos tenham determinadas dificuldades para realizar usos gramaticalmente convergentes com o PB, posto que estarão menos suscetíveis à preempção estatística para a análise dos exemplares possíveis de preenchimento de (ESP) em função de N que integram o *coverage* da construção nominal da L2 e a multiplicidade formal de especificadores. Por isso, o fenômeno da combinação discordante,

mesmo afligindo a rede multilíngue no âmbito do construto, mostra-se condicionado à preponderância da idioconstrução [ESP_{INVARIÁVEL} N], visto que os aprendizes, orientados pela L1, demonstram problemas com o atributo que difere as idioconstruções entre a L1 e a L2⁷⁴.

De maneira geral, a partir das premissas teóricas da GCD e de sua interpretação para o processo de aquisição de L2 (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021), bem como com base nas análises apresentadas nesta pesquisa, podemos pressupor:

- 1) A existência de um *link* diassistêmico e de uma possível diaconstrução [(ESP) N];
- 2) O alto grau de entrincheiramento de idioconstruções [Ø N]_{<ING>} e [ESP_{INVARIÁVEL} N]_{<ING>}, que são determinantes para a atuação de fenômenos de apagamentos, preenchimentos impróprios e combinações discordantes de especificadores nominais na produção linguística em L2;
- 3) A produtividade e a amplitude morfossintática e semântica das construções da L1 podem ajudar a explicar como aprendizes de L2 usam construções (parcialmente) correspondentes na L2;
- 4) A possibilidade de vislumbrarmos diferentes graus de abstração do conhecimento construcional multilíngue e de situarmos, por meio dos resultados, os fenômenos em uma escala de diassistematicidade gradual, regrada aos parâmetros dos processos cognitivos, sobretudo da analogia e da categorização.

Com base nessas informações, entendemos que o conhecimento linguístico de aprendizes de L2 pode ser compreendido como uma cognição emergente multilíngue, em que há diaconstruções e idioconstruções. Tal reconhecimento implica considerar que o processo de aquisição de uma nova língua não se limita à adição (por aprendizagem) de novos pareamentos de forma-sentido, mas abrange, também, uma reorganização do *constructicon*, conforme discutimos com base em Höder, Prentice e Tingsell (2021).

No entanto, assumindo a ideia de que *a priori* nenhuma construção é específica de uma língua, a não ser que as distinções sejam significativas (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021), bem como a de que aprendizes de L2 tendem a ignorar distinções que não lhes soam funcionais devido a entrincheiramento (GOLDBERG, 2019), na ocasião dos indivíduos de nosso estudo, essa reorganização, aparentemente, mostra-se um tanto quanto avariada em relação à estocagem das formas competidoras de (ESP) disponíveis em PB. Diante disso, entendemos que:

⁷⁴ Falantes nativos também apresentam, por vezes, combinações discordantes entre ESP e N, sobretudo no que se refere à concordância de número. No entanto, as ocorrências de que tratamos aqui são aquelas que, visivelmente, seriam bloqueadas por falantes nativos, sendo, portanto, próprias da produção linguística de aprendizes adultos, conforme demonstramos em diversos exemplos na seção anterior.

(...) há emergência de construções competidoras na mente do aprendiz, e, desde que ocorra frequente contato com padrões recorrentes e autênticos da L2, esse sistema tem condições favoráveis para evolução e mudança, pois é aberto e está em constante auto-organização. Como um sistema de transição, reage a *feedbacks*, se os percebe, que o impulsionam para um “atrator” – padrões construcionais que constituem a L2. (SOARES, 2018, p. 58).

Essa discussão chama atenção à interpretação dos papéis basilares de processos cognitivos na composição do *constructicon* multilíngue, que se estabelece, basicamente, por meio de constantes associações transmodais, analogizações e categorizações. Assim, reconhecemos que “(...) uma teoria baseada nas capacidades cognitivas de domínio geral postula a capacidade crescente de tais processos (...), os quais poderiam, todos eles, desenvolver-se gradualmente enquanto alguma forma de linguagem estivesse sendo usada” (BYBEE, 2010, p. 313).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, a partir da orientação teórico-metodológica da GCD e de suas relações com o processo de aquisição/aprendizagem de L2 (Cf. HÖDER; PRENTICE; TINGSELL, 2021; FREITAS Jr. *et al*, 2022), explicitamos a representação cognitiva da construção nominal [(ESP) N (X)] na gramática multilíngue de aprendizes estrangeiros de PBL2 por meio da proposição de emergências de idioconstruções e diaconstruções. Visando à comprovação desta hipótese fundante de nossos objetivos, recorreremos à análise de 312 ocorrências de construções nominais não nativas, produzidas por 09 aprendizes anglófonos de PB, as quais foram submetidas à abordagem quanti-qualitativa orientada por 7 critérios morfossintáticos e semânticos.

A escolha pela abordagem construcional diassistêmica, sobre a qual falamos no primeiro capítulo desta dissertação, justifica-se diante de sua inclinação cognitivo-funcional para a abordagem de fenômenos de contato linguístico. Consideramos este modelo da GC como o mais rentável para nosso pleito tendo em vista a suficiência e a harmonização de suas proposições teóricas e metodológicas que são inovadoras e recentes na perspectiva dos MBU, de modo geral. Assim, por tratarmos de um contexto particular de aquisição de L2, entendemos que a GCD, dentre outras abordagens construcionais baseadas no uso, é a que mais se destaca hoje em termos de pertinência e coerência teórica, posto que, como dissemos, a área da GC, em aspecto amplo, ainda vem se concentrando sob um escopo descritivo essencialmente monolíngue.

Devido a sua efemeridade, por razões imprescindíveis, contextualizamos as discussões do referencial teórico abordando as escolas teóricas que lhe conferem base. Tal panorama se fez oportuno, na medida em que pudemos explorar a maneira como correntes anteriores à GCD ou pouco trataram de situações de contato linguístico com rigor teórico, ou se mantiveram atentas, unicamente, à faceta social do multilinguístico, deixando de lado aspectos de sua representação cognitiva. Por isso, em vista do recorte escolhido, no capítulo segundo, voltamos à discussão sobre o clássico modelo da interlíngua, concedendo-lhe interpretações à luz do referencial teórico construcional de base diassistêmica.

Uma vez assinaladas as motivações para estudar o processo de aquisição/aprendizagem de L2 em abordagem construcional diassistêmica, procedemos, no terceiro capítulo, à apreciação do aparato perscrutador, lógico e empírico de estudos anteriores, os quais foram elementares ao bom desenvolvimento das análises de dados. Essa

revisão bibliográfica anelou informações relativas tanto à estrutura e ao funcionamento da construção [(ESP) N (X)] nas línguas abordadas nesta pesquisa (Inglês e PB), quanto à maneira como vêm sendo desenvolvidos estudos linguísticos de diferentes filiações teóricas a respeito do comportamento da construção nominal em foco no contexto de aquisição/aprendizagem de línguas adicionais. A consonância das pesquisas debatidas com os objetivos e as hipóteses prévias da presente investigação foi salientada em diversos instantes deste percurso, em especial, na ornamentação da metodologia que optamos por seguir para a comprovação de nossas conjecturas.

Assentada ao referencial teórico e às contribuições presentes na literatura, a metodologia empreendida, apropriadamente desenvolvida no terceiro capítulo, incluiu o recolhimento de material para composição da amostra, a hipotetização a respeito dos componentes idioconstrucionais e diaconstrucionais, bem como a elaboração de critérios analíticos que visavam à análise dos polos de forma e de significado de produções não nativas de [(ESP) N (X)]. Utilizando textos integrantes do *Corpus NEI/UFRJ* que foram coletados em contexto pedagógico de ensino de PBL2, compusemos uma amostra com produções escritas de aprendizes anglófonos, isto é, falantes nativos de inglês, a qual contou com 25 escritos em português nos gêneros ‘mensagem’ e ‘texto dissertativo-argumentativo’.

Aderindo à abordagem quali-quantitativa, identificamos e investigamos os 312 usos de construtos mapeados, dentre os quais 251 (80.44%) convergentes e 61 (19.55%) divergentes com os padrões de combinação e restrição da construção [(ESP) N (X)] do PB. Partimos da hipótese de que estes poderiam ser indícios para a interpretação do *constructicon* multilíngue instanciado, em maior ou menor grau, por esquemas comuns e específicos às línguas de partida e de chegada. Por isso, de modo que a descrição fosse enriquecida e respeitosa às camadas construcionais de [(ESP) N (X)] acionadas no uso, as variáveis de análise incluíram: tipologia do especificador; animacidade do nominal nuclear; estatuto informacional da construção; papel participante (sintático) exercido no contexto de uso; presença/ausência de sintagma atributivo no slot (X); tipologia de (X) quando preenchido; e *locus*/domínio do problema em questão.

Os resultados a que chegamos e as discussões propostas evidenciaram:

1. a pertinência dos critérios de análise levantados e do modelo teórico à discussão de aquisição/aprendizagem de L2;
2. comportamentos particulares de construções nominais, seja em contextos em que foram produzidas gramaticalmente (convergentes), seja em contextos em que foram

representadas por meio de problemas prototípicos envolvendo a relação entre especificadores e nominais (divergentes);

3. a viabilidade de supor a emergência de, pelo menos, um *link* diassistêmico que pode ser um indício de uma possível diaconstrução [(ESP) N] e, por outro lado, a prevalência de idioconstruções / aspectos idioconstrucionais.

Percebemos que os fenômenos de combinação discordante, de apagamento e de preenchimento impróprio da margem esquerda de construções nominais, já descritos em estudos anteriores (SNAPE, 2008; IONIN; MONTRUL, 2010; FREITAS Jr. *et al*, 2018, 2022; ALMEIDA; ARAÚJO, 2019; NASCIMENTO *et al*, 2019, 2020), mais do que espelharem casos de interferências da L1 e de supergeneralização, aparentemente são distribuídos no uso de modo ordenado, ou seja, motivados por fatores pragmalinguísticos, os quais propiciam a análise de possíveis emergências de construções na gramática multilíngue.

Diante disso, de modo satisfatório, julgamos que a questão levantada na introdução desta dissertação – “o que sabemos quando sabemos uma língua (adicional)?” – pode ser respondida com a afirmação de que sabemos idioconstruções e diaconstruções (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021; FREITAS Jr. *et al*, 2022). Como apontam nossos resultados e nossas discussões, podemos endossar a tese de que o conhecimento linguístico, uma cognição essencialmente emergente e multilíngue, se estabelece por *links* formais e semânticos de graus variados de entrincheiramento entre pareamentos ora mais esquemáticos (diassistêmicos), ora mais subespecificados pelo componente pragmático de uma língua/variedade/registo etc (idioconstruções).

Em suma, com a presente pesquisa, pretendemos oferecer ao campo da Linguística Centrada no Uso uma contribuição significativa no que tange à difusão da GCD e de seu domínio empírico. Estimamos, por fim, que a continuidade do trabalho em outros contextos continue demonstrando relações entre tendências das representações não nativas de [(ESP) N (X)] e diaconstruções e idioconstruções no *constructicon* multilíngue de aprendizes de L2 em aspecto amplo, de modo a ratificar as possibilidades de tratamento do fenômeno da aquisição/aprendizagem de línguas em uma esfera multilíngue e construcional. Desejamos, ainda, que este estudo contribua com a discussão sobre um ensino-aprendizagem de línguas adicionais ancorado em proposições teóricas sólidas no âmbito da teoria e da análise linguística, como a recentemente desenvolvida GCD.

REFERÊNCIAS

- ABREU, F. C. de. **A categoria determinante na aquisição de português (L2) escrito por surdos**. 2020. 193f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2020.
- AIKHENVALD, A. Y. Grammars in contact. A cross-linguistic perspective. In: AIKHENVALD, A. Y (orgs.); DIXON, R. M. W (orgs.). **Grammars in contact**. A cross-linguistic typology. Oxford University Press, 2007.
- ALMEIDA, D. C.; ARAÚJO, D. M. L. Emprego (e não emprego) de determinantes em textos escritos por surdos. **Caderno de Letras**, nº 35, 2019.
- ANTÓN-MÉNDEZ, I. Gender bender: gender errors in L2 pronoun production. **Journal of Psycholinguistic Research**, v. 39, n. 2, p. 119-39, 2010.
- BAKER, M. Nominalization, Complementation and Polysynthesis. **CASTL Kick-Off Conference**. University of Tromsø: Norway, 2003.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 37ª edição, 2009.
- BERNATH, J. L. **Pinning down articles in American Sign Language**. University of Connecticut, 2009.
- BIALYSTOK, E.; CRAIK, T. H.; GREEN, D. W.; GOLLAN, T. H. Bilinguals Mind. **Psychological Science in the Public Interest**, v. 10, n. 3, p 89-129, 2009.
- BOAS, H. (orgs.); HÖDER, S. (orgs.). **Constructions in contact 2: Language change, multilingual practices and additional language acquisition**. John Benjamins Publishing Company, 2021.
- BOAS, H. (orgs.); HÖDER, S. (orgs.). **Constructions in contact**. Constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages (Constructional Approaches to Language 24). Amsterdam: Benjamins. 2018.
- BRITO, A. M. Aspects de la syntaxe du SN en portugais et en français. **Séries Linguística e Literatura, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 10, n. 2, p. 25-53, 1993.
- BRITO, A. M. Os possessivos em português numa perspectiva de sintaxe comparada. **Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas**, II Série, volume 20, Tomo II, Porto, p. 495-522, 2003.
- BOŠKOVIĆ, Ž. What will you have, DP or NP? In: ELFNER, E. (Orgs.); WALKOW, M. (Orgs.). **Proceedings of the North East linguistics society (NELS)**, v. 37, p. 101-114. Amherst: GLSA, University of Massachusetts, 2008.

BYBEE, J. [2010]. **Língua, Uso e Cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

BYBEE, J. Cognitive processes in Grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (Orgs.). **The New Psychology of Language: Cognitive and Functional Approaches to Language Structure**, 2003.

BYBEE, J. Regular morphology and the Lexicon. **Language and Cognitive Processes**, v. 10, n. 5, p. 425-55, 1995.

BROWN, D. **Principles of language learning and teaching**. New Jersey: Prentice Hall, 1994.

CALLOU, D.; PORTELA, K.; AVELAR, J.; SERRA, C. Dinâmica do específico e do genérico: artigo definido e construções existenciais. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, v. 4, n. 2, 2000.

CASTILHO, A. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
CARLSON, G. **Reference to Kinds in English**. Ph.D. Dissertation, University of Massachusetts, Amherst. New York, 1977.

CARTER, R.; MCCARTHY, M. **Cambridge Grammar of English: A Comprehensive Guide-Spoken and Written English Grammar and Usage**. 8ª Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CORDER, S. P. **Introducing Applied Linguistics**. Harmondsworth, UK: Penguin Books, 1973.

CHARAUDEAU, P. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. **Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 01-23, 2011.

CHIERCHIA, G. Reference to kinds across languages. **Natural Language Semantics**, v. 6, 339-405, 1998.

CHOI, S. H.; IONIN, T. Processing plural marking in the second language: evidence for Transfer. **Poster presented at the CUNY Sentence Processing Conference**, MIT, 2017.

CLARK, E. V. Critical periods, time and practice. University of Pennsylvania. **Working Papers in Linguistics**, v. 9, n. 2, 2003.

CROF, W.; CRUSE, A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIEHL, A. A. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DIESSEL, H. **The grammar network**: how linguistic structure is shaped by language use. Cambridge. Cambridge University Press, 2019.

DIESSEL, H.; HILPERT, M. Frequency effects in grammar. In: ARONOFF, M. (Orgs.). **Oxford Research Encyclopedia of Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2016.

DIESSEL, H. **The Grammar Network**: How linguistic structure is shaped by language use. Friedrich-Schiller-Universität Jena, 2015.

DIVJAK, D.; CALDWELL-HARRIS, C. L. Frequency and entrenchment. In: DABROWSKA, E. (Orgs.); DIVJAK, D. (Orgs.). **Cognitive Linguistics: Foundations of Language**. Mouton Reader, 2019.

DOWNING, A.; LOCKE, P. **English Grammar**: A university Course. Second Edition, Taylor & Francis e-Library, 2006.

DUARTE, I. **Língua portuguesa**: instrumento de análise. Lisboa: Universidade Aberta, 2000.
DUTRA, E.; SIMONI, T.; LIMA, M. S. A realização dos objetos direto e indireto anafóricos em português brasileiro e em espanhol. **Línguas e instrumentos linguísticos**, v. 38, p. 55-78, 2016.

DOWNING, A.; LOCKE, P. **English Grammar**: A university Course. Second Edition, 2006.
ELLIS, N. C.; WULFF, S. Cognitive approaches to second language acquisition. In: SCHWIETER, J. W. (Orgs.); BENATI, A. (Orgs.). **Language learning**. Cambridge. Cambridge University Press, 2019.

ELLIS, N. C. Frequency-based accounts of second language acquisition. In: GASS, S. M. (Orgs.); MCKEY, A. (Orgs.). **The Routledge Handbook of Second Language Acquisition**. Routledge, 2013.

ELLIS, N. C. Selective attention and transfer phenomena in L2 acquisition. Contingency, cue competition, salience, interference, overshadowing, blocking and perceptual learning. **Applied Linguistics**, v. 27, p. 164–194, 2006.

FANTE, I. P. **Descrição do sintagma nominal em português**. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa. Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/117504>. Acesso: 28 de outubro de 2022.
FERRARI, L. V. Aspectos da interferência da língua dos sinais na produção de português. **Geles, Boletim 4, ano 4, Grupo de Estudos sobre Linguagem, Educação e Surdez**, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p.12-21, 1990.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. **Language**, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.

FILLMORE, C. J. Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction. **Proceedings of the 11th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society**, p. 73-86, 1985.

FREITAS Jr., R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. S.; SILVEIRA, V. L. A gramática de construções diassistêmica: um modelo aquisicional baseado no uso. **Revista de Estudos Linguísticos (RELIN)**, v. 2, 2022.

FREITAS Jr., R. Perspectivas para o ensino de PBL2 escrito para aprendizes surdos. In: FREITAS Jr. R. (orgs.); SOARES, L. A. A. (orgs.); NASCIMENTO, J. P. S. (orgs.). **Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas – volume II**. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2021.

FREITAS Jr. R. (orgs.); SOARES, L. A. A. (orgs.); NASCIMENTO, J. P. S. (orgs.). **Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas – volume II**. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2021.

FREITAS Jr. R. (orgs.); SOARES, L. A. A. (orgs.); NASCIMENTO, J. P. S. (orgs.). **Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas – volume I**. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2020.

FREITAS Jr., R. Por uma abordagem construcional e aplicada de ensino de PBL2 para surdos: integrando a GCBU aos PCNLE e às OCEMLE. In: FREITAS Jr. R. (orgs.); SOARES, L. A. A. (orgs.); NASCIMENTO, J. P. S. (orgs.). **Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas – volume I**. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2020.

FREITAS Jr., R.; ALONSO, K. S. B.; OLIVEIRA, M. C. Explain me this: resenha sobre a obra de Adele Goldberg (2019). **Pensares em Revista**, São Gonçalo-RJ, n. 19, p. 134-139, 2020.

FREITAS Jr. R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. S.; XAVIER, H. S. S. R. Será um grande de aprendizado: uma análise descritiva dos aspectos linguísticos da escrita de surdos em PBL2 – interfaces entre textualidade, uso e cognição no estado de interlíngua. **Pensares em revista**, v. 01, 2018.

FREITAS Jr., R. **A constituição discursivo-gramatical da construção (X)VS em inglês como L2**: indícios de formação da interlíngua. Tese de Doutorado. UFRJ: Rio de Janeiro. 2011.

FREITAS Jr., R. **Reflexos pragmático-discursivos da L1 na aquisição de inglês como L2**: um estudo sobre o uso da cláusula VS. Dissertação de Mestrado. UFRJ: Rio de Janeiro. 2006.

GARNER-CHLOROS, P. **Code-switching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

GILQUIN, G.; DE KNOP, S. Exploring L2 constructionist approaches. In: GILQUIN, G. (Orgs.); DE KNOP, S (Orgs.). **Applied Construction Grammar**. De Gruyter, 2016.

GIVÓN, T. Tense-Aspect-Modality: the creole prototype and beyond. In: HOPPER, P. (Orgs.). **Typological Studies in Language: Tense-Aspect Between Semantics & Pragmatics**. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 1982.

GIVÓN, T. **Syntax and Semantics: Discourse and Syntax**. Nova York: Academic Press, vol. 12, 1979.

GOLDBERG, A. E. **Explain me this**: creativity, competition and the partial productivity of constructions. Published by Princeton University Press, 2019.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Cambridge: University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. Constructions: a new theoretical approach to language. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 7, p. 219–224, 2003.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOMES, A. P. Q.; MENDES, L. S. **Para conhecer Semântica**. Editora Contexto: São Paulo, 2019.

GONÇALVES, S. C. L. O papel de L1 na aquisição de L2: um estudo de caso na comunidade Yuba. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 36, 2011. DOI: 10.20396/ce1.v36i0.8637109. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ce1/article/view/8637109>. Acesso em: 4 nov. 2022.

GONÇALVES, S. C. L. O parâmetro da linearidade em sintagmas nominais produzidos por crianças durante a aquisição do português como segunda língua. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 42, n. 1, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4268>. Acesso em: 4 nov. 2022.

GONÇALVES, B.; WIEDEMER, M. L.; NASCIMENTO, J. P. S. **Indícios da cognição emergente multilíngue na produção escrita em inglês como L2**: discutindo interferências e supergeneralizações. No prelo.

GRIES, S. T.; STEFANOWITSCH, A. Extending collocation analysis: A corpus-based perspectives on 'alternations'. **International Journal of Corpus Linguistics**, v. 9, n. 1, p. 97-129, 2004.

GROSJEAN, F. The bilingual's language modes. In: NICOL, J. L. (orgs.). **One mind, two languages**. Bilingual language processing. Malden: Blackwell, 2001.

HAKIMOV, N.; BACKUS, A. Usage-Based Contact Linguistics: Effects of frequency and similarity in language contact. **Journal of language contact**, v. 13, p. 459-481, 2021.

HEYE, J.; SAVEDRA, M. M. G. (Orgs.). **Revista Palavra**, Rio de Janeiro, n. 11, 2003.

HILPERT, M.; ÖSTMAN, J. (eds.) **Constructions across Grammars**. Amsterdam: John Benjamins, 2016.

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh University Press, 2014.

HÖDER, S.; FREITAS Jr., R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. S. Interview of Steffen Höder. **Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, v. 23, n. 1, 2021.

HÖDER, S.; PRENTICE, J.; TINGSELL, S. Additional language acquisition as emerging multilingualism. A construction grammar approach. In: BOAS, H. (orgs.); HÖDER, S. (orgs.). **Constructions in contact 2: Language change, multilingual practices and additional language acquisition**. John Benjamins Publishing Company, 2021.

HÖDER, S. Phonological schematicity in multilingual constructions: a diasystematic perspective on lexical form. **Word Structure**, v. 12, 334–352, 2019.

HÖDER, S. Grammar is community-specific: Background and basic concepts of Diasystematic Construction Grammar. In: BOAS, H. (orgs.); HÖDER, S. (orgs.). **Constructions in contact**. Constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages (Constructional Approaches to Language 24). Amsterdam: Benjamins. 2018.

HÖDER, S. Constructing diasystems. Grammatical organisation in bilingual groups. In: ÅFARLI, T. A (orgs.); MÆHLUM, B. (orgs.). **The sociolinguistics of grammar (Studies in Language Companion Series 154)**. Amsterdam: Benjamins, 2014.

HÖDER, S. Multilingual constructions: a diasystematic approach to common structures. In: BRAUNMÜLLER, K (orgs.); GABRIEL, C. (orgs.). **Multilingual individuals and multilingual societies (Hamburg Studies on Multilingualism 13)**. Amsterdam: Benjamins. 2012.

HÖDER, S. Sprachausbau im Sprachkontakt. Syntaktischer Wandel im Altschwedischen (Germanistische Bibliothek 35). **Heidelberg**: Winter, 2010.

HOFFMANN, T. (orgs.); TROUSDALE, G. (orgs.). **The Oxford handbook of construction grammar**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2013.

HERBST, T. Foreign language learning is construction learning – what else? Moving towards Pedagogical Construction Grammar. In: In: GILQUIN, G. (Orgs.); DE KNOP, S (Orgs.). **Applied Construction Grammar**. De Gruyter, 2016.

HYMES, D. Acerca de la competencia comunicativa. **Forma y Función** (9), Santafé de Bogotá, junio de 1996.

IONIN, T.; MONTRUL, S. The Role of L1 Transfer in the Interpretation of Articles with Definite Plurals in L2 English. **Language Learning**, 60 (4), 877–925. 2010.

KAY, P. The kind of / sort of construction. **Proceedings of the 10th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society**, p. 157-171, 1984.

KOULIDOBROVA, E.; LILLO-MARTIN, D. A ‘point’ of inquiry: The case of the (non) pronominal. In: TRUTKOWSKI, E. et al (orgs.). **The impact of pronominal form on interpretation**. Boston/Berlin: De Gruyter Mouton, 2016.

KÜHL, K.; BRAUNMÜLLER, K. Linguistic stability and divergence: an extended perspective on language contact. In: BRAUNMÜLLER, K. (Orgs.); HÖDER, S. (Orgs.); KÜHL, K. (Orgs.). **Stability and divergence in Language Contact**. John Benjamins Publishing Company, 2014.

KRASHEN, S. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Oxford, Pergamon, 1982.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAKOFF, G. Linguistic gestalts. **Papers from the 13th annual meeting of the Chicago Linguistics Society**, p. 236-287, 1977.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical prerequisites**. Stanford: University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. Semantic representations and the linguistic relativity hypothesis. **Foundations of language**, v. 14, n. 3, p. 307-357, 1976.

LARDIERE, D. Some thoughts on the contrastive analysis of features in second language acquisition. **Second Language Research**, 2009.

LIMA-SALLES, H. M. M.; PIRES, L. C. Desenvolvimento linguístico na aquisição de português L2 (escrito) por surdos: a estrutura do sintagma nominal. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 10, n. 3, 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1090>. Acesso em: 4 nov. 2022.

LARDIERE, D. Knowledge of definiteness despite variable article omission in second language acquisition. In: BRUGOS, A. (Orgs.); MICCIULLA, L. (Orgs.); SMITH, C. (Orgs.). **BUCLD 28 Proceedings**. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2004.

LOPES, L. S. F. **A interlíngua Português-Libras: aquisição da categoria dos determinantes por surdos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2018.

LOURENÇO, G. **Concordância, caso e ergatividade em Língua de Sinais Brasileira: uma proposta minimalista**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

LYONS, C. **Definiteness**. Cambridge. Cambridge University Press, 1999.

MATEUS, M. H. M.; BRITO, A.; DUARTE, I. F.. **Gramática da língua portuguesa**. 5ª edição. Lisboa: Editora Caminho, 2003.

MAYO, M. P. G. Article choice in L2 English by Spanish speakers. In: MAYO, M. P. G. (Orgs.); HAWKINS, R. (Orgs.). **Second language acquisition of articles**. John Benjamins Publishing Company, 2009.

MCLAUGHLIN, B. **Theories of second language learning**. London: 70 Edward Arno 1987.

MOTA, M.; ZIMMER, M. C. Cognição e aprendizagem de L2: o que nos diz a pesquisa nos paradigmas simbólico e conexionista. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 2, 2005.

MÜLLER, A.; OLIVEIRA, F. Bare Nominals and Number in Brazilian and European Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, Portugal, v. 3, n. 1, p. 9-36, 2004.

MÜLLER, A. The Semantics of Generic Quantification in Brazilian Portuguese. **PROBUS**, n. 14, p. 279-298, 2002.

NASCIMENTO, J. P. S.; FREITAS Jr., R.; SOARES, L. A. A. Contribuições da Linguística Baseada no Uso para o ensino de PB como língua adicional: os processos cognitivos gerais e a didática aquisicional. In: FREITAS Jr. R. (orgs.); SOARES, L. A. A. (orgs.); NASCIMENTO, J. P. S. (orgs.). **Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas – volume II**. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2021.

NASCIMENTO, J. P. S. **A escrita infantil de surdos de primeira geração: um estudo cognitivo-funcional sobre o recrutamento de processos mentais de domínio geral na aquisição de PBL2**. Monografia de conclusão de curso de Licenciatura em Letras. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

NASCIMENTO, J. P. S.; FREITAS Jr., R.; SOARES, L. A. A. O status representacional de sintagmas nominais do PB no constructicon de L2 de crianças surdas. **Revista E-escrita**, v. 11, 2020.

NASCIMENTO, J. P. S.; SOARES, L. A. A.; FREITAS Jr. R. Os bastidores da escrita: análise cognitivo-funcional de processos cognitivos operantes na aquisição de PBL2 por surdos bilíngues. **Revista Diálogos**, v. 7, 2019.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NITSCH, V. C. O. W. **Complexidade dos sintagmas nominais do inglês: um estudo comparativo de corpora de aprendizes brasileiros e falantes nativos de inglês**. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

OCHS, E.; SCHIEFFELIN, B. (Orgs). *Developmental pragmatics*. New York: Academic, 1979.

ODLIN, T. **Cross-linguistics influence in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press. 1989.

ORTEGA, L. **Understanding second language acquisition**. Abingdon, UK: Routledge, 2014.

ÖSTMAN, J. O.; FRIED, M. **Construction grammar in a cross-language perspective**. Amsterdã/ Philadelphia: John Benjamins, 2005.

PINHEIRO, D.; ALONSO, K. S. B. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou. **Revista Linguística**, v. 14, n. 1, p. 6-29, 2018.

- PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). **Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem**. Campos: Brasil Multicultural, 2016.
- PINHEIRO, D. **Curso básico de Gramática de Construções**. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sf.
- PIRES DE OLIVEIRA, R. **O Parâmetro Lexical: Contagem e Espécie**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- POPPER, K. **Conjecturas e refutações**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- PRADO, L. C. **Sintaxe dos determinantes na Língua Brasileira de Sinais e aspectos de sua aquisição**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2014.
- RAPOSO, E. Estrutura da frase. In: RAPOSO et al. (Orgs.). **Gramática do português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, vol. I, p. 303-400, 2013.
- ROBENALT, C.; GOLDBERG, A. E. Nonnative speakers do not take competing alternative expressions into account the way native speakers do. **Language Learning**, v. 66, n. 1, p. 60-93, 2016.
- ROBERTSON, D. Variability in the use of the English article system by Chinese learners of English. **Second Language Research**, v. 16, n. 2, p. 135-172, 2000.
- ROMAINE, S. **Bilingualism**. Blackwell: Oxford, 1995.
- ROSA, P. S. Nominais nus no português brasileiro: as particularidades do singular nu. **Cadernos de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, v. 4, n. 2, p. 55-64, 2018.
- ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo, 60 (2), p. 233-259, 2016.
- SALINAS, A. Ensino de espanhol para brasileiros: destacar o uso ou a forma. In: SEDYCIAS, J. (org.). **O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro**. São Paulo: Parábola, 2005.
- SANKOFF, G.; BROWN, P. The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin relatives. **Language**, v. 52, n. 3, p. 631-666, 1976.
- SAVEDRA, M. M. G.; CHRISTINO, B. P.; SPINASSÉ, K. P.; ARAUJO, S. S. F. Estudos em Sociolinguística de Contato no Brasil: a diversidade etnolinguística em debate. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. 01-28, 2021.
- SAVEDRA, M. M. G.; GAIO, M. L. M.; NETO, M. E. C. Contato Linguístico e imigração no Brasil: fenômenos de manutenção/revitalização, language shift e code-switching. **Veredas online**, Juiz de Fora, v. 19, n.1, p. 71-91, 2015.

- SCHMID, H. J. Linguistic entrenchment and Its Psychological Foundations. In: SCHMID, H. J. (Orgs.). **Entrenchment and the Psychology of language learning: how we reorganize and adapt**. American Psychological Association, 2016.
- SCHMITT, C.; MUNN, A. The Syntax and Semantics of Bare Arguments in Brazilian Portuguese. **Linguistic Variation Yearbook**, v. 2, n. 1, 185-216, 2002.
- SCHMITT, C.; MUNN, A. Against the Nominal Mapping Parameter: Bare Nouns in Brazilian Portuguese. **NELS**, n. 29, p. 339-353, 1999.
- SELINKER, L. Interlanguage. **International Review of Applied Linguistics**, v.10, p 209-231, 1972.
- SOARES, L. A. .A. Emergência de línguas antes e a partir da escolarização de crianças surdas: gramáticas em competição. In: FREITAS Jr. R. (orgs.); SOARES, L. A. A. (orgs.); NASCIMENTO, J. P. S. (orgs.). **Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas – volume II**. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2021.
- SOARES, L. A. A. **A emergência de um sistema de competidores: um estudo cognitivo-funcional dos processos mentais subjacentes ao desenvolvimento do PBL2 em surdos universitários**. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Instituto de Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.
- SNAPE, N. Japanese and Spanish adult learners of English: L2 acquisition of generic reference. **Studies in Language Sciences: Journal of the Japanese Society for Language Sciences**, 12, 70 - 94, 2013.
- STOWELL, T. A. Determiners in NP and DP. In: LEFFEL, K. (Orgs.); BOUCHARD, D. (Orgs.). **Views on phrase structure**. Kluwer: Dordrecht, 1991.
- TAYLOR, J. R. **Cognitive grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- THEAKSTON, A. The role of entrenchment in children's and adult's performance on grammaticality judgment tasks. **Cognitive Development**, Orlando, v.19, n.1, 2004.
- THOMASON, S. G. **Language Contact: An Introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.
- THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language contact, creolization and linguistics genetics**. Berkeley: University of California Press, 1988.
- TOMASELLO, M. Acquiring linguistic constructions. In: KUHN, D.; SIEGLER, R. (Ed.). **Handbook of child psychology: cognitive development**. New York: Wiley, 2006.
- TOMASELLO, M. **As origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2003.
- TOMASELLO, M. Do young children have adult syntactic competence? **Cognition**, [s.l.], v.74, n.3, 2000.

TOMASELLO, M. The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure. London: **Lawrence Erlbaum Associates**, v.1, 1998.

TOMASELLO, M. **First verbs**: a case study of early grammatical development. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WANG, X. Construction grammar and its application to second language acquisition. **Curriculum and Teaching Methodology**, v. 4, n. 6, 2021.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for theory of linguistic change. In: LEHMANN, W. (orgs.); MALKIEL, Y. (orgs.) **Directions for historical linguistics**. Austin, University of Texas Press, 1968.

WEINREICH, U. Is a structural dialectology possible? **Word**, v. 10, p. 388-400, 1954.

WEINREICH, U. **Languages in contact, findings and problems**. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. S. Paradigma discursivo como (proto)construção: alternância linguística via práticas sociocomunicativas. In.: MACHADO VIEIRA, M. S.; MEIRELES, V. **Variação em português e em outras línguas românicas**. São Paulo: Blucher, p. 174-199, 2022 (a sair).

WIEDEMER, M. L.; OLIVEIRA, V. M. Graus de esquematicidade e produtividade: a relação entre gradiência e extensibilidade. **Revista Soletras**, v. 37, 2019.

WHITE, L. **Second language acquisition and universal grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

WILBUR, R. Internally-headed relative clauses in sign languages. **Glossa: a journal of general linguistics**, v. 2, n. 1, 2017.

WINFORD, D. **An Introduction to Contact Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

WRIGHT, V. C. O. **Os sintagmas nominais do inglês**: um estudo comparativo de *corpus* entre o uso de determinantes na produção escrita de falantes nativos do inglês e aprendizes brasileiros. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Projeto NEI] - Núcleo de Estudos sobre Interlíngua] – UFRJ

Nome do voluntário: _____.

Idade: _____ anos

Você está sendo convidado a disponibilizar seus textos/ os textos de seus filhos para compor a base de dados do projeto de pesquisa NEI] - UFRJ, de responsabilidade dos pesquisadores Dr. Roberto Freitas Junior e Dra. Lia Abrantes Antunes Soares, professores do Setor de Estudos Linguísticos do Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição. Os textos serão usados como objeto de investigação linguística, sem identificação de seus autores.

Eu, _____, portador do RG nº _____, declaro ter sido informado sobre o trabalho de pesquisa a ser realizado e autorizo o uso dos textos produzidos por mim pelos integrantes do projeto de pesquisa supracitado.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____

ASSINATURA

ANEXO B – FICHA DE PERFIS SOCIOLINGUÍSTICOS

INFORMAÇÕES SOBRE O PARTICIPANTE DA PESQUISA

Nome:	Idade:	Ano da coleta:
Sexo:		
Escolaridade		
Educação básica: Escola pública () Escola particular () / Bilíngue () Regular ()		
Nome da escola: _____		
Nível: superior incompleto () superior completo () Pós-graduação ()		
PARA APRENDIZES ESTRANGEIROS:		
País de origem: _____		
Língua materna: _____		
O seu país fala mais de uma língua? () sim () não. Se sim, indique quais: _____		
Você fala quantas línguas? Quais? _____		
PARA APRENDIZES SURDOS:		
Surdez e família		
Tipo de surdez: congênita () adquirida ()		
Nível da perda: profunda () severa () moderada () leve ()		
Perda auditiva: _____% OD _____% OE		
Pai: ouvinte () surdo () Mãe: ouvinte () surda ()		
Seus pais aprenderam libras?		
Mãe: sim () não () Pai: sim () não () Irmãos: sim () não ()		
Como você se comunica com seus pais e irmãos?		
() libras () gestos () português oral () português escrito		
Em casa, seus pais faziam exercícios orientados pelo fonoaudiólogo?		
não () às vezes () sempre ()		
Atendimento fonoaudiológico		
Nunca () Sim ()		
Clínica/ hospitalconsultório: particular () público ()		
Frequência por semana: criança: ____ vez(es) adolescente: ____ vez(es) adulto: ____ vez(es).		
O fonoaudiólogo usava libras durante o atendimento? Sim () Não ()		
O fonoaudiólogo ensinou você a ler e a escrever? Sim () Não ()		
Você faz leitura labial? não () muito bem () pouco () muito pouco ()		
Contato com a Libras		
com os pais () com o fonoaudiólogo () com amigos () na escola ()		

Informante

ANEXO C – LINKS DE ACESSO À AMOSTRA

Observação:

Por uma questão de extensão, julguei por bem disponibilizar os *links* que redirecionam para uma versão *on-line* não editável da amostra que serviu de base para as análises deste estudo.

Então, caso o(a) leitor(a) queira consultar, seguem os endereços:

- Amostra dos dados convergentes: [Análises de dados Mestrado João Paulo](#)
- Amostra dos dados divergentes: [Análises de dados Mestrado João Paulo](#)